

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Júlio de Mesquita Filho”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

JORNALISMO INFANTIL NO JORNAL IMPRESSO:
UM ESTUDO DOS SUPLEMENTOS FOLHINHA E
JC CRIANÇA

BAURU – SP

2017

GABRIELA VANNI ARROYO

**JORNALISMO INFANTIL NO JORNAL IMPRESSO:
UM ESTUDO DOS SUPLEMENTOS FOLHINHA E
JC CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientação: Prof^a Adj^a Maria Cristina Gobbi.

BAURU – SP

2017

GABRIELA VANNI ARROYO

**JORNALISMO INFANTIL NO JORNAL IMPRESSO:
UM ESTUDO DOS SUPLEMENTOS FOLHINHA E
JC CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, sob orientação da Prof^a Adj^a Maria Cristina Gobbi.

Prof^a Adj^a Maria Cristina Gobbi.
Orientadora
Unesp – Bauru

Prof. Adj. Maximiliano Martin Vicente
Convidado interno
Unesp – Bauru

Ms. Giselle Castilho Hilário Bonomo
Convidada externa
Jornalista

Bauru, 09 de março de 2017

Dedico este trabalho à minha mãe e ao meu pai, meus maiores amores. Dedico também a todas as crianças, pela eterna curiosidade – que possuem e despertam.

Estes agradecimentos foram alicerçados sobre dois pilares: aprendizado e amor. Pelos que eu não senti amor, agradeço imensamente pelo que me foi ensinado (seja nos sorrisos ou nas lágrimas). Aos que amo, não posso sequer agradecer pelas pessoas que são, posso apenas agradecer pela sorte de tê-los encontrado em meu caminho.

Este trabalho é o resultado de uma vida, pois, para chegar até este ponto da estrada, foi preciso percorrer um longo e sinuoso trajeto. Viajando pelas minhas próprias lembranças, me recordo do Sesi dos onze anos em que lá estive. Encontrei professores inspiradores, fiz amigos verdadeiros, me senti especial. Agradeço ao Sesi por ter feito nascer em mim a confiança de que a transformação do mundo mora na educação.

Agradeço ao karatê pela disciplina, à dança por me fazer sempre atenta ao sentir, às aulas de inglês pela curiosidade despertada e ao cursinho pelas doses de paciência e persistência. Agradeço também à igreja por ter me possibilitado a vida em comunidade, mas, principalmente, por ter me ensinado que a bondade verdadeira é praticada fora das suas paredes.

Ao Senai, agradeço pela oportunidade de perceber na prática o que eu não queria para o meu futuro. Foi entre as aulas de instalação elétrica e hidráulica que eu descobri que era entre pessoas que eu gostaria de estar.

Quando sai do Sesi, me questionava se um dia viria a gostar tanto de outro lugar como gostava daquela escola. Por ter me mostrado que sim, agradeço à Unesp. Agradeço aos colegas de sala pelas diferenças, aos projetos de extensão por me possibilitarem errar sem temer, aos bons professores pelas mediações enriquecedoras e à cidade de Bauru pela acolhida. Agradeço especialmente à minha orientadora, a professora Maria Cristina, por ter me transmitindo leveza e segurança desde o início, o que despertou em mim o prazer pela pesquisa. Agradeço também ao CNPq pelo financiamento da minha pesquisa de iniciação científica, origem deste trabalho.

À Érica, à Lais, à Mariana e à Marília agradeço por, assim como eu, terem sido resistentes ao trote no primeiro dia de aula, escolha que selou o que viria a ser uma das mais belas amizades que já conheci. Agradeço também à Gabriele por ter se unido ao grupo ainda no primeiro ano e, por muitas vezes, ter me feito esquecer quem era a La e quem era a Le. Diria que essa amizade sêxtupla foi uma canção iluminada de sol.

Agradeço também à Carolina, à Fernanda e à Paola por terem feito do 501 um lar. Eu que, não tenho irmãos, aprendi a dividir o quarto, o guarda-roupa, a geladeira e até mesmo as dores e alegrias do viver.

À minha família, sempre muitos quilômetros distantes, agradeço por terem estado todo o tempo no meu coração. À Deus agradeço pela certeza de estar sempre acompanhada e protegida. Por fim, demonstro o meu reconhecimento e eterna gratidão às duas pessoas mais importantes da minha vida. Agradeço aos meus pais, Rose e Nei, por terem feito dos meus sonhos os deles e por jamais terem soltado a minha mão para atravessar a rua. Com o tempo, espero poder ser eu a guiá-los.

“Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem „tratar“ sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face ao mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível.” (FREIRE, 2014, p.57)

RESUMO

O jornalismo infantil observado no jornal impresso é o tema deste trabalho, que busca compreender o contexto atual da produção jornalística para crianças quando se trata da imprensa – considerada por muitos como algo ultrapassado pelas tecnologias digitais. Além da curiosidade de se conhecer o cenário atual do jornalismo infantil no Estado de São Paulo e as características jornalísticas da *Folhinha* e do *JC Criança*, a intenção era descobrir se os suplementos infantis impressos colaboravam com o desenvolvimento infantil e se, assim, o seu gradual desaparecimento poderia implicar negativamente no crescimento da criança. Para tanto, a revisão bibliográfica foi o método utilizado ao se contextualizar brevemente a história do jornal impresso, ao se buscar a compreensão do desenvolvimento da criança e também da infância enquanto construção social. Para se ter consciência dos jornais impressos que ainda produzem jornalismo para criança, foi feito um levantamento de dados, no qual se utilizou os portais e as redes sociais dos próprios jornais, além do telefone. As características dos suplementos infantis da *Folha de S. Paulo* e do *Jornal da Cidade* que representam, respectivamente, um jornal de circulação nacional e o outro de circulação regional, foram analisadas por meio da análise de conteúdo. Nesse contexto metodológico, as seis entrevistas realizadas com profissionais relacionados às áreas da comunicação e da educação infantil trouxeram novas perspectivas ao estudo. Assim, observou-se que as empresas jornalísticas enfrentam uma crise referente ao modelo de negócio (muito dependente da publicidade) e que, por tal motivo, o jornalismo infantil está pouco a pouco deixando de existir nos jornais impressos paulistas. Por outro lado, percebeu-se também que o jornalismo infantil em meio impresso apresenta características que o digital não consegue substituir e suprir, como é o caso do desenvolvimento motor associado ao virar da página. Desse modo, concluiu-se que a preocupação atual dos veículos noticiosos pode até ser em como atrair leitor e receita, mas para o jornalismo infantil em si a preocupação da prática profissional enquanto função social volta-se para o desenvolvimento da criança e para a construção crítica do cidadão mirim.

Palavras-chave: Jornal impresso. Jornalismo infantil. Criança. *Folhinha*. *JC Criança*.

ABSTRACT

The children's journalism observed in the printed newspaper is the topic of this research, which look for to understand the context of journalistic production for children nowadays – when the press media is considered outdated by digital technologies. Further the curiosity of knowing the current scenario of children's journalism in the State of São Paulo and the journalistic features of *Folhinha* and *JC Criança*, the intention of this paper was to find out if printed children's journals could help in children's development and, if so, discovered if their gradual disappearance could negatively affect the child's growth. For this purpose, the bibliographical review was the method used to briefly contextualize the history of the printed newspaper, this method was used to understand the development of the child and also to understand childhood as a social construction. In order to be aware of the printed newspapers that still produce journalism for children, a survey was carried out, using the portals and social networks of the newspapers, as well as the telephone. The characteristics of the children's journals of *Folha de S. Paulo* and *Jornal da Cidade*, which represent, respectively, one newspaper of national circulation and the other of regional circulation, were analyzed through content analysis. In this methodological context, the six interviews conducted with professionals related to the areas of communication and early childhood education brought new perspectives to the study. Thus, it was observed that journalistic companies face a crisis regarding the business model (very dependent of advertising) and that, for this reason, children's journalism is gradually ceasing to exist in print newspapers in São Paulo. On the other hand, it was also noticed that children's print journalism presents features that digital cannot replace and supply, as is the case of motor development associated with turning the page. Thus, it was concluded that the current concern of news vehicles may even be in how to attract readership and revenue, but for child journalism itself the concern of professional practice as a social function must be turned to the development of the child and to the critical construction of the young citizen.

Palavras-chave: Printed newspaper. Children's journalism. Child. *Folhinha*. *JC Criança*.

LISTA DE QUADROS

Quadro	Título	Página
1	Circulação dos jornais paulistas no ano de 2015 em ordem decrescente	45
2	Jornais sem média de circulação por edição no ano de 2015	46
3	Jornais paulistas vinculados ao IVC e o jornalismo infantil	47
4	Dias de circulação do suplemento infantil	50
5	Edições iniciais da <i>Folhinha</i> e do <i>JC Criança</i> a serem analisadas	55
6	Edições da <i>Folhinha</i> e do <i>JC Criança</i> que formam o corpus da análise	55
7	Frequência de publicação dos cadernos, suplementos ou guias da <i>Folha</i>	59
8	Editoras da <i>Folhinha</i> e suas características em cada fase	63
9	Organização do conteúdo da <i>Folhinha</i>	64
10	Gêneros jornalísticos na <i>Folhinha</i>	69
11	Porcentagem do jornalismo informativo e do opinativo na <i>Folhinha</i>	69
12	Organização do conteúdo do <i>JC Criança</i>	70
13	Principais características da <i>Folhinha</i> e do <i>JC Criança</i>	89

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico	Título	Página
1	Códigos linguísticos – <i>Folhinha</i>	65
2	Códigos icônicos – <i>Folhinha</i>	67
3	Gêneros – <i>Folhinha</i>	68
4	Temáticas – <i>Folhinha</i>	72
5	Fontes – <i>Folhinha</i>	73
6	Faixa etária da fonte criança – <i>Folhinha</i>	74
7	Códigos linguísticos – <i>JC Criança</i>	81
8	Códigos icônicos – <i>JC Criança</i>	82
9	Gêneros – <i>JC Criança</i>	84
10	Temáticas – <i>JC Criança</i>	86
11	Fontes – <i>JC Criança</i>	87

SUMÁRIO

1	Introdução	14
2	O jornal impresso: história e contexto.....	20
2.1	Resgate histórico, um breve passeio pelas primeiras publicações	21
2.2	Brasil em foco, da Imprensa Régia aos jornais modernos	23
2.3	A segmentação e os suplementos infantis	27
3	A criança e a infância	31
3.1	A criança em desenvolvimento	31
3.2	A construção social da infância	38
3.3	A interação biológica e social	40
4	O Jornalismo infantil impresso	43
4.1	Jornalismo infantil	50
4.2	A Folhinha e o <i>JC criança</i> na atualidade	51
5	A Folhinha e o <i>JC Criança</i>	55
5.1	<i>Folha de S. Paulo</i>	57
5.2	<i>Folhinha</i>	59
5.2.1	Resultados	64
5.2.1.1	Capa: código linguístico	65
5.2.1.2	Capa: código icônico	66
5.2.1.3	Gêneros	68
5.2.1.4	Temáticas	70
5.2.1.5	Fontes	72
5.2.1.6	Foco Noticioso.....	74
5.2.1.7	Observações	75
5.3	<i>Jornal da Cidade</i>	77
5.4	<i>JC Criança</i>	77
5.4.1	Resultados	79
5.4.1.1	Capa: código linguístico	80
5.4.1.2	Capa: código icônico	81
5.4.1.3	Gêneros	82
5.4.1.4	Temáticas	84
5.4.1.5	Fontes	86

5.4.1.6	Foco Noticioso.....	87
5.4.1.7	Observações	88
5.5	Observações Gerais	85
6	Considerações Finais	92
	Referências	94
	Glossário	100
	Apêndices	101
	Anexos	209

“Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!
Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!
Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.
É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!
Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.
Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!
Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.
Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.”
(MEIRELES, 1990, web)

1 INTRODUÇÃO

Considerando-se os jornais diários com maior circulação no ano de 2015, associados ao Instituto Verificador de Comunicação (IVC), de acordo com as informações do Mídia Dados 2016, observa-se que nenhum dos citados a seguir produz e imprime cadernos específicos para o público infantil nos dias atuais.

O mineiro *Super Notícia*, o terceiro jornal com a maior circulação média de exemplares, 298,6 mil por edição, foi lançado em maio de 2002 com o objetivo de “[...] produzir um conteúdo voltado ao segmento dito „popular“ de leitores” (ARRUDA, 2015, p.22). Tal posicionamento de público pode até influenciar na hora de selecionar o conteúdo e trabalhá-lo para ser publicado, entretanto, não justifica o fato de que o jornal não edita nenhum caderno, seção ou até mesmo coluna que se volte para as crianças enquanto leitoras.

Outro jornal que também não reserva um espaço físico específico para as crianças é *O Globo*. O jornal do Rio de Janeiro que ocupa a segunda posição no *ranking* de circulação média de exemplares, imprimindo uma média de 311,2 mil cópias por dia, encerrou a publicação do seu caderno infantil intitulado *Globinho* em 2013, transferindo o espaço destinado às crianças no jornal impresso para a plataforma digital. Conforme informado pelo jornal na descrição do blog, *Globinho* seria um espaço dedicado às crianças, trazendo novidades literárias, dicas e também programação cultural, com um conteúdo que seria diariamente atualizado.

O jornal apresentou tal mudança como “[...] um novo passo na história do *Globinho*” (O GLOBO, 2013), alegando que a marca infantil do jornal mergulharia na era virtual. Entretanto, sem se despedir, o blog deixou de ser alimentado e a última publicação da página inicial é a notícia “Encontro marcado com os personagens de „*Toy Story*””, de 27 de novembro de 2015.

No ano passado, foi a vez de outro caderno infantil veiculado em um jornal de grande circulação deixar de ser publicado. A *Folha de S. Paulo*, com uma média de 335,9 mil cópias por edição, foi o jornal brasileiro com maior circulação em 2015. Entretanto, ocupar tal posição não foi suficiente para evitar os cortes. Na edição de 16 de abril de 2016, o jornal anunciou o fim da *Folhinha*. Utilizando 172 caracteres e o título “Despedida”, lia-se no canto inferior direito da Página 2 do suplemento: “[...] após 52 anos a *Folhinha* deixa de ser publicada. Os assuntos tratados aqui estarão na nova revista saopaulo, que estreia em maio. Saiba mais em *Poder* neste domingo (17)”.

Na Página A6 da edição de domingo do caderno *Poder*, o conteúdo extra que havia sido prometido no dia anterior foi publicado em uma notícia intitulada “*Folha realiza mudanças e estreia nova saopaulo*”, cuja linha fina foi “*Folhinha e Guia de Livros são encerrados*”. O texto anunciou que a *Folhinha* seria transformada em uma seção da nova revista saopaulo, porém, não explicou as motivações ou até mesmo as consequências, seja para o jornal ou para as crianças, da mudança.

A partir desses três jornais brasileiros, observa-se uma tendência dos periódicos com distribuição nacional em não mais publicar cadernos infantis. Por outro lado, nota-se uma resistência maior dos jornais com circulação regional. Um exemplo é o suplemento *JC Criança*, encartado no *Jornal da Cidade*, de Bauru (SP), periódico que em 2015 apresentou uma circulação média de 15,4 mil exemplares por edição, de acordo com o Mídia Dados 2016.

Ao se mudar o foco do veículo noticioso do adulto para a criança, é possível perceber que, como consequência, ela enquanto leitora está perdendo espaço no jornalismo impresso e isso, de alguma forma, interfere no seu direito em ter oportunidade de se desenvolver em diferentes espaços, conforme defendido pela Assembleia das Nações Unidas em 1959 e ratificada pela Constituição brasileira em 1961:

A criança gozará proteção social e ser-lhe-ão proporcionadas oportunidades e facilidades, por lei e por outros meios, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, de forma sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade. Na instituição das leis visando este objetivo levar-se-ão em conta sobretudo, os melhores interesses da criança (ASSEMBLEIA DAS NAÇÕES UNIDAS, 1959).

Como defendido por Oliveira (2010), é necessário entender que o conceito de criança ganha interpretações distintas no decorrer da história, sendo que, na atualidade, a “concepção do adulto é substituída pela ideia da criança amadurecida pelas condições sociais em que está inserida” (OLIVEIRA, 2010, p.40). Nesse sentido, a escassez ou ausência de um espaço próprio para elas na mídia torna-se um retrocesso por parte dos jornais.

Olhando para o futuro, José Marques de Melo (2006) considera que um dos obstáculos que impede a imprensa diária de crescer e de ser democrática é o analfabetismo crônico. “Grande parte da nossa população permanece analfabeta porque não aprendeu a ler e a escrever ou porque foi induzida a ter ojeriza pela leitura”, considera o jornalista, professor universitário e pesquisador brasileiro (2006, p.87), que completa o raciocínio afirmando que

“[...] a nossa escola não estimula a leitura nem cria hábito de ler nas novas gerações” (MARQUES DE MELO, 2006, p.87).

Associado a isso, é comum ver crianças na mídia. Mas a criança sendo o assunto tratado pelos veículos de comunicação e não a criança enxergada como parte da sociedade e que, por isso, também necessita de informação, assim como ocorre com os grupos das demais faixas etárias. Porém, como defendido pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), o jornalismo pode e deve:

[...] contribuir positivamente para o desenvolvimento do público infanto-juvenil, estimulando sua criatividade e seu pensamento crítico. Assim, a discussão sobre mídia e crianças envolve dois conceitos, que não se enfrentam, mas se complementam: proteção dos direitos e promoção de conteúdos de qualidade (ANDI, 2013, p.22).

Dessa forma, a presente pesquisa se mostra relevante para o interesse público e para a sociedade em geral, pois estuda os suplementos infantis encartados em dois jornais impressos sob a ótica de proteger os direitos das crianças, promovendo o desenvolvimento sadio. Pois acredita-se que dessa forma a mídia cumprirá um de seus papéis sociais.

Observando o cenário atual dos cadernos infantis e a responsabilidade social para com a infância, a presente pesquisa propõe-se a compreender as características do jornalismo infantil por meio de dois suplementos impressos: a *Folhinha*, de circulação nacional, e o *JC Criança*, de circulação regional.

Tem-se como objetivos específicos entender a trajetória do jornalismo impresso até se chegar ao jornalismo infantil; perceber a criança enquanto ser em desenvolvimento e como a infância é uma construção social; fazer um levantamento atual dos jornais impressos paulistas que apresentam espaço para o público infantil; e analisar cinco edições de cada uma das duas publicações acima citadas.

Para cumprir com os objetivos específicos estabelecidos e, assim, alcançar o objetivo geral proposto, foram necessárias diferentes metodologias. A primeira delas foi a revisão bibliográfica, base da contextualização histórica do jornal impresso e da visão de criança e infância apresentadas nesta pesquisa. O segundo método foi a coleta de dados. Com base nos jornais impressos com circulação diária do Estado de São Paulo auditados pelo IVC e publicados pelo Mídia Dados 2016, coletou-se pelos portais dos jornais, pelas redes sociais e por telefone informações a respeito de quais títulos continuavam a produzir suplementos infantis impressos.

Uma metodologia complementar foi a entrevista. Realizada com seis profissionais que trabalham direta ou indiretamente com comunicação infantil (as editoras da *Folhinha* e do *JC Criança*, um ilustrador do *JC Criança*, uma especialista em jornalismo infantil, um pedagogo e um psicólogo infantil), as entrevistas vieram para complementar e apresentar novas ideias sobre o tema aqui discutido: a criança e o jornalismo para ela produzido nos jornais impressos. A metodologia de análise dos suplementos é explicada no próprio capítulo referente a elas, o Capítulo 5.

Desse modo, o Capítulo 2 aborda a história da imprensa, partindo da invenção da prensa e chegando à segmentação do conteúdo, o que leva à criação dos suplementos infantis. O Capítulo 3 discorre sobre os fenômenos que estão agindo na criança, propiciando seu desenvolvimento e crescimento. Esse capítulo, ao mesmo tempo, disserta também sobre a construção social da infância que, hoje, está associada ao consumo. O Capítulo 4 traz um levantamento que revela a situação dos suplementos infantis impressos no Estado de São Paulo nos dias de hoje. Por fim, o Capítulo 5 analisa dois suplementos, a *Folhinha*, que já não circula mais, e o *JC Criança*, ainda em circulação.

No Apêndice do trabalho, encontram-se as seis entrevistas realizadas, todas transcritas (B a G); a classificação dos dados pertencentes à análise de conteúdo da *Folhinha* (H a L) e do *JC Criança* (M a Q); o levantamento conteudístico da *Folhinha* (R) e do *JC Criança* (S); e também um relato pessoal sobre as entrevistas (A). No Anexo, encontram-se as capas das 10 edições analisadas no Capítulo 5. Tanto o Apêndice quanto os Anexos estão disponibilizados por meio de CD, localizado na última página deste trabalho.

Sobre o levantamento conteudístico, ressalta-se que nele encontram-se observações não só a respeito dos conteúdos classificados como jornalismo, mas também sobre os que são considerados entretenimento, sendo, assim, um material amplo. Isso porque, tal material foi elaborado previamente para que a partir dele fosse possível mapear quais eram as partes jornalísticas dos suplementos infantis. Desse modo, os dois levantamentos realizados, um da *Folhinha* e outro do *JC Criança*, ficam à disposição para serem estudados em trabalhos futuros.

O presente trabalho, além de ser um Trabalho de Conclusão de Curso, é também uma pesquisa de Iniciação Científica, realizada com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A pesquisa observou que existe uma tendência dos jornais diários em migrar seus espaços infantis do meio impresso para o digital. Porém, foi observado também que as

plataformas online não apresentam continuidade, de modo que os jornais estão deixando de pautar, produzir, editar e publicar informações específicas para as crianças.

“O homem que foi teu menino envelheceu.

Mas todo vivo é eterno infante.

Onde estás e não há o dia.

No antigo seio, vigilante,

De novo o cria!”

(PESSOA, 2001, p.24)

2 O JORNAL IMPRESSO: HISTÓRIA E CONTEXTO

Até o século XV, as informações eram comunicadas de forma verbal ou escrita, por meio de cópias manuais feitas pelos chamados copistas. Não havia um instrumento que possibilitasse a disseminação do conteúdo em grande escala, de modo que os saberes se restringiam a pequenos grupos da sociedade. Conforme considerou a historiadora Margaret Aston (1968, p.10), o “[...] século XV revolucionou tanto o número de estudiosos como as oportunidades de aquisição de conhecimento”. Nesse sentido, a tipografia foi uma das tecnologias que colaborou com essa nova realidade na comunicação dos homens.

Criada em 1438 pelo alemão Johann Gensfleisch Gutenberg (ALBERT; TERROU, 1990, p.4), a tipografia era composta por caracteres móveis, nos quais ao se passar tinta e ao se prensar sobre o papel, conseguia-se reproduzir um texto (SOUZA, 1999, p.11 *apud* GOBBI, 1999, p.45). Com tal equipamento, a cópia do conteúdo escrito tornou-se um processo mais rápido e menos trabalhoso do que a cópia manual.

A tipografia possibilitou a reprodução do conteúdo, permitindo-o alcançar um número maior de pessoas. Assim, “[...] as produções não seriam mais privilégio de alguns poucos „letrados””, considera a pesquisadora Maria Cristina Gobbi (1999, p.47). Sendo que, segundo Aston (1968, p. 70), aumentar as chances de o conhecimento ser alcançado foi o aspecto mais relevante do advento do texto impresso naquele período, ficando a rapidez do processo em um segundo plano.

Além da reprodução, outro aspecto importante da tipografia foi o desenvolvimento tecnológico em si que a invenção simbolizou para o período (GOBBI, 1999, p.47). Assim, o estudioso canadense Marshall McLuhan considera que foi a invenção da imprensa que possibilitou a expansão do comércio e de novas formas de produção, sendo um dos fenômenos que mais contribuiu para o início do mundo moderno (GOBBI, 1999, p.47).

Isso porque foi no século XV que o capitalismo comercial começou a se formar, intensificando a desintegração do feudalismo (ARRUDA, 1975, p.16). Desse modo, a história da imprensa é considerada por Pierre Albert e Fernand Terrou (1990) como uma ciência que auxilia a própria história moderna e contemporânea.

2.1 Resgate histórico: um breve passeio pelas primeiras publicações

Os estudiosos Pierre Albert e Fernand Terrou (1990, p.4) traçaram a evolução da comunicação escrita impressa na obra *História da Imprensa*. De acordo com os autores, a necessidade de informação observada a partir do século XV surgiu devido à expansão territorial europeia e foi um dos fatores que levou ao surgimento dos jornais. Outro aspecto influenciador foi a criação dos correios como um meio seguro para transportar as mensagens.

Quanto à informação escrita em si, observa-se que o manuscrito *Kin Pau* já circulava na corte de Pequim desde o século IX. Primeiro, com periodicidade mensal e, a partir de 1830, com edições diárias (ALBERT, 1990, p.4 *apud* GOBBI, 1999, p.47). Entretanto, é no século XVI que as notícias manuscritas tornam-se mercadorias, sendo que, principalmente em Veneza, era comum chamar essas informações escritas à mão de *avvisi*:

Já no final do século XV, os impressores passaram a editar, sob a forma de pequenos cadernos de 4, 8 ou 16 páginas, às vezes ilustrados com gravuras em madeira, folhas de notícias em que se relatava um acontecimento importante – batalha, exéquias principescas, festas, etc. – ou se reproduzia o texto de algum *avvisi*. Essas folhas, chamadas *relationes* em latim, *occasionnels* na França, *zeitungen* na Alemanha e *gazetas* ou *corantas* na Itália, eram vendidas em livrarias ou por ambulantes nas grandes cidades (ALBERT; TERROU, 1990, p.5).

Às *relationes*, *occasionnels*, *zeitungen*, *gazetas* ou *corantas* dava-se o nome de folhas volantes. Os *pasquins* surgiram posteriormente e formavam um novo tipo delas, nos quais se relatavam “[...] fatos sobrenaturais, crimes, catástrofes e todos os acontecimentos extraordinários”, esclarecem Albert e Terrou (1990, p.5). Um terceiro tipo de folhas volantes eram os *libelos*, textos que buscavam incentivar as polêmicas a respeito dos movimentos da Reforma e da Contrarreforma, o que, como consequência, fez com que os estados europeus censurassem os textos impressos no início do século XVI.

Segundo Pierre Albert e Fernand Terrou (1990, p.6), desde que as *gazetas*, os *pasquins* e os *libelos* surgiram, eles representam as três funções principais do jornalismo. A “[...] informação sobre os fatos da atualidade, o relato dos pequenos eventos do dia-a-dia, a expressão das opiniões sempre aconteceram, ainda que em menor escala se comparada com a atualidade, mas de forma ampliada para a época”, apontam (ALBERT; TERROU, 1990, p.6).

Apesar disso, a primeira impressão com característica periódica não foi a gazeta, nem o pasquim e nem o libelo. Foi o almanaque. Tal material era uma espécie de calendário e foi impresso pela primeira vez na segunda metade do século XV.

É válido ressaltar que periódico é aquilo que se repete em tempos determinados por intervalos iguais (FERREIRA, 2008, p. 624). A partir disso, observa-se que “[...] o nascimento dos periódicos impressos não provocou o desaparecimento dos escritos informativos não-periódicos” (ALBERT; TERROU, 1990, p.6). De modo que as folhas volantes formavam o que se pode considerar de uma literatura ambulante popular, que circulou até meados do século XIX e exercia forte influência local.

Entre os séculos XVII e XVIII, a imprensa sofreu com o controle político, o que interferiu no seu progresso. Durante o período, Albert e Terrou afirmam que “[...] o instrumento privilegiado da expressão das ideias continuava sendo o livro ou a brochura: a imprensa, reflexo do mundo, permanecia passiva; ela informava sem de fato questionar, deixando para a literatura tradicional a tarefa de combater” (1990, p.11).

Foi apenas no século XIX que os jornais se multiplicaram, começaram a apresentar diversas categorias e as tiragens aumentaram (ALBERT; TERROU, 1990, p.29). Tal desenvolvimento pode ser atribuído à própria transformação do mundo ocidental no período, o que engloba mudanças nos aspectos políticos, sociais, econômicos e também de capacidade técnica.

Em relação à imprensa, o progresso pôde ser observado no papel, que deixou de ser de madeira e passou a ser de retalhos; na tinta para impressões rápidas, que foi criada em 1818; na tipografia, que passou a ser metálica (embora as publicações continuassem sendo montadas com os tipos móveis manualmente); e também em relação ao mercado de notícias, com a criação de agências especializadas.

Porém, “[...] se foi na Europa que surgiram as primeiras estruturas do que conhecemos atualmente por jornal impresso, o berço da solidificação desses conceitos foi a América” (GOBBI, p.50). Isso porque, foi nos Estados Unidos que a imprensa ganhou seu caráter “direto e violento” (ALBERT; TERROU, 1990, p.47), estilo que alcançou grande público de leitores devido o baixo preço dos jornais. Desse modo, foi entre os séculos XIX e XX que o jornal tornou-se um bem de consumo:

A imagem da imprensa no mundo e as características essenciais tanto das fórmulas do jornalismo como das do mercado da imprensa de cada país estavam, em 1914, muito próximas das de hoje, pelo menos nos países

industrializados, pois fora do mundo ocidental a imprensa ainda tinha muito que progredir, até porque o grau de desenvolvimento dos jornais era, como o é ainda hoje, uma função direta da ocidentalização da vida econômica e social. Essa época foi, em vários sentidos, a verdadeira idade de ouro da imprensa: seu mercado estava em expansão constante e ela não tinha, com a possível exceção da França, atingido seu ponto de saturação. E, sobretudo, a imprensa escrita não precisava temer nenhuma concorrência porque era o único meio de informação coletivo (ALBERT; TERROU, 1990, p.51).

Nesse momento, o jornal já era editado por composição mecânica por meio da linotipo, máquina criada por Ottman Mergenthaler em Baltimore (Maryland, EUA). A partir de 1890 e 1900, também já era possível imprimir, respectivamente, ilustrações e fotos (ALBERT; TERROU, 1990, p.53).

O jornalismo americano não só transformou o alcance da imprensa como também modificou o seu conteúdo. Foi ele quem substituiu o jornalismo de crônica pelo de reportagem e devido à concorrência começou a explorar o sensacionalismo para atrair o grande público (ALBERT; TERROU, 1990, p.54). Desse modo, a imprensa americana foi responsável pelo nascimento do que os pesquisadores chamam de jornalismo moderno.

2.2 Brasil em foco, da Imprensa Régia aos jornais modernos

A história do jornalismo mundial interferiu e influenciou na imprensa brasileira. Entretanto, debruçar-se com mais atenção sobre a trajetória do meio impresso no Brasil é necessário por dois motivos. O primeiro deles é que toda sociedade, apesar das interferências e influências sofridas, apresenta características próprias. O segundo é que a presente pesquisa está sendo realizada no Brasil e tem como objeto de estudo suplementos encartados em jornais brasileiros, logo, estar ciente do desenvolvimento da imprensa nacional é uma forma de buscar compreender os desdobramentos da herança histórica.

Como o objetivo não é reconstruir a história da imprensa brasileira e, sim, compreender as etapas do seu desenvolvimento em âmbito nacional, tal retomada foi construída com base nas obras dos pesquisadores brasileiros Nelson Werneck Sodré (1983) e Juarez Bahia (1990).

Considerado o patrono da imprensa brasileira, Hipólito da Costa foi o fundador do jornal *Correio Braziliense*, produzido e impresso em Londres, onde Hipólito vivia exilado. A primeira edição do exemplar circulou na colônia em junho de 1808, três meses antes do que o exemplar editado pela Corte, a *Gazeta do Rio de Janeiro*.

Sobre o *Correio* e outros jornais produzidos fora da colônia, Nelson Sodré (1983, p.21) afirma que “[...] a imprensa no exterior era circunstância” por tratar dos acontecimentos segundo a ótica do país estrangeiro e não de acordo com a condição vivida nacionalmente. Assim, considera-se que a imprensa brasileira tenha sido inaugurada pela Imprensa Régia, em 10 de setembro do mesmo ano:

Além do problema da precedência, há que considerar que eram diferentes em tudo, mesmo pondo de lado a questão da orientação, quando a diferença chegava quase ao antagonismo. Representavam, sem a menor dúvida, tipos diversos de periodismo: a *Gazeta* era embrião de jornal, com a periodicidade curta, informação informativa mais do que doutrinária, formato peculiar aos órgãos impressos do tempo, poucas folhas, preços baixos; o *Correio* era brochura de mais de cem páginas, geralmente 140, de capa azul escuro, mensal, doutrinário muito mais do que informativo, preço muito mais alto (SODRÉ, 1983, p.22).

Anterior a isso, a Carta Régia, do ano de 1747, tinha o poder atribuído pela Coroa de fechar as tipografias encontradas na colônia e punir “[...] os infratores com penas de prisão e exílio, e sequestrava tipos, que eram remetidos para a metrópole. Esse clima de terror intelectual só muda a partir de 1808” (BAHIA, 1990, p. 11). Isso porque, foi nesse período que D. João VI mudou-se para a colônia com o intuito de fugir das tropas de Napoleão Bonaparte, fixando-se no Rio de Janeiro. “Agora, é do Brasil que o reino é governado”, afirma Bahia (1990, p.10). Assim, com o material trazido da metrópole, tornou-se possível produzir na colônia leis, livros, cartas de jogos e, também, notícias.

Entretanto, é interessante notar que se, por um lado, a imprensa não era mais tratada com o terror intelectual que o fato de ser proibida representava, por outro lado, ainda não havia se libertado dele totalmente. Isso porque a imprensa brasileira não apenas surgiu “sob proteção oficial”, como surgiu “por iniciativa oficial” (SODRÉ, 1983, p.19), o que permitiu ao governo atuar como censor do conteúdo publicado pelo que é considerado o primeiro jornal brasileiro, a *Gazeta do Rio de Janeiro*.

Claro que havia queixumes. Como expressá-los, porém, numa folha cujo material de texto era extraído da *Gazeta*, de Lisboa ou de jornais ingleses, tudo lido e revisto pelo conde de Linhares e, depois, pelo conde de Galveias, e que não tinha outra fidelidade senão agradar à Coroa de que tão estreitamente dependia? (SODRÉ, 1983, p.19).

Nelson Sodré (1983, p.29) considera que a necessidade da Corte em querer se fazer presente na sociedade colonial, informando-a segundo o que lhe era interessante, comprovou o período de decadência em que o estado absolutista estava vivendo.

Com a Independência, em 1822, e o fim do período joanino, porém, não se observou o fim da censura do Estado, já que a Independência da metrópole portuguesa não significou liberdade de pensamento. Ainda de acordo com Sodré (1983, p.42), a Independência visava preservar os interesses das classes dominantes, o que impossibilitava ao pensamento ter espaço e as condições necessárias para desenvolver-se.

O autor esclarece ainda que isso se deve ao fato de que o conteúdo e a forma da liberdade dependem dos fatores econômicos, sociais e políticos que formam cada classe. Assim, cada camada social tem um conceito próprio de liberdade, considerado por ela como absoluto e eterno, de modo que defendê-lo simboliza a tentativa de defender a própria classe (SODRÉ, 1983, p. 42).

Desse modo, percebe-se existir uma tensão de interesses ao se observar que a liberdade de imprensa não interessava “[...] às forças feudais europeias, à metrópole lusa e seu governo” enquanto era interessante “[...] à burguesia europeia e às forças internas que, aqui, lutavam contra o colonialismo” (SODRÉ, 1983, p. 44).

Devido a essas forças externas, Nelson Sodré (1983) considera rico o período da Independência para a imprensa brasileira, apesar da censura ainda existente. Isso porque foi durante tal período de lutas que ocorreu a proliferação dos periódicos, nos quais já era possível observar um caráter combativo e até mesmo violento, o que, segundo o autor, serviu de “fecundo exemplo de sentido libertário e de avanço no esclarecimento da opinião” (SODRÉ, 1983, p.82).

Juarez Bahia (1990) considera que até 1880, a imprensa brasileira foi fortemente panfletária, atividade que possibilitou fomentar as ações políticas internas que levaram à Independência, em seguida, pacificar a sociedade e, depois, prepará-la para a República. Sobre as características da imprensa nesse momento, ele destaca:

É um período em que a influência de um jornal não é medida pelo seu tamanho, pela sua qualidade ou pelo seu prestígio. O que faz a medida é a força da opinião, e esta tanto pode aparecer em uma página como em várias páginas. Não é o título que conta. Tampouco a tradição, o peso econômico. Prevalece a ideia. O que se imprime é o que vale. O que há, portanto, é uma pequena imprensa. Exclusivamente, simples jornais. E um jornalismo feito por panfletários, por autores que polemizam, divergem, desafiam, conciliam, lutam, investigam, ensinam, constroem, destroem [...]. Hipólito da Costa,

Evaristo da Veiga, Luís Augusto May, João Soares Lisboa, Antônio Borges da Fonseca, Cipriano Barata, Bernardo Pereira de Vasconcelos, José Bonifácio, Januário da Cunha Barbosa, Joaquim Gonçalves Ledo, Maurício José de Lafuente, Justino José da Rocha, José da Silva Lisboa. Exaltados, radicais, moderados, conservadores (BAHIA, 1990, p. 84).

Já os anos 1880 e 1890 do século XIX representaram uma alteração estrutural na imprensa brasileira, que passou de “[...] individual, improvisada, provisória, com raízes políticas ainda em busca de laços e compromissos sociais profundos para as mãos de uma organização familiar, sólida, permanente, convergente em seus interesses de classe” (BAHIA, 1990, p. 81). Bahia classifica tal período como a segunda fase da imprensa brasileira.

Nela, observa-se o período industrial, que incorpora técnica à tipografia deslocando a habilidade manual para segundo plano. Aumenta-se, assim, o investimento nos parques gráficos, o consumo de papel e, também, a exigência do leitor quanto à qualidade do jornal (BAHIA, 1990, p.106). Nesse estágio empresarial de desenvolvimento, “[...] os novos jornais trazem, com seus títulos que se tornaram importantes, experiências e objetivos próprios das organizações industriais”. Para o autor, ao associar o nome do jornal a um estabelecimento gráfico, obtém-se uma empresa jornalística viável e rentável.

Quanto ao conteúdo que circulava na imprensa, nota-se uma transição do jornalismo, que até então era mais literário e político, para uma prática jornalística que valoriza o interesse público, no qual se dá destaque à “ordem jurídica, de aperfeiçoamento das instituições e de conquistas sociais voltadas para o indivíduo” (BAHIA, 1990, p.108). Juarez Bahia explica que nesse momento existe o predomínio do ideal positivista, sendo que “[...] o publicismo assume caráter pedagógico”.

É também no fim do século XIX e no início do século XX que o jornalismo brasileiro ganha novas práticas, incorporando a caricatura ao projeto gráfico dos jornais. A caricatura, definida como reportagem gráfica por documentar um fato por meio do humor (BAHIA, 1990, p.127), recebe destaque, pois é ela que abre caminho para o desenho, para a charge e, posteriormente, para a fotografia, informa Bahia (1990, p.123).

O autor acrescenta também que “[...] em 1900, a expansão da caricatura está na razão direta de mudanças editoriais e de iniciativas gráficas pioneiras [...] É o tempo de suplementos ilustrados, almanaques e guias ilustrados que aparecem como encartes”, destaca Juarez Bahia (1990, p.126).

Com a consolidação da revista, do rádio, do cinema e da TV até 1950, cria-se uma nova demanda de conteúdo por parte da sociedade e o jornalismo impresso passa a demonstrar suas limitações (BAHIA, 1990, p. 128). Assim, Bahia (1990, p.131) considera que “[...] o século XX se abre para o jornalismo brasileiro com a consciência de que é a notícia sua prioridade”. Desse modo, considera-se que os anos 20 do século passado inauguraram o jornalismo moderno. Nessa nova fase, observa-se a influência da imprensa americana por meio do sensacionalismo.

A mudança gráfica do jornal impresso, até então com vocábulo rebuscado e visual carregado, ocorre na década de 1950. Juarez Bahia (1990, p. 414) afirma ter sido a especialização do jornalismo uma tendência crescente no fim do século XX. Quanto ao monopólio familiar das comunicações, observa-se que:

No último quarto do século XX, a grande imprensa brasileira concilia as empresas tradicionais e as empresas modernas. No primeiro grupo, estão as que se restringem a algumas áreas da comunicação; no segundo grupo, aquelas que se diversificaram como sistemas empresariais, conglomerados de comunicação (BAHIA, 1990, p. 244).

Para Nelson Sodré (1983), a história da imprensa, esse meio de “difusão de ideias e de informações”, representa a história do próprio desenvolvimento do capitalismo no Brasil, o que pode ser percebido desde as técnicas de produção até a compreensão do que   liberdade de expressão.

2.3 A segmentação e os suplementos infantis

Em um cenário mundial, os autores Pierre Albert e Fernand Terrou (1990) apontam duas consequências da melhoria das técnicas de impressão, proporcionadas pela revolução industrial do século XX. Uma delas foi a crescente diferenciação nos tipos de jornais diários: os vendidos por assinatura, os que eram vendidos por unidade, os de caráter mais popular e os que apresentavam uma qualidade mais elevada. A outra consequência foi o desenvolvimento da própria imprensa. Passou-se a observar a circulação de magazines variadas “[...] às revistas de doutrina, passando pelas folhas especializadas dos jornais femininos às folhas infantis” (ALBERT; TERROU, 1990, p.54).

De acordo a professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Carmem Carvalho (2007), a segmentação da informação observada nos suplementos foi percebida no

Brasil pela primeira vez na década de 1960, momento em que os jornais estavam transformando o seu projeto gráfico. Segundo ela, o suplemento de economia do *Jornal do Brasil* e o de turismo da *Folha de S. Paulo* foram os pioneiros.

“Não apenas bem paginados, os jornais passaram a organizar o seu conteúdo, dando à informação aspecto mais profundo e mais permanente”, esclarece Alberto Dines (1996, p.69). O autor chamou o processo de surgimento dos suplementos de “revitalização”, termo que faz referência à necessidade de se aprofundar a notícia, algo que a publicação diária não tinha tempo para fazer.

Para aprofundar o conteúdo foi necessário dividi-lo por assunto, a chamada segmentação. Ao segmentar, os jornais impressos comprovaram que a sociedade não era um todo com necessidades padronizadas, mas era formada por públicos com gostos distintos e específicos (CARVALHO, p.7). Assim, o consumidor do jornal tornou-se o centro desse novo posicionamento da imprensa. Ao se enxergar o leitor como um consumidor, percebeu-se que eles dividiam-se em grupos e que cada grupo apresentava características e necessidades próprias. Nesse contexto, abre-se espaço para se enxergar a criança como um público com alto potencial de consumo, o que será observado no próximo capítulo, no qual um dos assuntos discutidos é a construção social da infância.

Porém, apesar de, a partir da segunda metade do século XX, as empresas jornalísticas enxergarem na criança um leitor rentável (já que elas teriam a vida toda para consumir), a literatura infantil não surgiu no Brasil com tal propósito e, em um primeiro momento, foi nela que o jornalismo infantil se baseou. Como observou Mayra Ferreira (2006, p.36):

O desenvolvimento da educação e do ensino no Brasil no século XIX, com a chegada da família real no país, incentivou a produção de jornais escolares, ou melhor, dos primeiros jornais infantis, que em alguns casos eram concebidos em formato de revistas. Essas produções se destacaram até o início do século XX, nos estados de Pernambuco, Bahia e São Paulo. Mesmo com veiculação em bancas, esses jornais não tinham um caráter mercadológico (FERREIRA, 2006, p.36).

Isso porque, como observado acima, os primeiros jornais para crianças eram produzidos com intuito educativo e com foco no ambiente escolar. Assim, considera-se que a primeira revista infantil brasileira foi *O Tico-Tico*, publicada em 11 de outubro de 1905. “Idealizada por Renato de Castro, Cardoso Júnior e Manoel Bonfim, a revista foi apresentada a Luís Bartolomeu de Souza e Silva, dono do jornal *O Malho*, que ajudou a formatar a

publicação [...] com matérias de cunho informativo, educativo, cívico e moral” (MOLINERO, 2015, p.12). A revista seguia como modelo jornais infantis franceses, “como o *Le Petit Quotidien*, *Mon Quotien* e *L’Actu*, que se destinavam a faixas etárias diferentes, 6 a 9, 10 a 15 e 15 a 17 anos” (FEREIRA, 2006, p.37).

Segundo Bruno Molinero (2015, p.12), a revista *O Tico-Tico* visava “formar adultos proativos que acreditassem na força do trabalho e quisessem participar do capitalismo em ascensão”. De modo que a revista infantil inaugurou o jornalismo para crianças no Brasil mostrando-se em sintonias com a fase vivida pelos jornais diários do período.

No ano de 1929, *O Tico-Tico* ganhou duas concorrentes: a *Gazeta Infantil* e o *Mundo Infantil*. Entretanto, o grande sucesso das últimas décadas da primeira metade do século XX foi as revistinhas¹ com histórias em quadrinhos:

Embora existisse mais de uma opção de publicação para crianças, nenhuma delas poderia ser considerada efetivamente um jornal infantil. Todas dedicavam-se mais à publicação de HQs, ao entretenimento, à literatura, à educação e ao conhecimento didático, próprio dos livros e almanaques, do que aos fatos do cotidiano e às informações baseadas em acontecimentos recentes, que grossamente definem a área de atuação do jornalismo. Algumas, como é o caso de *O Tico-Tico*, até tinham seções factuais, com informações culturais e de lazer, mas eram colunas periféricas, que passavam longe de ser o eixo principal da publicação. O ponto de contato entre essas revistas e os jornais da época era simplesmente a sua periodicidade (MOLINERO, 2015, p.12).

Inspirando-se em revistas como *O Tico-Tico*, que valorizava a produção nacional de tirinhas, o jornal *Folha de S. Paulo* elaborou seu caderno infantil, com projeto gráfico-editorial de Maurício de Souza e Lenita Miranda de Figueiredo. Assim, em setembro de 1963 foi publicada a *Folhinha*, o primeiro caderno de jornalismo infantil encartado em um jornal impresso no Brasil.

¹ Tais publicações são chamadas de revistinhas por apresentarem um tamanho menor do que as revistas informativas e também por conterem, predominantemente, entretenimento e não jornalismo.

“Eu sou pequeno, me dizem,
e eu fico muito zangado.
Tenho de olhar todo mundo
com o queixo levantado.

Mas, se formiga falasse
e me visse lá do chão,
ia dizer, com certeza:
- Minha nossa, que grandão!”
(BANDEIRA, 2014, web)

3 A CRIANÇA E A INFÂNCIA

A lei brasileira nº 8.069, sancionada em 13 de julho de 1990, conhecida no Brasil como ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), considera que criança é a pessoa com até 12 anos incompletos. Tal faixa etária representa um período de intenso desenvolvimento do indivíduo, não só físico, mas também psicológico e social, defende a psicóloga estadunidense Helen Bee (2003), que considera também que essas três esferas são responsáveis por formar o que se denomina de criança inteira.

Desse modo, não é a idade isolada que merece atenção quando se trabalha com crianças e sim a compreensão de que a criança em si é formada pela criança física, pensante e social (BEE, 2003). Sendo que tais aspectos não só estão em desenvolvimento na infância, como moldam as características de cada criança e influenciam no adulto que ela virá a ser.

Assim, antes de se analisar os suplementos infantis encartados em jornais impressos, torna-se necessário compreender a criança em desenvolvimento. Para que, a partir disso, seja construído um repertório que permita perceber se tais produtos que têm como público-alvo a criança são adequados para as necessidades das mesmas, tanto como cidadãos mirins quanto como indivíduos em crescimento.

3.1 A criança em desenvolvimento

A pesquisadora Helen Bee (2003, p.30) defende que um ponto-chave do desenvolvimento do ser humano é que ele envolve dois aspectos: mudança e continuidade. De modo que para compreendê-lo é preciso considerar o quê das mudanças e o quê das continuidades observa-se em todas as culturas, em uma cultura ou em um grupo específico e até mesmo o que é próprio de um único indivíduo. Sobre isso, a autora afirma:

A pergunta é basicamente se o desenvolvimento de uma criança é governado por padrão inato, ou se ele é moldado pelas experiências posteriores ao nascimento. No decorrer da história o lado nativista/natureza da controvérsia foi representado principalmente por Platão e (na era mais moderna) por René Descartes, sendo que ambos acreditavam que, pelo menos certas ideias eram inatas. No outro lado da discussão filosófica, encontramos um grupo de filósofos britânicos chamados de *empiristas*, como John Locke, o qual afirmava que, no nascimento a mente é uma tábua rasa [...]. Todo o conhecimento [...] é criado pela experiência (BEE, 2003, p.31).

Nos dias atuais, Helen Bee defende que a situação não é mais compreendida assim de forma tão radicalmente oposta, de modo que do ponto de vista da psicologia “[...] a criança é produto de algum padrão de interação entre natureza e meio ambiente” (BEE, 2003, p.31), referindo-se a natureza às características hereditárias e o meio ambiente às experiências vividas.

Quanto à natureza de uma criança, ela pode agir até mesmo após o seu nascimento por meio da maturação (GESELL, 1925; THELEN, ADOLPH, 1992 *apud* BEE, 2003, p.31)². O conceito é descrito como “padrões sequenciais de mudança geneticamente programados”, o que inclui as mudanças no tamanho e na forma do corpo, dos ossos e dos músculos, as mudanças hormonais e também as do sistema nervoso (BEE, 2003, p.32). Enquanto crescimento pode ser considerado uma descrição da mudança ocorrida, a maturação é o que explica tal mudança afirma a psicóloga norte-americana.

Três são as qualidades do padrão maturacional: o *universal*, que ultrapassa as fronteiras culturais e pode ser observado em todas as crianças; o *sequencial*, que diz respeito a alguma característica ou padrão de habilidade que pode ser desenvolvido; e o *relativamente impenetrável à influência ambiental* (BEE, 2003, p.32). Entretanto, a psicóloga norte-americana afirma que o padrão maturacional pode interagir de forma intrínseca com algumas experiências específicas e dá o exemplo:

Greenough (1911)³ observa que uma das proteínas necessárias para o desenvolvimento do sistema visual é controlada por um gene cuja ação só é desencadeada pela experiência visual. Portanto, *alguma* experiência visual é necessária para que o programa genético funcione [...] exemplos como este mostram que as sequências maturacionais não se „desdobram“ de modo automático. O sistema parece estar „pronto“ para se desenvolver seguindo certos caminhos, mas é necessária a experiência para desencadear o movimento (BEE, 2003, p.32).

O exemplo dado pela autora revela a importância de se experimentar atividades variadas na infância, já que tal experiência pode desencadear um desenvolvimento que não ocorreria caso não houvesse o estímulo. Tal cenário revela a necessidade dos chamados

² As referências sobre maturação citada por Helen Bee (2003) são:

Gessel, A. (1925). *The mental growth of preschool child*. New York: Macmillan.

Thelen, E., & Adolph, K. E. (1992). Arnold L. Gessel: The paradox of nature and nurture. *Developmental Psychology*, 28, 368-380.

³ A referência de Greenough citada por Helen Bee (2003) é:

Greenough, W. T. (1911). Experience as component of normal development: Evolutionary considerations. *Developmental Psychology*, 27, 11-27.

nativos digitais terem contato com tecnologias anteriores ao seu período. Nesse caso, o próprio suplemento infantil impresso estudado nesta pesquisa pode ser considerado uma boa opção de estímulo para o tato, já que “a coordenação motora fina, que é utilizada no ipad é diferente do movimento de pinça de uma folha”, explica a pedagoga Maria do Carmo Kobayashi (2017, informação verbal).

Voltando à autora norte-americana, ela esclarece que o conceito de maturação, assim como as tendências inatas, busca explicar aquilo que é comum ao desenvolvimento das crianças. Entretanto, a herança genética não é apenas coletiva. Ela também é individual, contribuindo para a existência de variações entre os indivíduos, o que é estudado pela chamada genética do comportamento (BEE, 2003, p. 33).

A genética pode influenciar das características físicas e cognitivas até às temperamentais, nas quais se incluem a emocionalidade, a disposição para realizar atividades e até mesmo a sociabilidade (BEE, 2003, p. 33). Assim, a herança genética pode afetar o meio ambiente da criança, explica Helen Bee (2003), já que o espaço em que ela vive é criado, muitas vezes, pelas pessoas que lhes transmitem os genes.

Entretanto, é relevante ressaltar que por mais que o espaço em que a criança vive seja influenciado pela genética comportamental dos pais, fatores externos também devem ser considerados, já que a situação social e econômica da família impacta de forma decisiva na construção e nas possibilidades do ambiente. Nesse contexto, a pequena parcela da população infantil que tem acesso a um suplemento informativo próprio para a sua idade, apresentaria um desenvolvimento maior em determinados pontos (como a leitura e a compreensão de gêneros jornalísticos) do que a parcela das crianças que não tem acesso a esse conteúdo.

Para Helen Bee (2003), três são os modelos de influência ambiental que interagem com a natureza da criança e moldam seu desenvolvimento: o modelo proposto pelo psicólogo estadunidense Richard Aslin (1981a)⁴, o modelo interno de experiência e a perspectiva ecológica.

Segundo Bee (2003, p. 35), o modelo de Aslin tem como referência o trabalho de Gottlieb (1976a; 1976b)⁵. Nesse modelo, considera-se o nível de influência da experiência

⁴ A referência de Aslin citada por Helen Bee (2003) é:

Aslin, R. N. (1981^a). Experimental influences and sensitive periods in perceptual development: A unified model. In: R. N. Aslin, J. R. Alberts, & M. R. Peterson (Eds.), *Development of perception. Psychobiological perspectives*: Vol. 2. The visual system (pp. 45-93). New York: Academic Press.

⁵ A referência de Gottlieb citada por Helen Bee (2003) é:

Gottlieb, G. (1976a). Conceptions of prenatal development: Behavioral embryology. *Psychological Review*, 83, 215-234.

no desenvolvimento das habilidades e no comportamento do indivíduo. Cinco são os pontos de observação: a maturação, a manutenção, a facilitação, a sintonia e a indução.

A *maturação*, como já mencionado, refere-se às mudanças genéticas programadas. A *manutenção* é quando uma experiência precisa ser vivida para sustentar uma característica ou habilidade já maturada. A *facilitação* significa uma habilidade ou característica desenvolvida antes do esperado por interferência da experiência. A *sintonia* é “[...] quando uma determinada experiência, de fato, leva a um ganho permanente ou a um nível persistentemente superior de desempenho” (BEE, 2003, p. 35). Já a *indução* faz referência a um comportamento que se desenvolve por meio da prática, sendo um fator totalmente ambiental. Aprender outra língua ou um esporte são exemplos de habilidades desenvolvidas pela indução, explica Helen Bee (2003).

Observa-se no esquema de Aslin (1981a) que a maturação não sofre nenhum efeito ambiental, o que se contrapõe ao considerado por Greenough (1911) e discutido anteriormente. Por outro lado, a indução é um fator totalmente ambiental. Assim, a manutenção, a facilitação e a sintonia revelam uma combinação interativa entre natureza e meio ambiente (BEE, 2003, p.36).

Em se tratando de experiências, Helen Bee (2003) introduz o conceito de *timing* que, traduzido livremente da língua inglesa, significa o momento adequado. Segundo a autora, experiências específicas revelam desempenhos diferentes em determinados momentos do desenvolvimento infantil (BEE, 2003, p. 37). Dessa forma, a pesquisadora explica que o chamado período sensível:

É um intervalo de meses ou de anos durante os quais uma criança pode ser particularmente responsiva a formas específicas de experiência ou particularmente influenciada por sua ausência. Por exemplo, o período dos 6 aos 12 meses de idade pode ser um período sensível para a formação de um apego nuclear aos pais. Outros períodos podem ser muito significativos tanto para o desenvolvimento intelectual como para a linguagem (Tamis-LeMonda e Bornstein, 1897 *apud* Bee, 2003, p. 37)⁶.

O segundo modelo de interação entre natureza e meio ambiente abordado por Helen Bee (2003) é o modelo interno de experiência. Segundo ela, o cerne do conceito refere-se ao fato de que os efeitos das experiências vividas estão na interpretação ou na representação que

⁶ A referência de Tamis-LeMonda citada por Helen Bee (2003) é: Tamis-LeMonda, C., & Bornstein, M. H. (1987). In there a „sensitive period” in human mental development? In M. H. Bornstein (Ed.), *Sensitive periods in development: Interdisciplinary perspectives* (pp. 163-182). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

cada indivíduo apreende delas. Logo, não são as propriedades objetivas das experiências que realmente influenciam o desenvolvimento e, sim, os significados que a elas foram atribuídos.

O terceiro modelo discutido pela autora é a perspectiva ecológica. Em tal modelo, leva-se em consideração que a criança cresce em uma rede ambiental ampla e complexa, a qual recebe o nome de ecologia social (BRONFENBRENNER 1979; 1989 *apud* BEE, 2003, p.37)⁷. A ecologia social diz respeito não apenas aos personagens que estão diretamente ligados às crianças, como é caso dos familiares, mas também a outros personagens e contextos que se relacionam com eles, buscando-se “[...] compreender as maneiras como todos os componentes desse complexo sistema interagem mutuamente para afetar o desenvolvimento e uma determinada criança” (BEE, 2003, p.38). Assim, percebe-se que o jornalismo e, principalmente, o jornalismo infantil seria um aspecto relevante nesse contexto, pois o jornal faz parte da ecologia social de uma parcela considerável da população.

É dentro desse ecossistema que se observa as influências culturais. Para Helen Bee (2003, p. 39), estudar a cultura é uma forma de compreender o meio ambiente em que a criança está inserida e, conseqüentemente, o comportamento da mesma. Outro ponto ressaltado pela pesquisadora é que a cultura ajuda a identificar quais padrões são típicos de um contexto cultural e quais são universais.

Compreendendo o desenvolvimento infantil pela perspectiva psicológica observa-se que a natureza e o meio ambiente são os dois aspectos responsáveis pelo desenvolvimento da criança e fazem isso por meio da interação. Enquanto a natureza fica a cargo dos estudos das ciências biológicas, as ciências humanas debruçam-se sobre o meio ambiente.

Nesse sentido, os estudos de ciências sociais aplicadas com foco na comunicação, encontram-se, da mesma forma em que ocorre com as ciências humanas, nos estudos relacionados ao meio ambiente. Entretanto, o intuito é o de identificar como a comunicação, no caso desta pesquisa, como os suplementos encartados em jornais impressos, colaboram com o desenvolvimento da criança por meio do conteúdo jornalístico. Dentre as teorias de desenvolvimento, três grandes linhas podem ser citadas: a psicanalítica, a cognitivo-desenvolvimental e a da aprendizagem.

As teorias psicanalíticas “[...] explicam o comportamento humano compreendendo os processos subjacentes da psique” (BEE, 2003, p. 46). Psique é um termo grego que, segundo

⁷ As referências de Bronfenbrenner citadas por Helen Bee (2003) são:
Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
Bronfenbrenner, U. (1989). Ecological systems theory. *Annals of Child Development*, 6, 187-249.

Helen Bee (2003), pode ser considerado como alma, espírito ou mente. Sigmund Freud (1905; 1920)⁸ é considerado o criador da teoria, entretanto, a autora Helen Bee considera Erik Erikson e John Bowlby⁹ os teóricos que continuam a exercer influência nos dias atuais.

A abordagem central das teorias psicanalíticas é que o comportamento humano é governado por processos conscientes e inconscientes, sendo os processos inconscientes impulsionados pelo instinto sexual (o que Freud chamou de libido). Outra suposição é que a personalidade é estruturada em três partes: o id (centro da libido), o ego (elemento mais consciente do que o id, sendo o executivo da identidade) e o superego (centro da consciência e da moralidade, valores adquiridos por meio do convívio social) (BEE, 2003, p.46).

De acordo com Freud, essas três estruturas se desenvolveriam ao longo do tempo. Assim, a ênfase da teoria está no papel formativo que a fase inicial da vida tem, por ocorrer nela as primeiras experiências do indivíduo, de modo que “[...] a qualidade e o caráter dos relacionamentos da criança com algumas pessoas importante são vistos como centrais para o desenvolvimento global” da mesma (BEE, 2003, p.47).

O segundo campo teórico é o das teorias cognitivo-desenvolvimentais, nos quais os estudiosos não se interessam pela personalidade da criança e, sim, pelo seu raciocínio, linguagem, percepção, memória, enfim, pelo seu cognitivo (BEE, 2003, p.47). Jean Piaget (1952; 1970; 1977; Piaget e Inhelder, 1969)¹⁰ é o principal teórico cognitivo-desenvolvimentista e percebeu juntamente com outros teóricos como Lev Vygotsky (1962)¹¹ e Heinz Werner (1948)¹² que “[...] todas as crianças pareciam passar pelo mesmo tipo de descobertas sequenciais acerca do seu mundo, cometendo o mesmo tipo de erro e chegando às

⁸ As referências de Sigmund Freud citadas por Helen Bee (2003) são:

Freud, S. (1905). *The basic writings of Sigmund Freud* (A. A. Brill, Trans.). New York: Washington Square Press.

Freud, S. (1920). *A general introduction to psychoanalysis* (J. Riviere, Trans). New York: Washington Square Press.

⁹ As referências de Erik Erikson e John Bowlby citada por Helen Bee (2003) são:

Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol I. Attachment*. New York: Basic Book.

Erikson, E. H. (1980). *Identity and life cycle*. New York: Norton. (Originally published 1959)

¹⁰ As referências de Jean Piaget citadas por Helen Bee (2003) são:

Piaget, J. (1952). *The origins of intelligence in children*. New York: Internacional Universities Press.

Piaget, J. (1970). *Piaget's theory*. In P. H. Mussen (Ed.), *Carmichael's manual of child psychology* (3rd ed., Vol. 1, pp, 703-732). New York: Wiley.

Piaget, J. (1977). *The development of thought: Equilibration of cognitive structures*. New York: Viking Press.

Piaget, J., & Inhelder, B. (1969). *The psychology of the child*. New York: Basic Books.

¹¹ A referência de Lev Vygotsky citada por Helen Bee (2003) é:

Vygotsky, L. S. (1962). *Thought and language*. New York: Wiley.

¹² A referência de Heinz Werner citada por Helen Bee (2003) é:

Werner, H. (1948). *Comparative psychology of mental development*. Chicago: Follett.

mesmas soluções” (BEE, 2003, p.48). De modo que para Piaget, é da natureza humana adaptar-se ao meio ambiente e não ser moldada por ele aponta Helen Bee (2003, p.48).

O que difere Vygotsky de Piaget é que o primeiro considerava que “[...] as formas complexas de pensamento têm suas origens em interações sociais e não na exploração individual de cada criança, conforme proposto por Piaget (Duncan, 1995)”, explica a psicóloga Helen Bee (2003, p. 48). Para Vygotsky, a aprendizagem infantil precisa ser orientada por uma pessoa mais experiente do que ela, o que ele chamou de zona de desenvolvimento proximal.

O terceiro e último campo teórico, o das teorias de aprendizagem, não tem como objetivo estudar como a criança compreende suas experiências. Os esforços dos teóricos da área estão no sentido de entender como o ambiente as molda (BEE, 2003, p.48). “Nenhum teórico da aprendizagem afirma que a genética ou as tendências inatas não são importantes, mas eles vêem o comportamento humano como imensamente flexível, moldado por processos predizíveis de aprendizagem”, explica Helen Bee (2003, p.48).

Os dois processos principais dessa teoria desenvolvimentista são o condicionamento clássico e o operante. O condicionamento clássico aponta que “[...] a aprendizagem ocorre quando algum novo estímulo é inserido” em contexto já conhecido pela criança (BEE, 2003, p.49). O condicionamento operante diz respeito ao reforço que um comportamento recebe, podendo ser positivo, o que acaba por estimular tal comportamento, ou podendo ser negativo, buscando interrompê-lo (BEE, 2003, p. 49).

A teoria social cognitiva de Albert Bandura (1977; 1982; 1989)¹³ é uma variação da teoria de aprendizagem e acrescentou que o reforço não precisa, obrigatoriamente, ser um reforço direto. Pois pode-se ter um comportamento reforçado pela observação do comportamento de outras pessoas. Tal conceito recebeu o nome de aprendizagem observacional ou de modelação. Um exemplo é a influência da mídia no comportamento infantil, pois as crianças aprendem por meio da observação de um acontecimento que não está acontecendo nem diretamente com elas e nem no ambiente em que estão.

Segundo Helen Bee (2003, p.50), “Bandura avançou muito no preenchimento da lacuna entre a teoria da aprendizagem e a teoria cognitivo-desenvolvimental ao enfatizar elementos cognitivos (mentais) importantes na aprendizagem observacional”, de modo que ao

¹³ As referências de Albert Bandura citadas por Helen Bee (2003) são:

Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Englewood: Cliffs, NJ: Prentice Hall.

Bandura, A. (1982). Self-efficacy mechanism in human agency. *American Psychologist*, 37, 122-147.

Bandura, A. (1989). Social cognitive theory. *Annals of Child Development*, 6, 1-60.

se observar outros comportamentos, a criança pode aprender habilidades e informações tanto abstratas como concretas.

A psicóloga Bee (2003, p. 51) comparou as Teorias Desenvolvimentais, observando que na Teoria Psicanalítica tanto a natureza como o meio ambiente exercem influência sobre o desenvolvimento. Na Teoria Cognitivo-Desenvolvimental observa-se que o desenvolvimento infantil é um processo interno que cada criança faz a partir da experiência vivenciada. Enquanto a Teoria da Aprendizagem considera que cabe ao meio ambiente o papel de ser a principal influência.

Entender que a criança é um ser desenvolvimento engloba compreender que complexas estruturas estão agindo sobre ela, tanto ligadas à sua natureza como ao meio ambiente em que estão inseridas. Por mais que os estudos em comunicação não tenham na natureza o seu objeto, considerar que ela tem sua influência na formação infantil auxilia na compreensão de que a criança é fruto dessa interação entre as características genéticas e as experiências.

Nesse sentido, ao se analisar a influência dos suplementos infantis encartados em jornais impressos, busca-se compreender como as características atuais do jornalismo impresso enriquece as experiências vividas pelas crianças e em quais aspectos do desenvolvimento infantil ele, de fato, auxilia.

3.2 A construção social da infância

Ao se ter consciência de que a criança é um ser biologicamente em desenvolvimento, é necessária a compreensão de que ela não vive isolada. Logo, a criança desenvolve-se em um espaço social e cultural que acaba por influenciar em seu processo de crescimento. Além disso, ao mesmo tempo em que a criança precisa ser compreendida enquanto ser biológico, ela também precisa ser entendida socialmente e, nesse caso, o universo infantil que a cerca não passa de uma construção simbólica que, na atualidade, existe para levá-la ao consumo.

Na obra *Desaparecimento da infância*, o teórico Neil Postman (2011) apresenta informações sobre a história da infância para defender seu argumento de que ela está desaparecendo. Embora não seja objetivo deste trabalho discutir tal afirmação, os dados apresentados no livro revelam-se interessantes, pois estabelecem uma relação íntima entre a criação da prensa (tecnologia que possibilitou a criação do objeto aqui estudado) e a ideia atual que se tem de infância.

“A falta de alfabetização, a falta de conceito de educação, a falta do conceito de vergonha [...] são as razões pelas quais o conceito de infância nunca existiu no mundo medieval” (POSTMAN, 2011, p.31). De modo que, nesse período histórico, a criança era invisível. Assim, torna-se compreensível o significado da palavra infância.

Do latim *infante*, *in* é um prefixo de negação e *fante* é o particípio presente do verbo latim *fari* que significa falar. Logo, *infante* é aquele que não fala. Estando infância semanticamente ligada à *infanto*, ela representa aquele que não tem voz, esclarece Marisa Lajolo (2003, p.229). Reafirmando, agora pela linguística, como a imagem da criança está historicamente vinculada à invisibilidade.

Com o desenvolvimento tecnológico:

A imprensa criou uma nova definição de idade adulta *baseada na competência de leitura* e, consequentemente, uma nova concepção de infância baseada na *incompetência de leitura*. Antes do aparecimento desse novo ambiente, a infância terminava aos setes anos e a idade adulta começava imediatamente (POSTMAN, 2011, p.32).

Depois da invenção da prensa, a fase adulta que era atingida naturalmente, passou a ser conquistada, no caso, por meio da leitura. Tornando-se, assim, uma “realização simbólica e não biológica”, como afirma Postman (2011, p.50). De acordo com a pesquisadora Maria do Carmo Kobayashi (2017, informação verbal), “Hoje, continua a existir infância, mas com outra conotação: como um objeto de consumo, o que é próprio de uma sociedade capitalista que vai olhar qualquer indivíduo como sendo, não uma pessoa, mas um consumidor em potencial”.

Foi no final do século XX que a infância tornou-se uma questão merecedora de atenção por parte do Estado e por parte das esferas sociais não governamentais, o que é o caso dos próprios veículos de comunicação (LEITE, 2003, p. 19). Isso porque (LEITE, 2003), até o século XIX, a criança era vista como um ser derivado dos pais, que, portanto, era entendida como sendo responsabilidade da “casa” e dos conhecidos próximos.

Ao citar as palavras de Katia de Queirós Mattoso presente em Del Priori (1992), Leite revela que as crianças “[...] não eram percebidas, nem ouvidas” (2003, p. 21), isso porque, como esclarecido por Lajolo (2003), não cabia à criança o papel de falar.

Assim, por não falar, a infância *não se fala* e, *não se falando*, não ocupa a primeira pessoa nos discursos que dela se ocupam. E, por não ocupar esta primeira pessoa, isto é, por não dizer *eu*, por jamais assumir o lugar de

sujeito do discurso e, conseqüentemente, por consistir sempre um *ele/ela* nos discursos alheios, a infância é sempre definida *de fora* (LAJOLO, 2003, p.230).

A autora Marisa Lajolo (2003, p.31) esclarece que a infância recebe tratamentos distintos dependendo do momento histórico, podendo ser explicada desde como um período da vida até sendo classificada por faixas etárias, nesses casos, ela é dividida em primeira infância (do zero aos três anos), em segunda infância (dos três aos sete anos) e em terceira infância (dos sete anos até o início da puberdade – o que, de acordo com o ECA, é a partir dos 12 anos). Assim, Lajolo afirma que “[...] enquanto a oscilação conceitual ensina que a vida muda, a duração do esforço conceitual ensina que a vida continua” (2003, p.31).

No Brasil, a criança, por ser um indivíduo em formação, como observado anteriormente, foi associada ao desenvolvimento do próprio estado republicano que estava em construção, o que faz dela e da própria nação uma esperança que fica sempre para o futuro, esclarece Marcos Freitas (2003, p. 252) em referência à obra *Ordem e Progresso* de Gilberto Freyre, escrita no final do século XIX.

Desse modo, o desenvolvimento político e também o econômico se apresentou, e ainda se apresenta, como a principal alternativa para não se trabalhar com a infância. “Não é arriscado dizer que a história social da infância no Brasil é também a história da retirada gradual da questão social infantil [...] do universo de abrangência das questões de Estado” (FREITAS, 2003, p.12), que optou pelo desenvolvimento nacional por meio da economia e não da educação infantil.

3.3 A interação biológica e social

O jornal é um elemento cultural presente na sociedade. Logo, pode compor o meio ambiente em que uma criança vive. Ao se considerar que o desenvolvimento da criança também está relacionado às experiências por ela vividas, aponta-se que o jornalismo infantil presente nos suplementos de jornal impresso:

1. Incentiva a leitura, elemento importante da cultura por se viver em sociedade letrada e necessária para o desenvolvimento cognitivo (exemplo: memorização), segundo o psicólogo Angelo Antonio Abrantes (2017, informação verbal).
2. Favorece a elaboração linguística, por meio dos diferentes gêneros textuais (ABRANTES, 2017, informação verbal).

3. Promove o desenvolvimento motor, devido o movimento que faz para virar a página (KOBAYASHI, 2017, informação verbal).
4. Situando a criança no período temporal e espacial. De acordo com Abrantes (2017, informação verbal), a criança começa a compreender que a realidade é mais ampla do que o que está no seu campo de visão a partir dos dois ou três anos de idade.

As quatro observações acima revelam que o jornalismo impresso infantil pode atuar como mediador entre os aspectos biológicos e sociais em prol do desenvolvimento da criança. Assim, por mais que os veículos enxerguem o leitor como um consumidor, cabe ao jornalismo (e ao jornalista) olhar para o leitor como um cidadão em formação.

No capítulo a seguir, será apresentado o cenário atual do jornalismo infantil impresso no Estado de São Paulo.

“A criança olha para o céu azul,
levanta a mãozinha, quer tocar o céu.
Não sente a criança que o céu é ilusão:
Crê que o não alcança, quando o tem na mão.”
(BANDEIRA, 1993, p.200)

4 O JORNALISMO INFANTIL IMPRESSO

O Mídia Dados é um relatório anual organizado pelo Grupo de Mídia de São Paulo. A publicação é um estudo que contém informações comerciais e mercadológicas da mídia latino-americana, em especial, da brasileira. De acordo com a edição de 2016, a intenção do relatório é ajudar a construir os cenários atuais da comunicação a partir de informações isentas (MÍDIA DADOS, 2016).

O relatório se mostrou relevante, pois possibilitou levantar quais são os jornais impressos paulistas vinculados ao IVC (Instituto Verificador de Comunicação) que produzem e publicam regularmente um conteúdo específico para as crianças. Assim, tal levantamento colaborou com a construção do cenário do jornalismo infantil em jornais impressos nos dias atuais. O IVC é um instituto de pesquisa de mídia criado no Brasil na década de 1960. Sua auditoria concentra-se nos dados de circulação que são fornecidos pelos próprios jornais a ele vinculados.

É interessante observar que a edição de 2016 do Mídia Dados alertou justamente sobre a questão da circulação: apesar de estar em queda, os veículos observam um aumento na audiência (MÍDIA DADOS, 2016). Segundo o relatório anual, “[...] a queda na circulação dos impressos é usada como argumento para justificar a redução das verbas publicitárias ao meio” (MÍDIA DADOS, p.392-393), sendo a publicidade o fator econômico que torna um veículo de comunicação viável enquanto modelo de negócio.

Por outro lado, apesar da queda nas tiragens, o público do jornal é maior hoje do que era no passado (MÍDIA DADOS, p.392-394), pois somada à publicação impressa têm-se também a no formato digital. Desse modo, o relatório (2016, p.396) aponta que “[...] o dilema nos jornais hoje não é como manter o interesse do leitor, e sim como encontrar modelos de sustentação para o negócio”.

Nesse ponto, é necessária a compreensão de que o Mídia Dados é um relatório voltado para o mercado publicitário. Do cenário apresentado pelo estudo, é possível observar que a monetização da audiência se revela um problema nos dias atuais, tanto para as empresas publicitárias quanto para as empresas jornalísticas. Entretanto, é possível notar também que tal questão deriva de outra: as novas tecnologias estão transformando o processo de informar.

Para a publicidade e para os veículos de comunicação enquanto empresa, a preocupação pode ser, de fato, como tornar lucrativa tal mudança. Entretanto, o interesse

público continua voltado para o conteúdo e para a qualidade da informação e, nesse ponto, cultivar o interesse do leitor continua sendo uma responsabilidade ética do jornal.

O perfil desse leitor de jornal impresso, hoje, é composto 46% por pessoas do sexo feminino e 54% por pessoas do sexo masculino. A classe econômica que mais lê é a C1 (26%), seguida pela B2 (24%) e pela C3 (23%). Segundo as estatísticas do Mídia Dados 2016, apesar da classe A ser a camada da sociedade em que o jornal impresso tem maior penetração, ela é a que apresenta a menor porcentagem de leitores (6%), lendo menos jornal do que a classe B1 (24%) e a D/E (13%).

As crianças aparecem nos dados do relatório duas vezes: no gráfico *Faixa etária* e no gráfico *Penetração*. Apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considerar como criança o indivíduo de zero a 12 anos incompletos e alguns jornais manterem uma publicação classificada como específica para o público infantil, a idade mínima observada nas estatísticas do Mídia Dados (2016, p.412) foi 10 anos. Assim, o grupo de menor faixa etária foi formado por pessoas dos 10 aos 14 anos, o que engloba não só parte da infância como também parte da adolescência.

Observou-se que a penetração do jornal entre as pessoas de 10 e 14 anos é de 17%, a menor taxa entre todas as faixas etárias. Como resultado, não é de se espantar que tal grupo seja também o que menos lê jornal, 5%. Seguindo o grupo mais jovem, o segundo que menos lê jornal é o formado por pessoas dos 15 aos 19 anos (7%) e, em seguida, pelo grupo dos com 65 anos ou mais (8%).

É interessante notar que esses são os dois grupos que sucedem o mais jovem quanto à taxa de penetração, apresentando, respectivamente, 26% e 36%. Desse modo, tal observação permite considerar que quanto menor a penetração do jornal em determinada faixa etária, menor é o número de consumidores de jornal que a faixa etária apresenta.

Outra ressalva relevante é que, apesar do grupo dos 10 aos 15 anos ser o que menos consome jornal, se a taxa de penetração for levada em consideração, percebe-se que 5% de 17% é uma estatística maior do que a apresentada pelo grupo dos 15 aos 19 anos (7% de 26%) e pelo grupo com 65 anos ou mais (8% de 32%). Revelando, assim, existir interesse por parte do grupo mais jovem pelo jornal impresso, de modo que a pequena penetração na faixa etária pode ser um dos fatores que dificulta o maior contato das crianças e dos adolescentes com os periódicos.

Das 125 publicações nacionais auditadas pelo IVC nos dias atuais, 16% delas são de títulos que se localizam no estado de São Paulo. Os jornais paulistas impressos, em ordem decrescente de média de circulação, são:

Quadro 1 – Circulação dos jornais paulistas no ano de 2015 em ordem decrescente

	Título do Jornal	Cidade	Média por edição em 2015 (circulação em mil exemplares)
1	<i>Folha de S. Paulo</i>	São Paulo	335,9
2	<i>O Estado de S. Paulo</i>	São Paulo	336,2
3	<i>O Amarelinho</i>	São Paulo	94,2
4	<i>Agora São Paulo</i>	São Paulo	89,1
5	<i>Valor Econômico</i>	São Paulo	59,7
6	<i>Diário de S. Paulo</i>	São Paulo	34,4
7	<i>Correio Popular</i>	Campinas	28,4
8	<i>Gazeta de Piracicaba</i>	Piracicaba	22,0
9	<i>Cruzeiro do Sul</i>	Sorocaba	21,2
10	<i>Jornal de Piracicaba</i>	Piracicaba	18,2
11	<i>Diário da Região</i>	São José do Rio Preto	17,1
12	<i>A Tribuna (Santos)</i>	Santos	16,4
13	<i>Jornal da Cidade</i>	Bauru	15,4
14	<i>Notícias Já</i>	Campinas	14,3
15	<i>Expresso Popular</i>	Santos	13,3
16	<i>O Liberal</i>	Americana	12,1
17	<i>A Cidade</i>	Ribeirão Preto	12,0
18	<i>Folha da Região</i>	Araçatuba	7,7
19	<i>O Imparcial</i>	Presidente Prudente	6,8
20	<i>Correio de Itapetininga</i>	Itapetininga	1,9

Fonte: MEDIA DADOS 2016. Adaptado pela autora.

As publicações do município de Campinas (*Correio Popular* e *Notícia Já*), apesar de constarem na lista do Mídia Dados 2016, não constam na lista auditada pelo IVC encontrada na página da instituição¹⁴. É interessante notar que ambas as publicações pertencem ao conglomerado de mídia impressa no interior, Grupo RAC (Rede Anhanguera de Comunicação)¹⁵.

Além do *Correio Popular* e do jornal *Notícia Já*, outros dois títulos que não foram considerados na pesquisa de jornais impressos diários que mantém produção e publicação de conteúdo específico para o público infantil no Estado de São Paulo são os títulos *Amarelinho* e *Correio de Itapetininga*. Isso porque ambos os jornais apresentam uma periodicidade semanal, e não diária.

Outros oito títulos paulistas não estão na lista acima, pois, apesar de aparecerem na lista do Mídia Dados 2016, eles não apresentaram a média de circulação por edição no ano de 2015, ano o qual os dados da edição de 2016 do relatório faz referência. Tais títulos também não constam na auditoria do IVC. Por isso, não foram considerados nesse levantamento. São eles:

Quadro 2 – Jornais sem média de circulação por edição no ano de 2015

	Título do Jornal	Cidade
1	<i>Diário de Suzano</i>	Suzano
2	<i>Folha Ribeirão</i>	Ribeirão Preto
3	<i>Gazeta de Limeira</i>	Limeira
4	<i>Gazeta de Ribeirão</i>	Ribeirão Preto
5	<i>Jornal da Cidade</i>	Rio Claro
6	<i>Jornal da tarde</i>	São Paulo
7	<i>TodoDia</i>	Americana
8	<i>Tribuna do Povo</i>	Araras

Fonte: MEDIA DADOS 2016. Adaptado pela autora (2016).

¹⁴ IVC. **Publicações auditadas – Jornais**. IVC Brasil. Disponível em: <<http://ivcbrasil.org.br/auditorias/aPublicacoesAuditadasJornal.asp>> Acesso em: 8 jan 2017.

¹⁵ CORREIO POPULAR. **Expediente**. Correio. Disponível em: <<http://correio.rac.com.br/expediente>> Acesso em: 8 jan 2017.

Assim, 16 títulos (12,8% do total auditado pelo IVC) foram considerados no levantamento a seguir, que visa verificar a presença do jornalismo infantil no jornalismo impresso com periodicidade diária nas publicações do Estado de São Paulo.

Quadro 3 – Jornais paulistas vinculados ao IVC e o jornalismo infantil

	Título do Jornal	Circulação	Possui suplemento impresso específico para crianças?	Observações
1	<i>Folha de S. Paulo</i>	Nacional	Não. O último exemplar da <i>Folhinha</i> circulou abril de 2016.	Não existe mais publicação específica da <i>Folhinha</i> nem no <i>online</i> . Apenas repostagens do blog de Bruno Molinero.
2	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Nacional	Não. O último exemplar do <i>Estadinho</i> circulou em abril de 2013.	Esporadicamente, o jornal publica edições especiais do suplemento. O último foi no dia das crianças de 2016. A versão digital foi atualizada pela última vez em 30/06/2013.
3	<i>Agora São Paulo</i>	Nacional	Não.	Tanto impresso, quanto na versão <i>online</i> , o jornal não apresenta um espaço específico para as crianças.
4	<i>Valor Econômico</i>	Nacional	Não.	
5	<i>Diário de S. Paulo</i>	Local	Não.	
6	<i>Gazeta de Piracicaba</i>	Regional	Não.	
7	<i>Cruzeiro do Sul</i>	Regional	Sim, o <i>Cruzeirinho</i> .	Publicado semanalmente aos domingos.
8	<i>Jornal de Piracicaba</i>	Regional	Não.	O <i>Jornalzinho</i> , que deixou de ser publicado, tem um espaço no jornal digital. Entretanto, a última atualização data de outubro de 2015.
9	<i>Diário da Região</i>	Regional	Sim, o <i>Diarinho</i> .	Publicado semanalmente aos sábados.

10	<i>A Tribuna (Santos)</i>	Regional	Não.	<i>A Tribuninha</i> deixou de ser publicada pela primeira vez em 2001. Voltou a circular em 2012, mas, segundo a página oficial do jornal na rede social Facebook, ela deixou de ser produzida novamente.
11	<i>Jornal da Cidade</i>	Regional	Sim, o <i>JC Criança</i> .	Publicado semanalmente aos domingos.
12	<i>Expresso Popular</i>	Regional	Não.	Por ser do grupo <i>A Tribuna de Santos Jornal e Editora</i> , o mesmo do jornal <i>A Tribuna</i> , o suplemento infantil era o mesmo: <i>A Tribuninha</i> , que não circula mais.
13	<i>O Liberal</i>	Regional	Sim, o <i>Liberalzinho</i> .	Publicado semanalmente aos domingos.
14	<i>A Cidade</i>	Regional	Sim, o <i>A Cidade da Criança</i> .	Publicado semanalmente aos domingos.
15	<i>Folha da Região</i>	Regional	Não.	Segundo o editor-chefe do jornal, Arnon Gomes, o suplemento infantil <i>Nossa vez!</i> foi suspenso em 2014 por questões financeiras. Atualmente, o jornal tem o espaço <i>A sua escola na Folha</i> , no qual a escola visita o jornal e, a partir da visita, as crianças produzem textos que são publicados no periódico.
16	<i>O Imparcial</i>	Regional	Não.	O jornal tem uma coluna infantil aos domingos e,

				mensalmente, publica <i>O Imparcial na Escola</i> .
--	--	--	--	---

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Os dados levantados mostram que, dos 16 jornais diários paulistas vinculados ao IVC, cinco (31,25%) publicam suplementos infantis nos dias atuais, enquanto onze (68,75%) não os publicam. Dos onze periódicos que não publicam, pelo menos seis já tiveram uma parte do jornal destinada especificamente para a criança e, com o tempo, deixaram de tê-las, tais periódicos são: *Folha de S. Paulo*; *O Estado de S. Paulo*; *Jornal de Piracicaba*; *A Tribuna*; *Expresso popular* e *Folha da Região*.

Desses, alguns jornais, como o *Estado de S. Paulo* e o *Jornal de Piracicaba*, buscaram transferir o conteúdo de plataforma, encerrando o ciclo do impresso e migrando para o digital. De forma que tentaram se adaptar a realidade tecnológica do período contemporâneo. Porém, o ciclo digital do conteúdo infantil para esses dois veículos mostrou-se não duradouro e a seção infantil de ambos deixou de ser atualizada.

No caso de jornais muito especializados, como é o *Valor Econômico*, é de se imaginar que o veículo possa se isentar da sua responsabilidade social de ter conteúdos específicos para a criança, já que economia, por exemplo, é assunto de “adulto”. Entretanto, a ideia de um jornal que cumpre o seu papel social está em um veículo que compreende que a criança é parte integrante da sociedade, logo, que tem o direito de participar dos discursos e das discussões. Assim, os conteúdos jornalísticos devem falar com ela e não apenas dela. Tal concepção torna possível entender que economia também seria um tema que faz parte da alçada da criança.

Quanto aos suplementos infantis em circulação nos dias de hoje, nota-se que todos estão geograficamente localizados no interior do estado e têm como público o leitor local e regional. Tais características indicam que a localização e a circulação do jornal influenciam na produção do mesmo, sendo que a identificação da criança ou dos pais com o suplemento produzido localmente pode ser um dos fatores que fortalecem e mantêm os suplementos vivos.

Outra observação é que o conteúdo de todas as publicações especializadas para as crianças circulam aos finais de semana:

Quadro 4 – Dias de circulação do suplemento infantil

Título do suplemento	Cidade da publicação	Dia da Circulação
<i>Cruzeirinho</i>	Sorocaba	Domingo
<i>Diarinho</i>	São José do Rio Preto	Sábado
<i>JC Criança</i>	Bauru	Domingo
<i>Liberalzinho</i>	Americana	Domingo
<i>A Cidade da Criança</i>	Ribeirão Preto	Sábado

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Porém, de acordo com as informações do Mídia Dados 2016 (p. 414), sábado e domingo são os dois dias da semana em que os leitores declaram que menos leem jornal¹⁶. Considerando especificamente o público infantil, sábado e domingo são os dias da semana em que as crianças têm mais tempo livre por não irem à escola, sendo também o dia de maior tiragem do jornal, apontou Giselle Castilho Hilário Bonomo, editora-chefe do *Jornal da Cidade*.

4.1 Jornalismo Infantil

Por muito tempo, a informação chegou ao conhecimento da criança por duas instituições principais, a família e a escola. Com a evolução tecnológica, elas passaram a ter mais acesso, em quantidade e qualidade, a conteúdos que não eram comumente transmitidos pelas pessoas próximas (POSTMAN, 2011), diminuindo, assim, a necessidade, que antes era extrema, do adulto presente no convívio cotidiano mediar a relação da criança com o mundo. Em grande parte das vezes, entretanto, o conteúdo que a elas chegava (e ainda continuam a chegar) não é o adequado, seja devido ao teor da informação que ou a forma como ele está sendo transmitido.

Em se tratando de jornalismo, “[...] historicamente, a especialização periodística está associada, em sua maioria, à evolução dos meios de comunicação e a formação de grupos sociais consumidores de mídia cada vez mais distintos” (TAVARES, 2009, p.117). Com a mudança no entendimento de infância e a compreensão de que a criança é um cidadão com direitos, tal camada da população começou a se diferenciar e a formar um público distinto,

¹⁶ O dado do Relatório Mídia Dados 2016 é referente a leitura de jornal por dia da semana na Grande São Paulo. O relatório não apresenta tal informação considerando o interior do estado e também não considera especificamente o público infantil.

como explicado por Frederico de Mello Brandão Tavares. Nesse sentido, o jornalismo infantil é a prática jornalística com foco em um público específico, a criança.

4.2 A *Folhinha* e o *JC Criança* na atualidade

Cinco edições do suplemento *Folhinha* e *JC Criança* são analisadas no capítulo a seguir. Referentes a março e abril de 2016, o período foi escolhido por representar os últimos dois meses de existência da *Folhinha* – primeiro suplemento infantil de jornal impresso a ser produzido no Brasil. É interessante ressaltar também que não apenas o jornalismo infantil impresso deixou de ser produzido pela *Folha*. Segundo a editora do suplemento no período, Laura Mattos Soares Quintas:

Não existe mais produção de conteúdo específico da *Folhinha*, só tem o blog do Bruno Molinero, *Era Outra Vez* - Literatura infantojuvenil e outras histórias. O Bruno publica no blog dele e joga na página da *Folhinha*, mas não tem mais *Folhinha*, tanto no impresso quanto no digital. Eles até tentaram manter, mas não tem mais produção, não foi uma coisa que acabou no papel para continuar no *online*. Realmente acabou (QUINTAS, 2017, informação verbal).

O blog da *Folhinha* foi lançado em 2008, em comemoração aos 48 anos do suplemento infantil impresso. A missão da página era “[...] ampliar o material publicado na versão impressa e mostrar os bastidores das notícias, além de trazer dicas de programação, indicações de brinquedos e livros, aumentar a relação com o leitor, publicando textos e desenhos de crianças” (MOLINERO, 2015, p.88). Segundo Molinero (2015, p.88), diferente do impresso, o conteúdo digital seguiu um caminho mais pop, apostando na cultura de massa para atrair primeiro o pai e, assim, chegar à criança – o que, de acordo com Bruno, representou para a versão digital da *Folhinha* um grave problema de identidade.

Laura Mattos esteve à frente da *Folhinha* no período de 2011 até 2016, momento em que o jornalismo infantil deixou de existir no jornal de maior circulação nacional. Durante esses anos, Laura apostou no adulto como uma ponte entre a criança e o suplemento, por considerar que o público infantil não teria acesso ao jornal de forma espontânea, “tanto que a *Folhinha* passou a ser encartada na *Ilustrada*, pois a intenção era atrair o leitor que podia ser um tio, um pai, um avô, para que ele se interessasse por aquele conteúdo e fizesse aquilo chegar até às crianças”, esclarece a jornalista (2017, informação verbal).

Assim, nessa última fase da *Folhinha*, observa-se que a mediação do adulto foi valorizada tanto no impresso, quanto no digital. “É muito difícil você imaginar que uma criança vai entrar no site folha.com, vai ir até o índice, vai descer o cursor, vai achar a *Folhinha* e vai ler as notícias que foram publicadas naquele dia. Não faz parte do hábito dela”, afirmou Laura Mattos (2017, informação verbal), explicando seu posicionamento editorial.

Independente do suporte, percebe-se a busca em tornar a criança uma leitora do jornal. Revelando, assim, um cuidado que é tido especificamente com o público infantil, já que, diferente do adulto que está adaptado ao mundo letrado, a criança está em processo de alfabetização e não apresenta um histórico com o mundo das letras. Como afirmado por Laura Mattos (2017, informação verbal), com a criança “[...] não existe um hábito anterior que pode ou não se perder. O que poderia ou deveria existir é a criação de um hábito, o que não aconteceu e que hoje em dia não está acontecendo mais porque não existe essa produção”.

Em relação ao *JC Criança*, pode-se dizer que essa produção ainda existe. Entretanto, como afirmou Giselle Castilho Hilário Bonomo (2017, informação verbal), editora-chefe do *Jornal da Cidade* e responsável pelo *JC Criança*, “[...] essa existência no impresso é uma coisa que os veículos de comunicação estão revendo e certamente nós vamos rever também nos próximos meses”.

Bonomo (2017, informação verbal) esclarece que, hoje, o *JC Criança* não tem mais editor próprio. De modo que ela assumiu o fechamento do suplemento a partir do momento em que a antiga editora, Roberta Mathias, deixou de trabalhar no jornal. “A nossa redação foi enxugando e daí fomos adequando aqui e adequando ali. Então, hoje, quando eu preciso de uma produção especial para o *JC Criança*, eu pauto um repórter do geral”, explica Giselle, revelando que grande parte do conteúdo do suplemento ou é entretenimento ou vem de agência de notícia.

Ao considerar o contexto atual de ambos os suplementos, percebe-se que a questão do jornalismo infantil passa por duas grandes áreas: ao mesmo tempo em que se tem um jornalismo que deve se preocupar com o desenvolvimento do seu público, também se tem um jornalismo que está inserido em um modelo de negócio em crise. Como contextualizou a última editora da *Folhinha*:

[...] existe uma dificuldade das empresas em encontrar um modelo que se sustente. A internet puxou o leitor, mas é aquela velha coisa, o dinheiro não migrou [...]. Nesse sentido, eles vão cortando o que é possível. Então, não é que não funciona mais jornalismo para criança. Da mesma forma que existia

a dúvida, “ah, mas a criança está lendo jornal no papel? Ou ela está lendo na internet? Ou ela só joga na internet?”, existe uma questão maior: como as pessoas estão consumindo as coisas? [...] (QUINTAS, 2017, informação verbal).

Laura Mattos Soares Quintas (2017, informação verbal) esclarece que não é o jornalismo para crianças que está em crise, o ponto problemático na atualidade é a forma como as empresas jornalísticas estão estruturadas. Pois, segundo ela, cadernos menores como é o caso dos conteúdos infantis são os primeiros a se perderem por terem pequeno retorno comercial, já que os anúncios são controlados em decorrência do cuidado que se deve ter com o consumismo infantil.

“Acho que a *Folhinha* ainda resistiu muito pelo seu significado simbólico, porque terminando com ela, o jornal um pouco que colocaria em risco essa ideia de formar novos leitores”, revelou (QUINTAS, 2017, informação verbal). Formar novos leitores. É nesse ponto que se encontra o objetivo principal desta pesquisa. Afinal, quais são os processos jornalísticos, os atores e os fenômenos culturais-educativos que estão presentes nos suplementos infantis estudados e, conseqüentemente, estariam formando os leitores mirins desses jornais? A tentativa de resposta para essa pergunta encontra-se no próximo capítulo.

“A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta.
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios com as suas
peraltagens e algumas pessoas vão te amar por
seus despropósitos!”
(BARROS, 2013, web)

5 A FOLHINHA E O JC CRIANÇA

Ao escolher a última edição impressa da *Folhinha* como ponto de partida, optou-se pela técnica de semana construída para compor o corpus de análise. Assim, seriam analisadas as seguintes edições de março e abril de 2016:

Quadro 5 – Edições iniciais da *Folhinha* e do *JC Criança* a serem analisadas

<i>Folhinha</i>	<i>JC Criança</i>
05/03	06/03
19/03	20/03
02/04	03/04
16/04	17/04

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Entretanto, a dificuldade em se obter essas edições específicas da *Folhinha* em sua versão impressa levou a uma alteração nas datas dos suplementos analisados. Por meio de contato com a página oficial da *Folhinha* no Facebook, o jornal enviou por correio quatro suplementos impressos do período de março a abril de 2016 que foram encontrados na redação – o que não incluiu a última edição.

A última edição da *Folhinha*, por seu valor histórico e por ser o fator delineador do corpus da análise, era de suma importância para o estudo. Por isso, foi realizada uma campanha nas redes sociais. Por coincidência e sorte, o exemplar foi encontrado com um colega de classe, Lucas Eduardo Tozzi Mendes, que o doou.

Para a aquisição do *JC Criança*, bastou ir até a sede do *Jornal da Cidade* na Rua Xingu, 4-44, em Bauru (SP), e comprar as edições necessárias por R\$ 3,00 cada. Os suplementos não eram vendidos separadamente, de modo que vieram encartados no jornal completo, da mesma forma em que circularam no dia de sua publicação. Assim, as edições que formam o corpus da análise são:

Quadro 6 – Edições da *Folhinha* e do *JC Criança* que formam o corpus da análise

<i>Folhinha</i>	<i>JC Criança</i>
12/03	13/03

19/03	20/03
02/04	03/04
09/04	10/04
16/04	17/04

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

As edições analisadas referem-se ao mesmo final de semana, considerando-se o dia de publicação de cada suplemento – *Folhinha* aos sábados e *JC Criança* aos domingos. Porém, cabe ressaltar que o motivo que levou à escolha de datas próximas não foi a intenção de comparar os suplementos da *Folha de S. Paulo* com os do *Jornal da Cidade*. O motivo foi a intenção de demarcar a produção de conteúdo em um mesmo período histórico. Para que, assim, fosse possível identificar o posicionamento de cada veículo e suas características jornalísticas, o que leva em consideração suas especificidades, como linha editorial, perfil de público e local de circulação.

A análise de conteúdo foi a metodologia utilizada, sendo seguida sob a ótica de Laurence Bardin. Considerado “um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa” (FONSECA JÚNIOR, 2009, p.280), a análise de conteúdo oscila entre o qualitativo e o quantitativo. Segundo Fonseca Júnior (2009, p.285), o método utiliza da inferência para encontrar o que existe por trás do objeto analisado. Porém, “apesar da inferência, a empatia pelos números não desapareceu”, de modo que o método continua a valorizar técnicas e medidas.

Organizada em pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação (FONSECA JÚNIOR, 2009, p.290), a análise de conteúdo permitiu sistematizar as categorias que seriam analisadas, estudar o material com base na sistematização e tratar os resultados.

Para sistematizar o conteúdo que seria analisado, foram definidas cinco categorias: Capa; Gêneros; Temáticas; Fontes e Foco Noticioso. A categoria Capa foi dividida em duas subcategorias, uma que se voltou para o código linguístico e outra que estudou o código icônico. Gêneros é uma categoria única, na qual se observou três tipos: entretenimento, jornalismo e propaganda.

Conforme apresenta José Marques de Melo (2010, p.24), dois são os gêneros fundantes do jornalismo contemporâneo – o informativo e o opinativo. No gênero informativo, observam-se os formatos: nota, notícia, reportagem e entrevista. No gênero

opinativo, encontram-se os formatos: resenha, coluna, comentário, caricatura e crônica (MARQUES DE MELO, 2010, p.28). A partir da categoria gêneros, as categorias temáticas, fontes e foco noticioso analisaram o que foi enquadrado como jornalismo.

A sistematização do material analisado encontra-se nos Apêndice (do H ao S), de modo que neste capítulo observa-se a exploração e o tratamento do objeto estudado. A seguir, antes da análise, encontra-se uma apresentação dos jornais em que cada um dos suplementos circulam, retomando brevemente a história desses títulos. Nesse ponto, é necessária a explicação de que o volume de informações referentes à *Folha de S. Paulo* e à *Folhinha* é maior devido a maior abundância de material histórico que foi produzido sobre tais publicações no decorrer do tempo.

5.1 A *Folha de S. Paulo*

Primeiro foi criada a *Folha da Noite* (1921), depois a *Folha da Manhã* (1925) e, por fim, a *Folha da Tarde* (1949). Em 1960, os três títulos se uniram e, assim, em primeiro de janeiro do novo ano, foi fundada na capital paulista a *Folha de S. Paulo*.

Após uma greve geral de jornalistas, que começou em dezembro de 1961 e só foi terminar em agosto de 1962, Nabantino Ramos vendeu a publicação a Octavio Frias de Oliveira, Carlos Caldeira Filho e Caio de Alcântara Machado, que sairia do negócio meses depois. Ao assumir a empresa em 11 de agosto de 1962, Frias tinha como missão sanar a saúde financeira da *Folha*, melhorar a distribuição do jornal, expandir os negócios, modernizar tecnologicamente a produção e disputar anunciantes com a concorrência (MOLINERO, 2015, p.17).

Desde o início a concorrência principal já era o jornal *Estado de S. Paulo* (periódico mais antigo da cidade paulista ainda em circulação, que foi fundado em 1875), com a diferença de que, no período, a *Folha* estava muito atrás, tanto em tiragem quanto em influência (MOLINERO, 2015, p.18).

No início da década de 1970, o regime militar (1964-1985) demonstrou interesse em iniciar uma abertura política, o que levou Octavio Frias a decidir que era o momento de dar um novo direcionamento para o jornal, que até então publicava a versão oficial dos militares, enquanto cabia ao *Estadão* formar a oposição. Segundo o jornalista Bruno Molinero (2015, p. 47), “[...] Frias iniciaria um movimento de afastamento do regime e de aproximação da sociedade civil”, de modo que 1975 foi considerado por muitos como o ano de “virada” da

Folha, não só em relação à influência no cenário político, que começou a aumentar, mas também a respeito da identidade do jornal enquanto negócio.

Em 1986, a *Folha de S. Paulo* se tornou o jornal de maior circulação do país, entretanto, tal fato ocorreu mais por conta do aumento dos classificados do que pelo posicionamento editorial do jornal, defende Bruno Molinero (2015, p.58). Porém, desde essa época, a *Folha* já “[...] tinha como objetivo inovar cada vez mais em seus cadernos” (MOLINERO, 2015, p.63) e foi por esse posicionamento aberto às novidades que o jornal criou a *Folhinha*, o primeiro caderno infantil publicado pela imprensa periódica brasileira.

Com tal mudança no cenário editorial, o *Estado* começou a contratar jornalistas que não trabalhavam mais na *Folha* e a reproduzir o formato de conteúdos elaborados pelo periódico concorrente, como foi o caso do suplemento infantil *Estadinho*, que teve Cecilia Zioni como primeira editora, sendo que ela havia sido editora da *Folhinha* anos antes. Tal momento ficou conhecido na redação da *Folha* como a era da mimetização ou como efeito “Brahma-Antártica”, devido à concorrência das marcas cervejeiras (MOLINERO, 2015, p.63). Assim, o *Estado de S. Paulo* tinha a necessidade de lidar com a tradição e, ao mesmo tempo, se modernizar, enquanto, a *Folha* buscava se consolidar e, para isso, apostava em conteúdos e enquadramentos que soassem inovadores.

Dos anos oitenta e até os dias atuais, a *Folha de S. Paulo* continua a ser o jornal de maior circulação nacional, que de acordo com o Mídia Dados 2016, apresenta na atualidade uma média de 335,9 mil exemplares por dia. Publicada todos os dias da semana e vendida a R\$ 3,00 de segunda a sábado e a R\$ 5, 00 aos domingos, o jornal conta com cadernos diários, suplementos publicados em dias específicos e conteúdos esporadicamente impressos, como observado a seguir:

Quadro 7 – Frequência de publicação dos cadernos, suplementos ou guias da *Folha*

Caderno, suplemento ou guia	Frequência
Opinião	Todos os dias da semana.
Poder	Todos os dias da semana.
Mundo	Todos os dias da semana.
Mercado	Todos os dias da semana.
Cotidiano	Todos os dias da semana.
Esporte	Todos os dias da semana.
Ilustrada	Todos os dias da semana.

Equilíbrio e saúde	Publicado entre 4 e 5 vezes na semana em dias variáveis.
Ambiente	Publicado entre 4 e 5 vezes na semana em dias variáveis.
Turismo	Uma vez por semana, às quintas-feiras.
Guia	Uma vez por semana, às sextas-feiras.
Ilustríssima	Uma vez por semana, aos sábados.
Sobretudo	Uma vez por semana, aos sábados.
Revista são paulo	Uma vez por semana, aos sábados.
MPME ¹⁷	Publicado esporadicamente em dias variáveis.
Ciência	Publicado esporadicamente em dias variáveis.
Saúde	Publicado esporadicamente em dias variáveis, quando não foi publicado <i>Equilíbrio e Saúde</i> .

Fonte: *Folha de S. Paulo*. Adaptado pela autora (2016).

5.2 A *Folhinha*

Sempre veiculada aos sábados, a *Folhinha* foi publicada pela primeira vez em 8 de setembro de 1963. Por trás do caderno inédito estavam a editora Lenita Miranda de Figueiredo, mais tarde apelidada como Tia Lenita, e o cartunista, ainda pouco conhecido, Maurício de Souza. O caderno era composto por 16 páginas, ocupadas por muitas ilustrações, seu tamanho era “[...] meio tablóide (o mesmo das revistas infantis e comic books da época)” (MOLINERO, 2015, p. 21) e apresentava uma grande novidade para o período: páginas coloridas.

Já nessa primeira fase do suplemento, as crianças assumiram o papel de repórteres mirins, ainda que seus textos fossem muito pautados e editados pela redação. Sendo também que “[...] o jornalismo praticado pela *Folhinha*, porém, não era exclusivamente feito por crianças. Além dessas reportagens, textos de agências de notícias e de repórteres da redação também eram publicados” aponta Molinero (2015, p.26). Além disso, o conteúdo não era predominantemente jornalístico, contendo literatura e passatempos (palavra cruzada, desenho para colorir, quadrinhos), por exemplo, como observado a seguir:

Após um período de adaptação, as seções passam a se consolidar [...] com a seguinte estrutura: capa, texto de boas vindas sobre um tema específico, "Histórias da Tia Lenita" (com coluna de desenhos das crianças), "Teatro"

¹⁷ MPME é um guia especial do caderno “mercado” que significa Micro, Pequena e Média Empresa.

(feito por Carvalhaes, mas nem sempre apenas com dicas de espetáculos; o jornalista também visitava peças encenadas em escola), "Quem Lê Vale Mais" (seção de literatura), "Divertimentos", a reportagem de capa, "Ciência", coluna da Augustinha e quadrinhos. Sem periodicidade, há também a publicação de "A Vida no Lar" (com textos sobre o dia a dia familiar) e "O Que Você Vai Ser Quando Crescer" (sobre profissões). Posteriormente, consolida-se na página 2 a seção "A Criança É Notícia", com textos e perfis de leitores (MOLINERO, 2015, p.36).

Percebe-se que apesar do caderno estar mergulhado no mundo infantil, as crianças não eram tratadas como se estivessem na mesma posição que os jornalistas produtores da publicação. Havia certo distanciamento, o que se observa por meio da linguagem. Palavras como “você” e “criança” marcam essa diferença entre quem produzia e entre quem lia a *Folhinha*.

Em 1967, o jornal sofreu uma mudança estrutural e passou a circular com oito páginas, característica que se manteve até 2015, quando começou a ter 4 páginas (MOLINERO, 2015, p.36). A mudança editorial viria a acontecer em 1973, com a chegada da nova editora, a jornalista Cecília Zioni.

No livro reportagem de Bruno Molineiro (2015) sobre a história da *Folhinha*, uma das falas de Octavio Frias deixava clara a relevância comercial da criança enquanto público-alvo e também como o acesso ao caderno era restrito a uma pequena camada da sociedade: “[...] Eu quero que essa criança seja meu leitor agora e, quando crescer, nunca esqueça que a *Folhinha* foi seu primeiro jornal, para que continue sendo meu leitor no futuro e, quem sabe, até meu anunciante” (2015, p.45). Conquistar um novo leitor ainda na infância era visto por Frias como uma das formas de fidelizar um “cliente”, o que era muito vantajoso já que esse novo cliente teria a vida toda para consumir.

Uma das orientações para Cecília Zioni era que a *Folhinha* deveria ter um posicionamento mais educativo, auxiliando a criança no seu “dever de casa” (MOLINERO, 2015, p.45). Desse modo, o jornalzinho conseguiu se aproximar de outro público que não as crianças e os pais: os professores.

Comparando o período de Cecília com o de Tia Lenita, percebe-se que ambas valorizavam datas cívicas (muito por causa do regime militar), o que as faziam trabalhar com temas bem próximos. Por outro lado, foi na época em que Cecília estava à frente do suplemento que ele passou a ter o tamanho de um gibi, voltando ao seu tamanho original em 1977. A *Folhinha* também ganhou novas seções e a colaboração dos leitores passou a ser mais estimulada (MOLINERO, 2015, p.46).

“Na medida do possível, os textos procuravam sair do tom mais enciclopédico ou de almanaque, que eram fortes na época de Lenita, para tentar traçar paralelos entre temas históricos e fatos atuais” (MOLINERO, 2015, p.46), era o jornalismo começando a se fortalecer. Nesse período, ainda era muito comum no caderno se recorrer à literatura para narrar as histórias. Ruth Rocha e Pedro Bandeira eram alguns dos escritores infantis que estavam presentes nas folhas do caderno. Entretanto, muitos profissionais não habituados com o „mundo das crianças” também chegaram a produzir conteúdo para elas, como foi o caso do sociólogo Gilberto Freyre.

Foi na década de oitenta que a padronização da linguagem apareceu compilada no “Manual da Redação” da *Folha*, por vezes, seguido também pelos jornalistas da *Folhinha*. Foi nesse contexto, que o jornalzinho conheceu sua terceira editora: Bell Kranz. “É nessa fase que a *Folhinha* vira de cabeça para baixo, afasta-se do universo da literatura e se aproxima bruscamente do jornalismo” (MOLINERO, 2015, p.61).

Em 2004, uma nova editora assumiu a frente da *Folhinha*, Mônica Rodrigues da Costa, que continuou a valorizar o jornalismo. Foi no período de Mônica que o fotojornalismo chegou ao espaço infantil. Foi ela também que identificou que:

O furo (no vocabulário jornalístico, uma notícia exclusiva, nova, dada antes que os veículos da concorrência) em publicações para criança tem outro significado. “O furo às vezes é contar como o alfabeto foi inventado, algo que não é exatamente novo, mas que ganha um ar de descoberta para a criança. Algo já conhecido ou considerado 'velho' pelos adultos pode ter o mesmo peso para o público leitor do jornal infantil que a notícia exclusiva ou realmente nova (MOLINERO, 2015, p.74).

Na década de 1990, a *Folha* chegou a vender 1,6 milhões de exemplares em único dia. O número de assinaturas do periódico aumentou, o que massificou¹⁸ o perfil dos leitores, com isso, a cultura pop começou a fazer parte da *Folhinha* com maior frequência (MOLINERO, 2015, p.75).

No início dos anos 2000, o jornal passou por uma grave crise financeira. Com isso, alguns cadernos deixaram de ter uma editora específica e passaram a ser direcionados por uma única profissional. Assim, por quase 10 anos, a *Folhinha* não teria mais uma editora exclusiva. Sylvia Colombo foi a primeira delas, depois foi a vez de Patrícia Trudes da Veiga e de Gabriela Romeu (como editora assistente).

¹⁸ Massa é um termo que passou a ser utilizado após a discussão a respeito da indústria cultural, de Adorno e Horkheimer (1944). A palavra significa homogeneizar os gostos.

Em 2011, a *Folhinha* voltou à condição de editoria sob o comando de Laura Mattos, que resgatou também a prática jornalística da reportagem escrita e fotográfica. Com a revalorização do jornalismo, retomou-se também o manual da redação e a linguagem padronizada:

O caderno passa a evitar, por exemplo, tratar o leitor por “você” ou falar diretamente com ele, o que pode ser interpretado como uma profissionalização jornalística da maneira de escrever, buscando um distanciamento e uma neutralidade, mas é também consequência de uma mudança no público alvo e no leitor modelo da *Folhinha* (MOLINERO, Bruno, 2015, p.93).

Observa-se que o distanciamento e a neutralidade que se buscou adotar são características marcantes do jornalismo norte-americano, muito forte no século passado, mas já seriamente questionado de sua eficiência nos dias atuais.

Apesar de se constituir como um jornalismo em transição, o comando de Laura Mattos na *Folhinha* ampliou a participação dos leitores de forma nunca vista até então, já que a mediação do jornalista enquanto profissional da comunicação sempre havia feito parte da produção do conteúdo. Assim, as crianças começaram a ser colunista da *Folhinha*, na seção “Ideias” (MOLINERO, 2015, p.96).

Porém, a queda no número de anunciantes e a incerteza gerada pelo mundo *online* levaram ao corte de gastos nos grandes jornais. Na *Folha*, a *Folhinha* foi um deles. A última edição da publicação infantil circulou em 16 de abril de 2016, dos jornais de circulação nacional, ela foi a primeira a ser criada e a última a se despedir da versão impressa.

O blog¹⁹ da *Folhinha* havia sido lançado em 2008, como uma homenagem aos 45 anos do caderno e apesar de ainda hoje receber atualizações, tais conteúdos são esporádicos e não produzidos especificamente para e pela *Folhinha*, como já mencionado no capítulo anterior.

Entretanto, diferente da versão impressa que tinha um público bem definido (crianças entre os 6 e 12 anos), a versão digital sofreu com uma crise de identidade por perceber que o “[...] público do *online* é o mesmo que já está acostumado a entrar no site da *Folha*, ou seja, não é criança” (MOLINERO, 2015, p.75).

Na plataforma digital, um espaço do grupo *Folha* produzido, tanto o texto quanto o design, especificamente para o público infantil foi o Mapa do Brincar²⁰. O site não é alimentado com conteúdo novos, entretanto, foi um projeto lançado em 2009 e

¹⁹ Versão digital da *Folhinha* pode ser acessada em: folha.uol.com.br/folhinha

²⁰ A página Mapa do Brincar está disponível em: mapadobrincar.folha.com.br

complementado em 2011, no qual foram catalogadas mais de 750 brincadeiras que ainda vivem na cultura popular brasileira.

Com base nas informações do livro reportagem de Bruno Molineiro (2015), pode-se resumir a história da *Folhinha* por meio das seguintes fases editoriais:

Quadro 8 – Editoras da *Folhinha* e suas características em cada fase

Período	Editora	Características marcantes
1963-1973	Tia Lenita	- Criação do <i>Clube da Folhinha</i>, com promoções e eventos; - Início da prática de repórteres mirins, embora ainda muito mediados pelo jornalista adulto.
1973-1984	Cecília Zioni	- Enfoque educativo; - Valorização da literatura; - Início do projeto <i>Folhinha na escola</i>.
1984-1987	Bell Kranz	- Valorização do jornalismo; - Despedida da <i>Turma da Mônica</i>; - Renovação dos traços das ilustrações.
1987-2004	Mônica Rodrigues da Costa	- Jornalismo ainda mais acentuado; - Inserção da crônica, gênero considerado estar entre o jornalismo e a literatura; - Pautas com temáticas do cotidiano e também de acontecimentos mundiais; - Prioridade ao noticiário científico.
2004-2011	Sylvia Colombo Patrícia Trudes da Veiga	- Orientação mais cultural; - Forte investimento em concursos para aproximar o leitor; - Declínio do jornalismo.
2011-2016	Laura Mattos	- Retomado do jornalismo defendido pelo manual da redação; - Crianças como colunistas.

Fonte: *Folha de S. Paulo*. Adaptado pela autora (2016).

Observa-se que apenas mulheres estiveram à frente do suplemento infantil da *Folha*, o que pode sugerir a necessidade de uma pesquisa sobre gêneros no jornalismo infantil brasileiro.

Retornando ao suplemento em si, destaca-se que as cinco edições analisadas nesta pesquisa foram produzidas no período em que Laura Mattos era editora do suplemento. Desse modo, torna-se natural que as características por ela defendidas sejam identificadas. A sistematização do conteúdo analisado encontra-se no Apêndice, do H ao L.

5.2.1 Resultados

A *Folhinha* apresentou um padrão no tipo de conteúdo produzido e na forma de distribuição do mesmo. O que permite afirmar que, nas cinco edições estudadas, o suplemento foi assim organizado:

Quadro 9 – Organização do conteúdo da *Folhinha*

Página	Conteúdo
1	Reportagem de capa, composta por texto e foto ou ilustração.
2	Coluna <i>Quebra-cabeça</i> , composta por texto de Rosely Sayão e uma tirinha do Armandinho.
	Coluna <i>Ideias</i> , elaborada por uma criança e acompanhada de um desenho de Pedro Coelho.
3	Reportagem de capa, composta por texto e foto ou desenho ou ilustração.
4	Dois quadrinhos, um do Laerte e um do Adão.
	Vitrine de indicação de leitura intitulada <i>Ciranda do livro</i> , composta por duas resenhas de livro e uma foto de cada um.

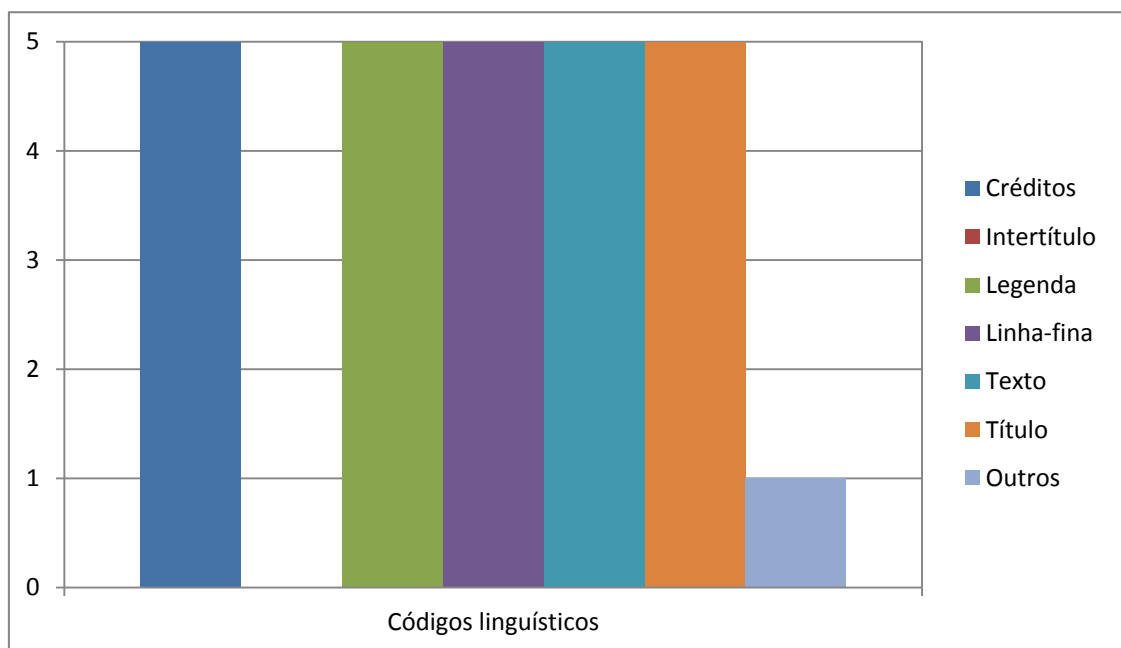
Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

A única exceção em relação à organização apresentada acima foi observada nas edições de março (dias 12 e 19), nas quais a Página 3, além de conter a reportagem (formada por texto e imagem), também apresentava uma propaganda infantil. Esse tópico será abordado a seguir, na discussão da categoria Gêneros.

5.2.1.1 Capa: código linguístico

Observou-se que todas as capas são compostas por uma reportagem, contendo texto e imagem. Assim, Crédito (do texto e da imagem), Legenda, Linha-fina, Texto e Título são códigos linguísticos que estiveram presentes nas cinco edições analisadas. O único elemento que não apareceu em nenhuma das publicações foi o intertítulo. Como Outros, está sendo considerada a chamada da coluna *Quebra-cabeça* localizada no canto superior direito da página e o lema do suplemento, *Um jornal a serviço da criança*, localizado abaixo do logotipo. Tais códigos apareceram na última edição analisada que, por sinal, é a última edição impressa da história da *Folhinha*, de modo que se supõe que tais elementos foram utilizados na edição de 16 de abril exatamente por ela ser a última.

Gráfico 1 – Códigos linguísticos – *Folhinha*



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2017).

Os créditos de imagem mostraram duas origens diferentes para o conteúdo imagético. Uma origem foi a imagem ser produzida pela própria agência de notícias da *Folha*, a *Folhapress*, o que ocorreu em três edições. A outra origem foi a imagem ser considerada divulgação, o que significa que a redação recebeu aquela imagem pronta, provavelmente, pela

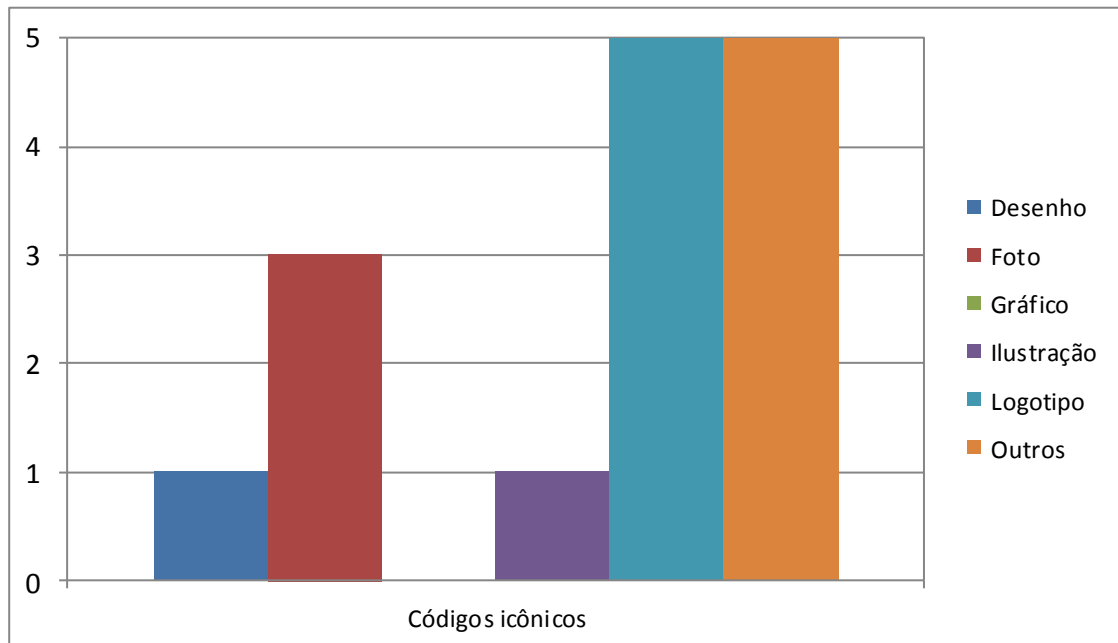
assessoria de imprensa que administra o conteúdo a ser divulgado, o que foi percebido duas vezes.

Por meio dos créditos do texto, foi observado que, no período analisado, três repórteres (Mateus Luiz de Souza, Bruno Molinero e Carol Oliveira) e um crítico de cinema (Cássio Starling Carlos) escreveram para a *Folhinha*. O repórter Mateus Luiz de Souza assinou duas vezes a reportagem de capa, em 12 de março e 2 abril.

Quanto ao texto em si, percebeu-se duas formas de distribuição na página: verticalmente na última coluna do grid ou horizontalmente em 5 colunas da parte inferior do grid. Os textos diagramados na última coluna do grid apresentaram o mesmo volume de texto, já que o tamanho da coluna foi padrão em todas as edições. Já os textos diagramados horizontalmente, apesar de ocuparem a parte inferior das 5 colunas do grid, apresentaram volumes diferentes de texto, pois a altura da coluna variou de edição para edição. Assim, levanta-se a hipótese de que a escolha de onde colocar o texto na página pode levar em consideração o tamanho do texto escrito pelo repórter.

5.2.1.2 Capa: código icônico

Na capa, observou-se o padrão em manter uma imagem que se relaciona com o tema da reportagem, podendo ser um Desenho, uma Foto ou uma Ilustração. Em três edições percebe-se a utilização de fotos. Sobre isso, nota-se que as fotos são os elementos imagéticos que receberam os créditos da *Folhapress*, sendo produzidas pela própria *Folha*. Outra observação é que as três fotos retratam exclusivamente crianças. Já o Desenho e a Ilustração, são as duas imagens creditadas como divulgação, conforme o que foi observado no código linguístico.

Gráfico 2 – Códigos icônicos – *Folhinha*

Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2017).

Tanto o Logotipo quanto Outros são elementos que aparecem nas cinco edições estudadas. No logotipo, tem-se o nome da *Folha de S. Paulo* e a data de publicação do suplemento em fonte branca e pequena localizada no canto superior esquerdo, enquanto, logo abaixo, o nome *Folhinha* aparece em tamanho destacado e, em cada edição, trabalhado em uma cor. Quanto à cor do nome *Folhinha*, observa-se que apenas a edição de 12 de março apresenta uma fonte preenchida com uma cor diferente do branco, pois, nas demais edições, o colorido é percebido apenas no contorno da fonte.

A cor que contorna o nome *Folhinha* é a mesma que preenche o retângulo que forma o logo do suplemento e é a mesma também que forma a cor de fundo do retângulo que dá suporte para o título ser branco. Assim, percebe-se que o padrão cromático do suplemento não é padronizar uma cor e, sim, estabelecer uma cor para a edição e utilizar a mesma em todos os códigos icônicos que não sejam pretos ou azuis (cor padrão dos códigos icônicos nas páginas 2 e 4 de todas as edições).

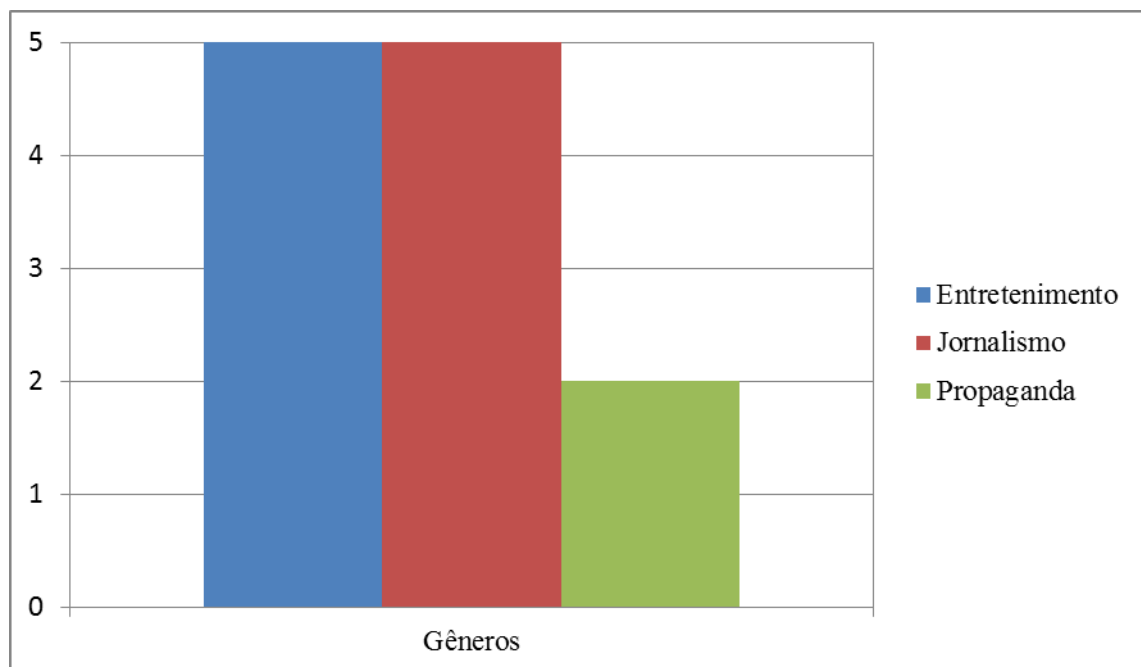
Em Outros, além de se observar o padrão estético do título (fonte branca e fundo colorido), percebeu-se também que em cima da assinatura do repórter existe uma linha preta contínua, um bigode, conforme jargão jornalístico, que demarca a largura da coluna do texto.

5.2.1.3 Gêneros

Dos três tipos de conteúdo estudados em Gêneros, a *Folhinha* apresentou todos. Entretanto, é importante ressaltar que a propaganda foi observada apenas nas edições de março (dias 12 e 19), como já mencionado. A partir disso cria-se a hipótese de que foram as edições de abril que fugiram à regra, já que em abril só haveria *Folhinha* e, consequentemente, espaço publicitário, até o meio do mês – já que a edição de 16/04 foi a última.

Nas duas edições em que foi observada, a publicidade infantil ficou a cargo de personagens íntimos da *Folhinha*, pois anunciava o mesmo musical: Turma da Mônica – O show. É interessante notar que apesar do pai da Turma da Mônica, Maurício de Souza, ter começado sua carreira como quadrinista na *Folha de S. Paulo* e ter sido o autor do projeto gráfico que deu início à *Folhinha*, ele e seus personagens deixaram de ser publicados no suplemento na reformulação que o título sofreu em 1984 (MOLINERO, 2015, p.65).

Gráfico 3 – Gêneros – *Folhinha*



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2017).

Em relação ao entretenimento, percebe-se que, na *Folhinha*, ele fica a cargo dos quadrinhos. Na página 2, a tirinha do Armandinho, do quadrinista Alexandre Beck, trabalha

com o mesmo tema abordado na coluna *Quebra-Cabeça por Rosely Sayão*, psicóloga e consultora em educação. Assim, observa-se uma interação entre o jornalismo opinativo e o entretenimento. Já os quadrinhos Laerte e Adão, respectivamente dos quadrinistas Laerte Coutinho e Adão Iturrusgarai, publicados na página 4, não apresentam nenhuma ligação temática com os outros conteúdos abordados na edição.

Quanto ao conteúdo jornalístico, divide-se em informativo e opinativo de acordo com a classificação de Marques de Melo (2010) e pode ser assim observado na *Folhinha*:

Quadro 10 – Gêneros jornalísticos na *Folhinha*

Jornalismo Informativo	Reportagem de capa.
	Nota de despedida, excepcionalmente, presente na última edição.
	Reportagem de capa na página 3.
	Vitrine com indicação de leitura da seção Ciranda do livro.
Jornalismo Opinativo	Coluna <i>Quebra-cabeça por Rosely Sayão</i> .
	Coluna <i>Ideias</i> .

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Desse modo, conforme se observa nos quadros que fazem referência à categoria Gêneros, a *Folhinha* apresentou nove ou 10 conteúdos diferentes, sendo 10 conteúdos nas duas primeiras edições analisadas (por se ter publicidade) e nove conteúdos nas três últimas (por não se ter). Excepcionalmente, na última edição, a composição dos nove conteúdos foi alterada, pois o desenho de Pedro Coelho, que se encaixa na categoria de entretenimento, foi substituída pela nota de despedida do suplemento, enquadrada como jornalismo. Assim, observa-se que o jornalismo foi o gênero com maior predominância na *Folhinha*.

Quadro 11 – Porcentagem de cada gênero na *Folhinha*

Edições com publicidade 12/03 e 19/03	50% do conteúdo produzido é jornalismo (5 de 10).
	40% do conteúdo produzido é entretenimento (4 de 10).
	10% do conteúdo produzido é publicidade (1 de 10).
Edições sem publicidade e	55,5% do conteúdo produzido é jornalismo (5 de 9).

com desenho de Pedro Coelho 02/04, 09/04	44,4% do conteúdo produzido é entretenimento (4 de 9).
Edição sem publicidade com nota de despedida 16/04	66,5% do conteúdo produzido é jornalismo (6 de 9).
	33,5% do conteúdo produzido é entretenimento (3 de 9).

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Dentre os gêneros jornalísticos, observou-se também que o informativo prevaleceu sobre o opinativo:

Quadro 12 – Porcentagem do jornalismo informativo e do opinativo na *Folhinha*

Edições sem a nota de despedida 12/03 19/03, 02/04 e 09/04	60% do gênero jornalístico é informativo 40% do gênero jornalístico é opinativo
Edição com a nota de despedida 16/04	66,5 do gênero jornalístico é informativo 33,5% do gênero jornalístico é opinativo

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

5.2.1.4 Temáticas

Durante o período em que era responsável pela *Folhinha*, a jornalista Laura Mattos esclareceu que buscou direcionar o suplemento infantil:

[...] mais para a área de reportagens relacionadas ao comportamento da criança leitora. Trabalhei bastante tempo na *Ilustrada* e sempre tive uma característica mais de hard news e timing com a notícia. Por isso, nesse tempo em que estive à frente da *Folhinha* busquei fazer com que ela estivesse conectada com os assuntos do momento. Não que isso tenha sido uma invenção minha, em outros momentos o suplemento já havia sido feito isso. Eu estou apenas falando como era a característica do projeto que eu defendia [...] (QUINTAS, 2017, informação verbal).

Tal afirmação pode ser claramente confirmada pelas temáticas que foram trabalhadas no corpus desta análise. Em todas as edições, pelo menos um gênero jornalístico (seja informativo ou opinativo) apresentou uma temática cultural, nicho de atuação da *Ilustrada*, caderno em que Laura trabalhou. De modo que as temáticas expõem claramente a identidade

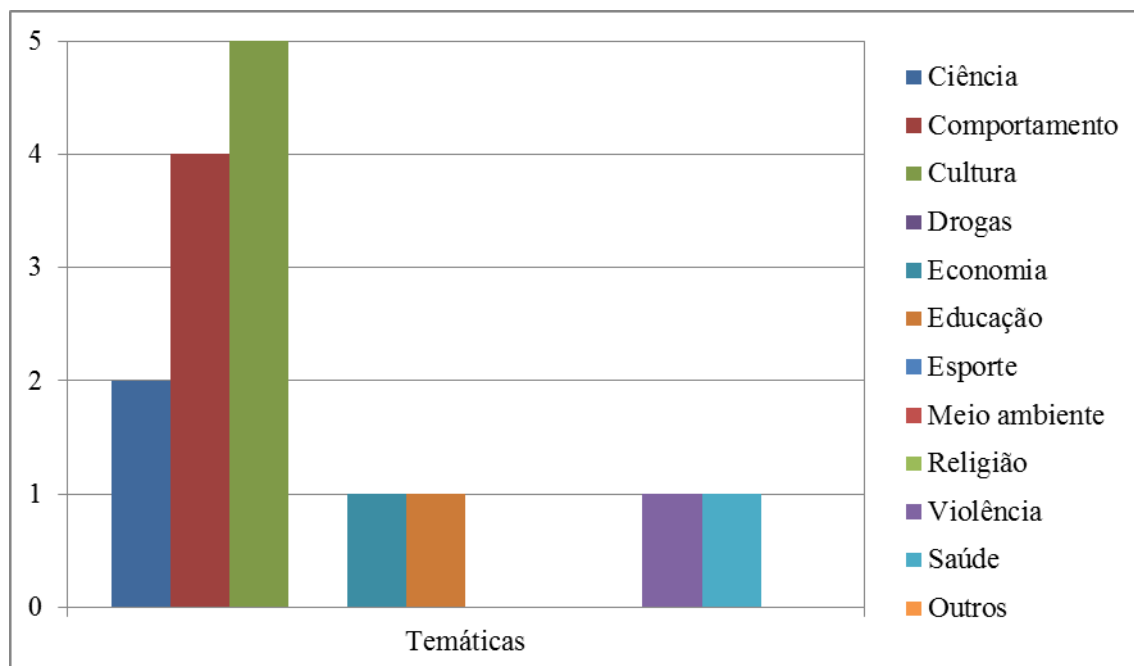
do último projeto editorial executado pela *Folhinha* – o que também é observado pela valorização da produção jornalística perante o entretenimento e a publicidade.

Quanto à temática comportamental, é interessante notar que das quatro vezes em que foi abordada, em três delas foram publicadas pela coluna *Quebra-cabeça* de Rosely Sayão, que é uma psicóloga e consultora em educação. Logo, é uma adulta. Enquanto, por outro lado, os colunistas de *Ideias*, que são crianças, abordaram apenas uma vez tal temática. Sendo que Leonardo Bueno de Paula (oito e, depois, nove anos) e Joana Cassel Fernandes (nove anos) escreveram majoritariamente sobre cultura (game, filme, teatro, datas comemorativas).

Sobre a coluna *Ideias*, vale esclarecer que o texto publicado nesse espaço era escrito por um leitor mirim do suplemento e que, a cada mês, um novo colunista escrevia. Para participar, a criança com o auxílio dos pais precisava enviar para o e-mail folhinha@grupofolha.com.br um texto autoral de mil caracteres. Segundo Laura Mattos, a criança era livre para escrever sobre o que quisesse, sendo que até se fosse necessário cortar conteúdo, era a própria criança quem cortava. A redação corrigia apenas os erros gramaticais.

Ainda sobre a coluna produzida por crianças, a editora explicou que o autor dos desenhos que ilustravam a coluna também era criança. Pedro Coelho era pautado, mas não pela redação e, sim, pelo texto escrito pelo colunista mirim da vez, já que tinha acesso aos textos. Sobre o processo produtivo da coluna, Laura esclarece que a criança só se tornava colunista quando tinha escrito os quatro textos, pois “não podíamos pressionar a criança com o timing do jornal, „tem que entregar hoje! Tem que entregar!“, o que é o nosso normal”. O mesmo valia para Pedro que desenhava com margem de um ou dois meses de antecedência.

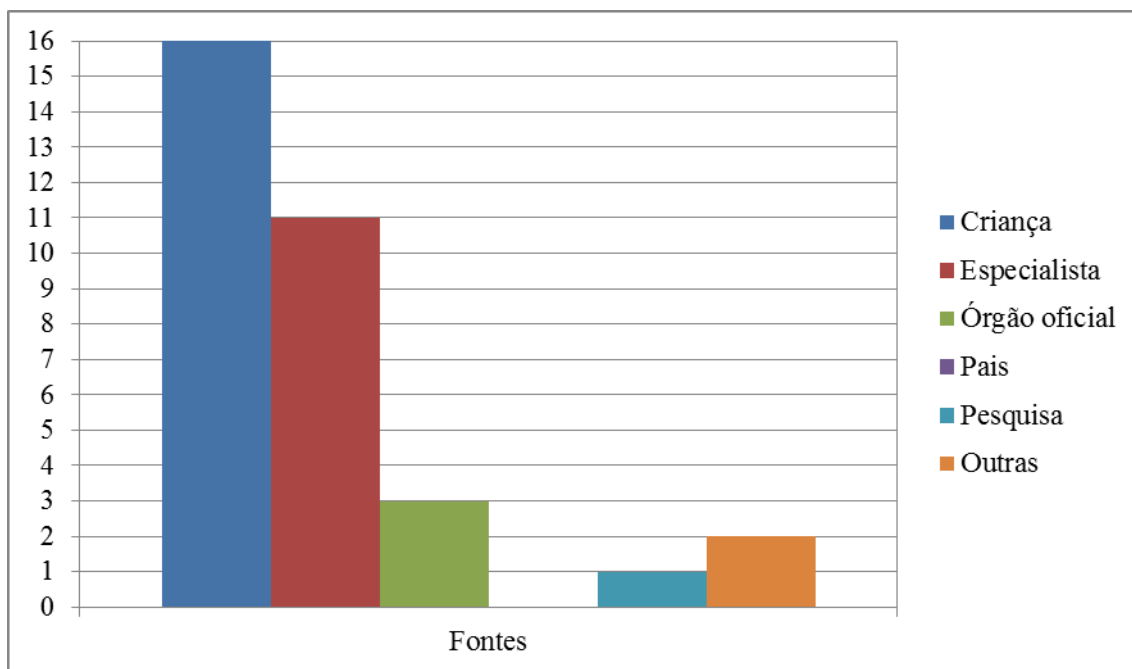
Agora, sim, voltando para as temáticas, observa-se que com exceção do tema Violência, que foi abordado em um das publicações da coluna *Quebra-cabeça* de Rosely Sayão, as demais temáticas (Ciência, Economia, Educação e Saúde) foram abordadas ou pelas reportagens ou pela vitrine *Ciranda de livro*. Assim, conclui-se que, enquanto o gênero jornalístico opinativo (colunas) valorizou temas culturais e comportamentais, o gênero jornalístico informativo (reportagens e vitrine de livros) abordou uma gama mais ampla e diversa de temas.

Gráfico 4 – Temáticas – Folhinha

Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2017).

5.2.1.5 Fontes

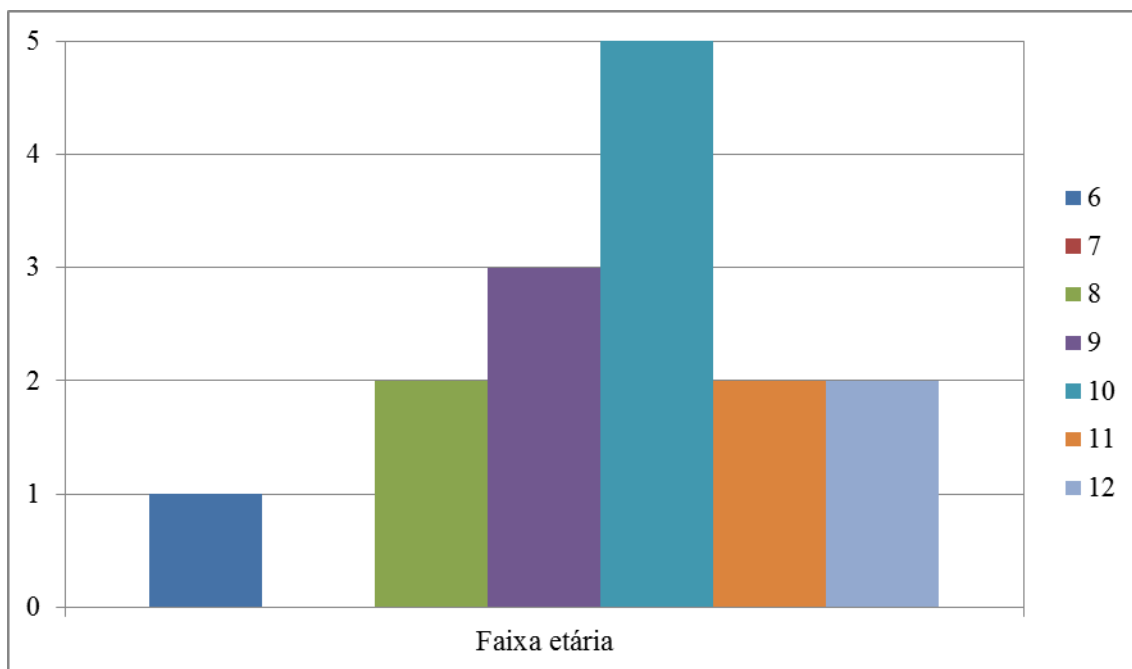
Conforme observado no gráfico a seguir, a maioria das fontes entrevistadas considerando-se as cinco edições analisadas foram Crianças, o que se revela coerente pelo fato do suplemento ser infantil. Em seguida, é recorrente a presença de Especialistas. Em terceiro lugar, têm-se as informações de Órgãos oficiais. Em quarto, têm-se Outros, classificação que engloba o conteúdo obtido por meio de filmes, livros e sites da internet. Por último, aparecem as Pesquisas.

Gráfico 5 – Fontes – *Folhinha*

Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2017).

Estudando-se o perfil da fonte criança, percebe-se que a criança mais jovem entrevistada tinha 6 anos e a mais velha, 12. Entretanto, é necessário notar que o Estatuto da Criança e do Adolescente considera criança o indivíduo com até 12 anos incompletos. Ou seja, o entrevistado de 12 anos da *Folhinha* já é classificado como adolescente e, desse modo, teoricamente, não seria o perfil do suplemento. O perfil de entrevistado mirim mais recorrente foi a criança de 10 anos, faixa etária em que os indivíduos, em geral, já dominam o código escrito.

Gráfico 6 – Faixa etária da fonte criança – *Folhinha*



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2017).

5.2.1.6 Foco Noticioso

De acordo com a editora Laura Mattos (2017, informação verbal), o foco noticioso principal da *Folhinha* é a criança. Já os pais e a escola são considerados focos secundários por representarem a ponte entre o suplemento e seu público. “Nesse sentido, tivemos algumas iniciativas de buscar um conteúdo que pudesse interessar um adulto para que ele transportasse esse conteúdo para a criança”, explica a jornalista.

O espaço mais nítido destinado ao adulto é a vitrine *Ciranda do livro*, em que aparece a descrição: *dicas para crianças, pais, professores, etc.* Esse é o único conteúdo do suplemento explicitamente marcado para qual público é destinado. Talvez, a intenção seja deixar subtendido que todos os outros conteúdos são específicos para a criança. Entretanto, sabe-se que não é o que ocorre, já que pais e professores também são públicos que o suplemento busca atingir, seja pela linha editorial, pela linguagem utilizada ou pelo teor do conteúdo. De modo que a classificação observada na *Ciranda do livro* torna-se desnecessária.

Apesar de a criança ser considerada o leitor principal e, em alguns casos, o texto conversar diretamente com ela (como em: “Seus pais exageram nos carinhos?”²¹), observa-se

²¹ Texto extraído da Página 2 da *Folhinha* de 19 de março de 2016.

que na grande maioria das vezes o texto não fala diretamente com seu público principal, deixando claro que existe uma diferença entre quem escreve (um adulto) e o leitor principal (a criança).

A frase a seguir pode ser utilizada como exemplo: “incentivar a criança a participar da escolha da nova escola”²². O elemento textual que indica existir uma distância entre quem escreve e quem lê é a palavra “criança”, pois a criança não falaria dela mesma em terceira pessoa, assim como o adulto também não o faz. Tal uso da palavra criança é recorrente nos textos e foi observada até mesmo na coluna *Ideias*, em que, teoricamente, uma criança escreveu. O termo teoricamente foi utilizado aqui para gerar dúvida, pois na mesma própria coluna *Ideias*, observou-se o correto uso do vocativo: “Olá, leitores!”²³. Tal erro gramatical é muito comum em adultos, o que leva a reflexão se uma criança de 8 anos realmente saberia da exigência de se utilizar a vírgula quando se chama alguém (nesse caso, os leitores).

Porém, como esclareceu Laura, a redação corrigia os erros gramaticais. Mas e o tema do texto? Na edição de 9 de abril, a colunista mirim Joana Cassel Fernandes escreveu, “Mesmo que não gostem de estudar, é bom saber que a escola é muuuuuuito importante”. A importância da escola é uma consciência que existe aos nove anos de idade? A dúvida da autoria do texto é reafirmada pela utilização do verbo gostar no presente do subjuntivo, pois ao utilizar “gostem”, percebe-se que a autora está suprimindo o sujeito “eles”, de forma que a criança que está falando sobre o comportamento infantil se exclui do próprio discurso. Porém, caso o texto tenha sido escrito de fato por um adulto, ele o foi por parte do leitor que enviou o texto para a redação e não por parte da *Folhinha*.

5.2.1.7 Observações

A *Folhinha* apresentou um projeto gráfico-editorial padrão nas cinco edições analisadas, sendo parcialmente coerente com sua proposta de ser um jornal a serviço da criança, faltando completar: a serviço da criança que se enquadra no perfil socioeconômico do leitor objetivado pela própria *Folha* – classe média, classe média alta, como definiu a própria Laura Mattos (2017, informação verbal) em entrevista –, ou seja, uma pequena parcela da população. Observando os autores dos livros indicados na *Ciranda do Livro*, percebe-se que

²² Texto extraído da Capa da *Folhinha* de 12 de março de 2016.

²³ Em texto extraído da Página 2 da *Folhinha* de 12 de março de 2016.

dos 10 publicados, 6 são estrangeiros, o que reafirma o perfil de leitor que o veículo deseja alcançar.

A análise comprovou não só que os conteúdos eram majoritariamente jornalísticos, como também o fato de que eles representam o perfil da própria editora do suplemento. Isso, em grande escala, demonstra como a linha editorial de um jornal impacta de forma direta no conteúdo produzido por ele – seja na estética ou no discurso.

Quanto às etapas do processo de produção de um jornalismo para crianças e suas diferenças de um jornalismo para adultos, observou-se:

Quem trabalha com o público infantil, acredito que tem a responsabilidade de entender que o leitor é diferente, pois ele é criança e você que está produzindo o conteúdo é adulto. Nesse sentido, é mais delicado você escrever para alguém que é diferente de você. Então, é um esforço de buscar um olhar que não é o seu olhar e aí o desafio era termos ferramentas para estarmos buscando cada vez mais que a criança pudesse nos auxiliar. Por isso, sempre tínhamos reuniões com crianças, buscávamos conversar com elas [...] De resto, eu não vejo tanta diferença, porque vejo que é um jornalismo tão sério quanto o de adulto [...] Tem uma série de cuidados especiais com a infância que é determinada pelo próprio ECA, então, tínhamos que saber. Enfim, autorização dos pais, por exemplo. Têm umas sutilezas assim. Mas do ponto de vista da redação, de produzir a reportagem, ouvindo opiniões diversas, vendo diferentes lados, buscando a isenção e a aproximação de um tom mais equilibrado [...] acho que são aspectos do jornalismo de qualidade, então fazíamos isso na *Folhinha* (QUINTAS, 2017, informação verbal).

A *Folhinha*, pelo menos em sua última fase, era um suplemento jornalístico. Ao que vale acrescentar: com foco no gênero informativo. Tais textos informativos, representado principalmente pela reportagem, abordaram assuntos atuais e de temáticas diversas.

Sobre a estética do suplemento, observa-se uma diagramação planejada e conectada com as teorias da área. De acordo com Arnold (1965), a atenção primeira do leitor percorre em diagonal, do canto superior esquerdo para o canto inferior direito (↘). Assim, entende-se porque a imagem, que chama atenção primeiro do que o texto, ocupa a área central da capa, ficando o texto na coluna da esquerda ou na parte inferior do grid. Sendo também que as páginas ímpares são vistas primeiro do que as pares. Desse modo, ao se colocar a continuação da reportagem na página 3, se está, mais uma vez, valorizando o jornalismo informativo em relação ao opinativo, formado pelas colunas *Quebra-cabeça* e *Ideias* (localizadas na Página 2).

5.3 O *Jornal da Cidade*

O *Jornal da Cidade*, popularmente conhecido como *JC*, foi fundado em primeiro de agosto de 1967, segundo descrição da APJ (Associação Paulista de Jornais). Pertencente ao *Grupo Cidade Interbrasil de Comunicação*, assim como a rádio local 96 FM, o periódico é o único com circulação diária na cidade.

O município de Bauru está localizado na região centro-oeste do Estado de São Paulo, a 330 quilômetros da capital, e de acordo com estimativa do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE) publicada em 2016, a população da cidade é de aproximadamente 370 mil habitantes.

A circulação diária do *Jornal da Cidade*, de acordo com o IVC e com o relatório Mídia Dados 2016, é de 15,4 mil exemplares. Os periódicos circulam por Bauru e mais 45 cidades da região, abrangendo uma população um pouco maior do que 1 milhão e 500 mil pessoas, segundo dado do grupo empresarial Sucursal SP, que é uma Unidade Avançada de Negócios na capital paulista, formada por jornais impressos que não são concorrentes entre si (*O Vale*, de São José do Campos, o *Jornal de Piracicaba* de Piracicaba, o Grupo *Diário da Região* de São José do Rio Preto e o Grupo *Jornal da Cidade* de Bauru).

O *JC* é um jornal de tamanho standart (56 por 32 centímetros), impresso em papel jornal por meio do método offset (processo que envolve uma interação entre água e gordura - que é a tinta, sendo o método mais comum de impressão comercial). A impressão dos cadernos do jornal são, no geral, em colorido, mas algumas páginas específicas são impressas em preto e branco, o que barateia o custo da produção.

O periódico é publicado todos os dias, entretanto, conta com publicações semanais específicas. São elas: *JC Saúde*, *Ser*, *JC Criança*, *Economia*, *JC nos Bairros* e *JC Regional* aos domingos; *JC Turismo* às quintas-feiras; *Bauru Ilustrado* aos sábados. De segunda-feira à sábado o jornal é vendido por R\$ 2,00 e aos domingo por R\$ 3,00.

5.4 O *JC Criança*

O suplemento infantil começou a ser publicado no Dia das Crianças do ano de 1991 (FERREIRA, 2016, p.57). De acordo com descrição encontrada na página do Grupo Sucursal SP, o objetivo do caderno é oferecer às crianças “um espaço democrático onde podem expor

suas ideias, histórias, desenhos, poesias, etc. O *JC Criança* é totalmente voltado aos seus leitores, respeitando suas opiniões e satisfazendo suas necessidades”.

Ao completar 20 anos em 2011, o *JC Criança* publicou uma reportagem comemorativa assinada por Ana Paula Pessoto, na qual o diretor do Grupo Cidade, Renato Zaiden, destaca:

[...] o fascínio que o papel ainda exerce na aproximação do leitor com a informação. „É uma grande vitória manter o *JC Criança* por duas décadas. Muitos adultos adquiriram o hábito de se informar com esse suplemento e nossa intenção é prosseguir com qualidade e atualização“, destaca (PESSOTO, 2011).

Adriana Nogueira foi a jornalista convidada pelo jornal para formular o projeto do que seria a primeira edição do *JC Criança* e, desde o início, o suplemento já era utilizado pelos professores como forma de trabalhar com a informação na sala de aula (PESSOTO, 2011). Roberta Mathias e Daniela Bochembuzo também foram editoras do suplemento, que hoje não tem uma editora específica, sendo fechado pela editora-chefe Giselle Castilho Hilário Bonomo. A título de curiosidade, assim como ocorreu na *Folhinha*, observa-se que os profissionais responsáveis por produzir o caderno infantil de ambos os gêneros pertencem exclusivamente ao gênero feminino.

O suplemento é diagramado em formato tablóide, medindo 31,5 centímetros na vertical e 28 centímetros na horizontal. Composto por 12 páginas, 8 são coloridas (as páginas 1, 2, 5, 6, 7, 8, 11, 12) e 4 são impressas em preto e branco (as páginas 3,4, 9, 10). Sua publicação é semanal e ocorre aos domingos.

De acordo com Ferreira (2006, p.58), “o público-alvo do *JC Criança* abrange a primeira infância até os 14 anos” sendo construída, segundo a jornalista Daniela Bochembuzo, editora do suplemento na época, com base em três pontos principais: factuality, repertório infantil e pedagogia.

Um dos seus grandes destaque é o *Clubinho JC Criança*. Em toda edição publicada, a página 4 do suplemento apresenta as empresas conveniadas ao *Clubinho* e, na parte inferior da página, traz uma ficha intitulada “Futuro Sócio do Clubinho JC Criança”, ao lado dela, aparece o texto:

Você é sócio do Cubinho *JC Criança*? Não? Então preencha o cupom ao lado, junte uma foto 3x4 e envie para o *Jornal da Cidade*. O associado do *Clubinho JC Criança* tem uma série de vantagens em eventos e promoções,

como, por exemplo, descontos e sorteio de ingressos. Várias empresas são conveniadas ao Clubinho e quem ganha é o associado. Quando a sua carteirinha estiver pronta, o *JC Criança* vai enviar direitinho para a sua casa. Por isso, escreva todos os dados corretamente e capricha na letreirinha! O *Clubinho JC Criança* já tem mais de 7.000 sócios até 13 anos e várias empresas conveniadas, venha fazer parte dessa turma. Ah! Não é preciso pagar nada para ficar sócio. Convide também os amiguinhos! (JORNAL DA CIDADE, 2016, p.4).

Em 2006, o Clubinho contava com aproximadamente 5.000 sócios, segundo o que apresenta Mayra Fernanda Ferreira (2006, p.58). Conforme observado pela edição de 17 de abril de 2016, 10 anos depois, o Clubinho cresceu 40%, revelando estar com dois mil sócios a mais. Porém, conforme já esclarecido pela atual editora (BONOMO, 2017, informação verbal), tal aumento está ligado ao fato do *Clubinho* apresentar vantagens aos pais das crianças sócias e não ao fato de que suplemento cresceu em número de leitores.

A sistematização do conteúdo analisado encontra-se no Apêndice, do M ao Q.

5.4.1 Resultados

Formado por 12 páginas, o *JC Criança* apresentou um padrão no tipo de conteúdo produzido e na forma de distribuição do mesmo, o que leva a supor que existe um *template* pré-formatado, no qual o conteúdo imagético e textual de cada edição é apenas inserido. Nas cinco edições estudadas, observou-se a repetição da ordem:

Quadro 13 – Organização do conteúdo do *JC Criança*

Página	Conteúdo
1	Capa composta, majoritariamente, por imagem.
2	Notícia do Sesc, apresentando uma peça teatral (texto acompanhado de foto ou fotos).
	Vitrine <i>Estantes</i> elaborada com 3 indicações de livros, todos acompanhados de uma imagem do livro indicado (apenas na edição de 13 de março as fotos aparecem antes da nota descritiva sobre o livro).
3	Reportagem curta.
	<i>Aniversariantes da semana</i> .

4	<i>Empresas conveniadas ao Clubinho JC Criança.</i>
5	Turma do Barulho.
6	Reportagem de capa.
7	
8	<i>Turma do Barulho.</i>
9	Quadrinhos <i>Turma da Mônica</i> , 6 tirinhas divididas em duas colunas simétricas.
	<i>Dia D</i> , com as datas comemorativas da semana.
	<i>O que é o que é?</i> , frases para se adivinhar a resposta, com a resposta na lateral interna da página 10.
10	<i>Passatempo</i> composto por três brincadeiras, cada uma estimulando com uma habilidade distinta.
11	<i>O artista é você</i> , espaço destinado ao desenho das crianças. Sendo publicados, no mínimo, 3 e, no máximo, 5 desenhos.
12	Quadrinho assinado por Claudinei Muniz. Nas edições analisadas foram publicadas histórias do <i>Os Birutinha</i> , <i>SuperDudu</i> e <i>Os Birutas</i> .

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

5.4.1.1 Capa: código linguístico

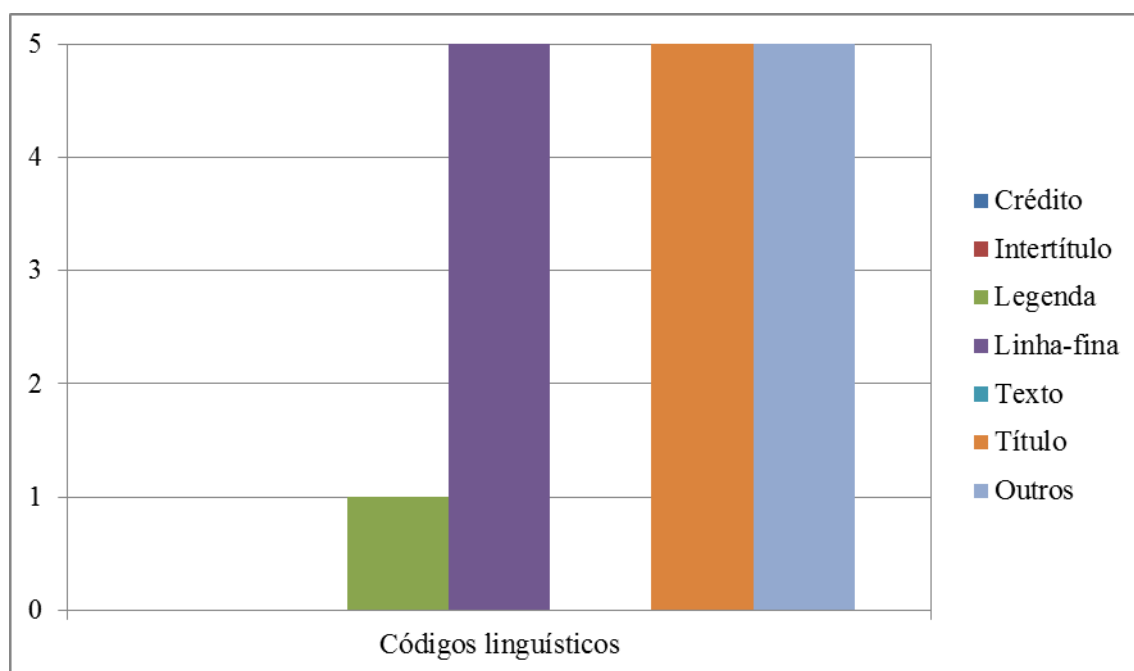
As edições analisadas do *JC Criança* mostraram que Título, Linha-fina e Outros (no que se inclui o cabeçalho do jornal e o número da página em que se encontra a reportagem principal) são elementos padrões da capa do suplemento. Já o elemento Legenda foi observado apenas na edição de 13 de março. Crédito e Texto (nota, notícia ou reportagem, por exemplo) não foram observados em nenhuma das publicações estudadas.

É interessante ressaltar que nenhuma imagem utilizada na capa recebeu crédito, fosse ele para o fotógrafo, para o desenhista, para o ilustrador ou para o designer. Sendo que as reportagens de capa (localizadas em todas as edições nas páginas 6 e 7 do miolo – até mesmo na edição de 13 de março em que foram indicadas as páginas 7 e 8) também não foram assinadas em nenhuma das edições.

Sobre os títulos, percebe-se que três deles não utilizam verbos (*Dia nacional da poesia*, *Páscoa na escola* e *Cuidado com a mochila!*). Os dois que utilizam (*Faça teatro!* e

Cuide da natureza), os verbos estão conjugados no imperativo, o que transmite a ideia de que o suplemento está impondo ao que seu leitor o deve ser feito. O ato de impor deixa implícito que quem manda e quem obedece são indivíduos que não ocupam a mesma posição. Assim, tais títulos revelam que existe um adulto falando para uma criança, de modo que a linguagem utilizada estabelece-se como uma barreira entre o suplemento e seu público principal.

Gráfico 7 – Códigos linguísticos – JC Criança



Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

5.4.1.2 Capa: código icônico

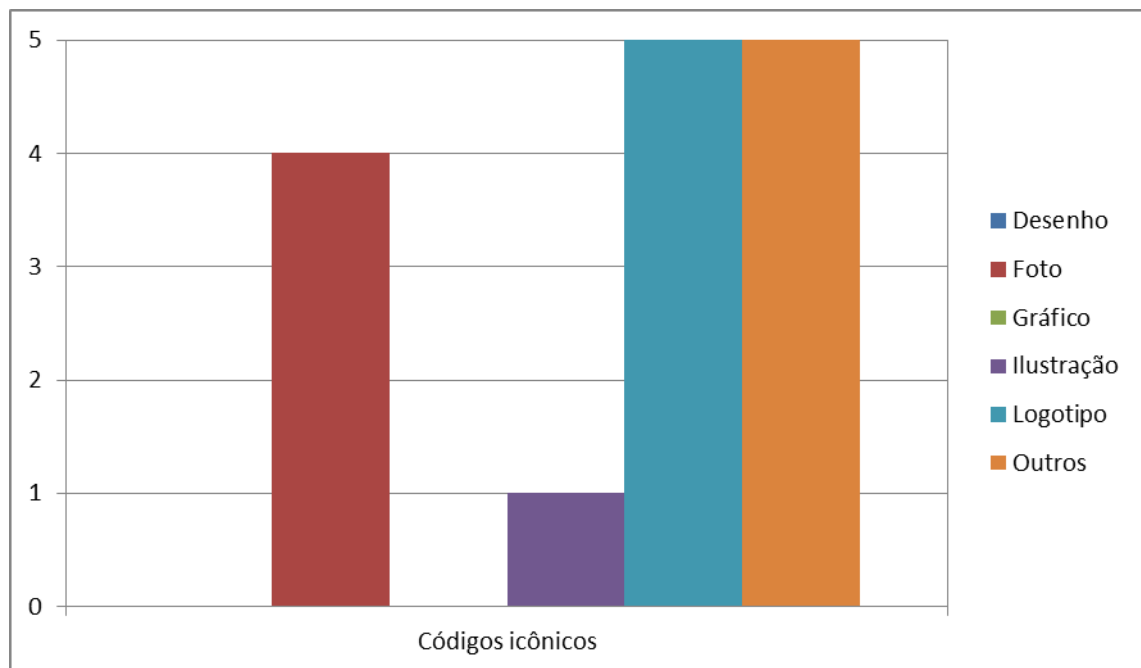
O logotipo do suplemento foi observado nas cinco edições estudadas, sendo que em todas elas ele apareceu exatamente igual e no mesmo local da página, ocupando toda extensão horizontal da parte superior. Outro elemento observado em todas as edições foi um traço contínuo em escala de cinza no fim da página, chamado linha de gris e utilizado no momento da impressão para verificar se o conteúdo impresso fiará dentro do limite das margens.

Toda capa apresentou uma imagem, sendo quatro delas Foto e uma delas Ilustração. Das fotos, vale ressaltar que a da edição de 20 de março é claramente uma montagem gráfica e a da edição de 17 de abril é provavelmente uma foto produzida, ou seja, montada exclusivamente com o intuito de mostrar o conteúdo da mochila (tema da reportagem de

capa). Em apenas uma das fotos observa-se pessoas e, nesse caso, é uma criança. Percebe-se que todas as imagens fazem referência ao tema da reportagem chamada na capa.

De forma geral, nota-se que as capas do *JC Criança* dão destaque ao código icônico, de modo que o código linguístico ocupa uma posição secundária.

Gráfico 8 – Códigos icônicos – *JC Criança*



Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

5.4.1.3 Gêneros

Entretenimento, Jornalismo e Propaganda são gêneros que aparecem em todas as edições estudadas e sempre na mesma proporção. O Entretenimento ficou a cargo dos *Aniversariantes da semana*, das fotos da *Turma do Barulho*, dos quadrinhos da *Turma da Mônica*, dos desenhos do *O artista é você*, das perguntinhas do *O que é o que é?* e das brincadeiras do *Passatempo*.

Os espaços *Turma do Barulho* e *O artista é você* são os que possibilitam a interação direta entre os leitores e o suplemento. De acordo com a editora do *JC Criança*, Giselle Castilho Hilário Bonomo (2017, informação verbal), os desenhos que são vistos em *O artista é você* não passam por uma seleção, “[...] chegou o desenho, temos uma pasta, colocamos

tudo lá e vamos publicando. Já tem gente que manda por e-mail, mas também tem criança que manda por correio. Só que a nossa demanda maior vem pelas escolas”, revelou a jornalista.

As fotos que são publicadas na *Turma do Barulho* têm a mesma dinâmica, entretanto, a respeito delas, Bonomo revelou uma tendência curiosa sobre o fluxo de envio das fotos:

[...] percebemos que dá uma parada de vez em quando, daí nós colocamos um recadinho no Facebook, dizendo que o JC Criança está recebendo fotos para publicação. Quando fazemos isso, recebemos uma quantia razoável de fotos. Quando elas terminam, nós publicamos de novo. As pessoas antes não precisavam desse estímulo. Hoje, elas precisam. Não que deixamos de receber completamente, só que nós publicamos 12 fotos todos os domingos. É muita foto, então, nós precisamos de uma demanda grande de fotos – que não necessariamente nós temos. Então, estimulamos os pais, padrinhos, vovôs e vovós corujas a mandar o material para cá e, quando, acontece isso, nós temos uma demanda boa (BONOMO, 2007).

A Propaganda observada no suplemento pode ser considerada indireta, pois ela ocorre por meio de uma página inteira em que são apresentadas as empresas conveniadas ao *Clubinho JC Criança*. Não existe a publicidade de cada empresa, existe o nome, o endereço, o contato e o serviço que ela presta, se aproximando de um serviço.

Em 2006, o *Clubinho* contava com 5 mil sócios (FERREIRA, 2006). 10 anos depois, o número cresceu e está em 7 mil sócios, conforme descrito na Página 4 das edições analisadas. Giselle Castilho Hilário Bonomo (2017, informação verbal) explica que o aumento no número de sócios não indica maior interesse infantil em relação ao suplemento impresso, “na verdade, quem acaba fazendo o cadastro são os pais, porque tem convênio com livraria, escola de inglês...” (BONOMO, 2017, informação verbal), ou seja, o que estimulou o crescimento do *Clubinho* foram as vantagens econômicas que ele possibilita – algo que é do interesse dos adultos.

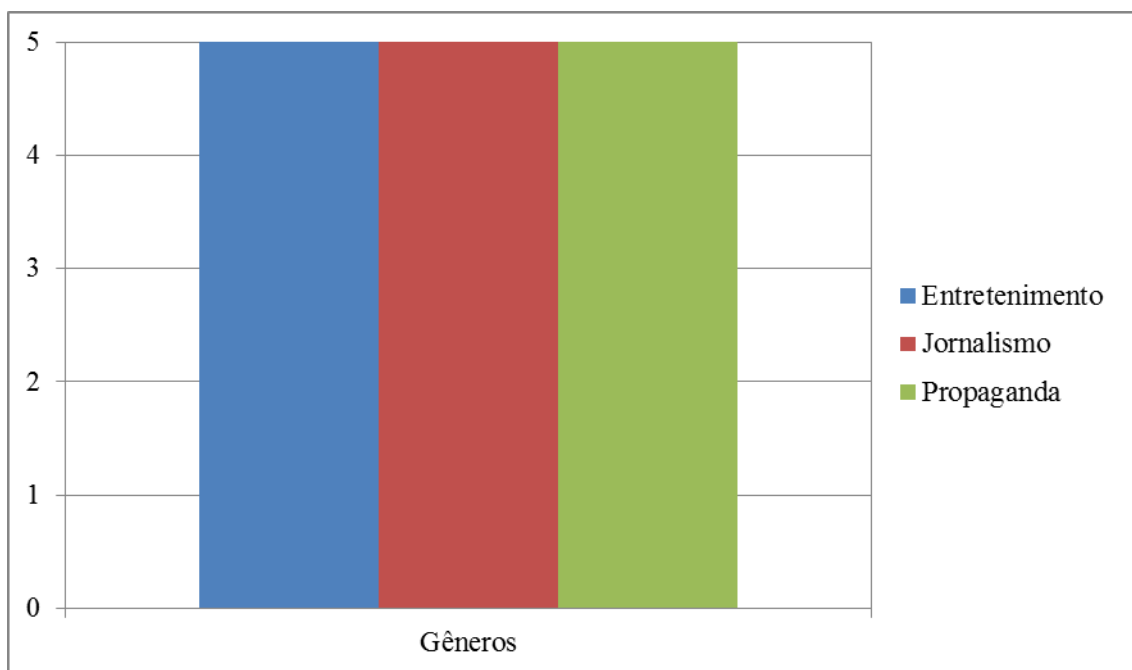
Sobre o gênero jornalístico observa-se a produção de notícias, notas (representada pela vitrine de indicação de livros e pelas datas comemorativas) e reportagens. Ou seja, é um jornalismo enquadrado exclusivamente como informativo.

Assim, dos 13 tipos diferentes de conteúdo existentes no *JC Criança* conclui-se que 54% é Entretenimento, 38,5% é Jornalismo e 7,5% é Propaganda²⁴. Porém, é importante esclarecer que tais estatísticas referem-se à pluralidade de conteúdo produzido pelo jornal e

²⁴ Entretenimento: 7 conteúdos no total de 13. Jornalismo: 5 conteúdos no total de 13. Propaganda: 1 conteúdo no total de 13.

não, necessariamente, ao gênero que ocupa mais espaço, porque se assim fosse, a Propaganda por ocupar uma página inteira corresponderia a 8,5%²⁵ do conteúdo total.

Gráfico 9 – Gêneros – JC Criança



Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

5.4.1.4 Temáticas

Cultura foi o único tema observado nas cinco edições do *JC Criança*. Todos os formatos jornalísticos produzidos pelo suplemento abordou o tema pelo menos uma vez, sendo que o espaço *Dia D* encaixou-se em todas as publicações como cultural por sempre informar sobre datas comemorativas.

O segundo tema a apresentar maior recorrência foi Comportamento, sendo que em todas as vezes que o assunto foi tratado, ele foi abordado pelos livros indicados na *Estante*. Sobre essa característica é essencial se atentar sobre o papel do jornalista enquanto mediador de um conteúdo. Como observou o professor Angelo Antonio Abrantes, psicólogo especialista em literatura infantil:

²⁵ Todas as estatísticas apresentadas neste trabalho foram arredondadas, ou para cima ou para baixo, para apresentarem ou números inteiros ou frações inteiras (0,5).

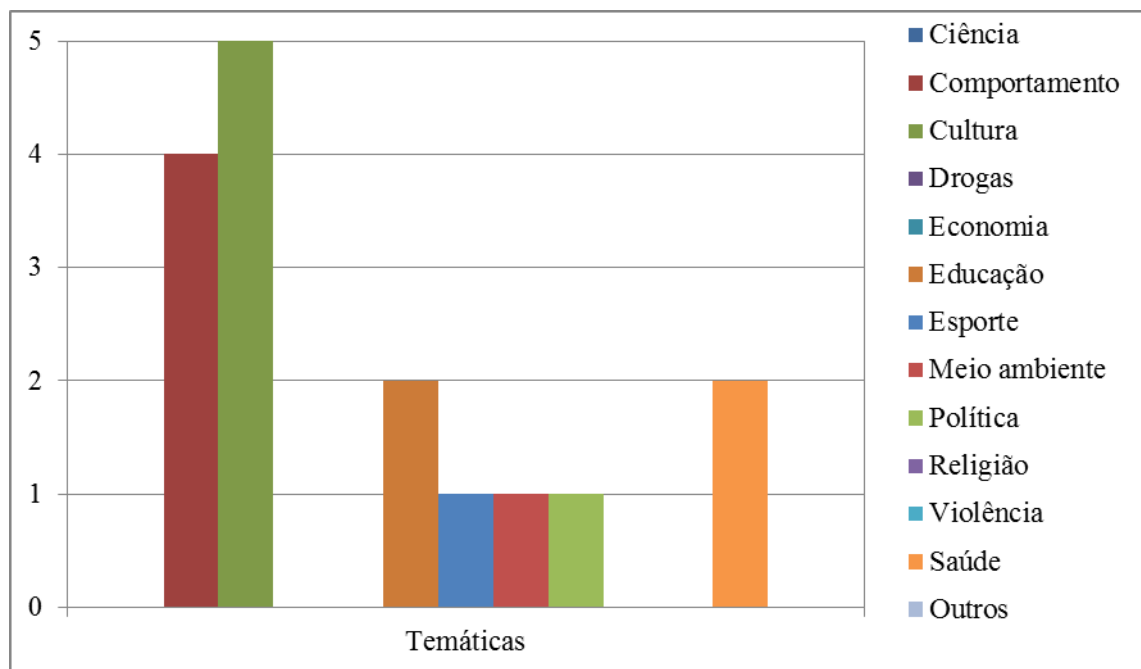
[...] se esse conteúdo vai ser benéfico ou não para a criança, vai depender do livro e isso cabe, primeiro, ao jornalista da coluna e, depois, ao pai ser o mediador. [...] O que tem por trás disso tudo é a visão de que ser humano você quer formar. Você quer formar um ser humano passivo? Acrítico? Submisso? Ninguém vai falar que quer. O jornalista, se ele está indicando, ele é um crítico, então, tem que ter reponsabilidade com isso (ABRANTES, 2017, informação verbal).

O professor Abrantes (2017, informação verbal) defende a ideia de que o discurso é carregado de ideologia e que, por isso, ele não tem um fim em si mesmo, de modo que os desdobramentos são observados a partir do que o leitor absorveu. Ele considera ainda que o “desenvolvimento do ser humano se dá pela relação do indivíduo com a sociedade” (ABRANTES, 2017, informação verbal). Assim, as temáticas abordadas pelo jornal (e a forma como isso é feita) ajudam a formar a compreensão de mundo do leitor do veículo, ao mesmo tempo em que a sociedade também pauta esses mesmos veículos.

A partir dessa perspectiva, observa-se que a edição de 17 de abril de 2016 foi a única publicação que indicou livros sobre a temática Política (o que explica o surgimento dessa categoria apenas na última edição analisada). Vale ressaltar que dois dos três livros indicados abordaram o tema. Sobre tal episódio, torna-se necessário destacar que 17 de abril de 2016 foi o dia em que a Câmara dos Deputados aprovou o encaminhamento do pedido de impeachment da então presidenta Dilma Rousseff ao Senado²⁶.

Assim, observa-se a coluna de indicação de livros infantis conversando com o contexto político do período. O que revela que a produção de conteúdo não é feita de forma aleatória e que os discursos, na grande maioria das vezes, transmitem tanto uma ideia em si (a necessidade da criança aprender sobre política), quanto uma ideologia (a necessidade de a criança compreender o contexto político em que ela está inserida). Além disso, tal episódio pode ser tomado como exemplo sobre como se explorar temas que por um longo período foi considerado apenas da alçada dos adultos.

²⁶ MELO, Karine. **Maioria da Câmara aprova encaminhamento do processo de impeachment ao senado**. JC Net. Disponível em: <<http://www.jcnet.com.br/Nacional/2016/04/maioria-da-camara-aprova-encaminhamento-do-processo-de-impeachment-ao-senado.html>> Acesso em: 05 fev. 2017.

Gráfico 10 – Temáticas – *JC Criança*

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

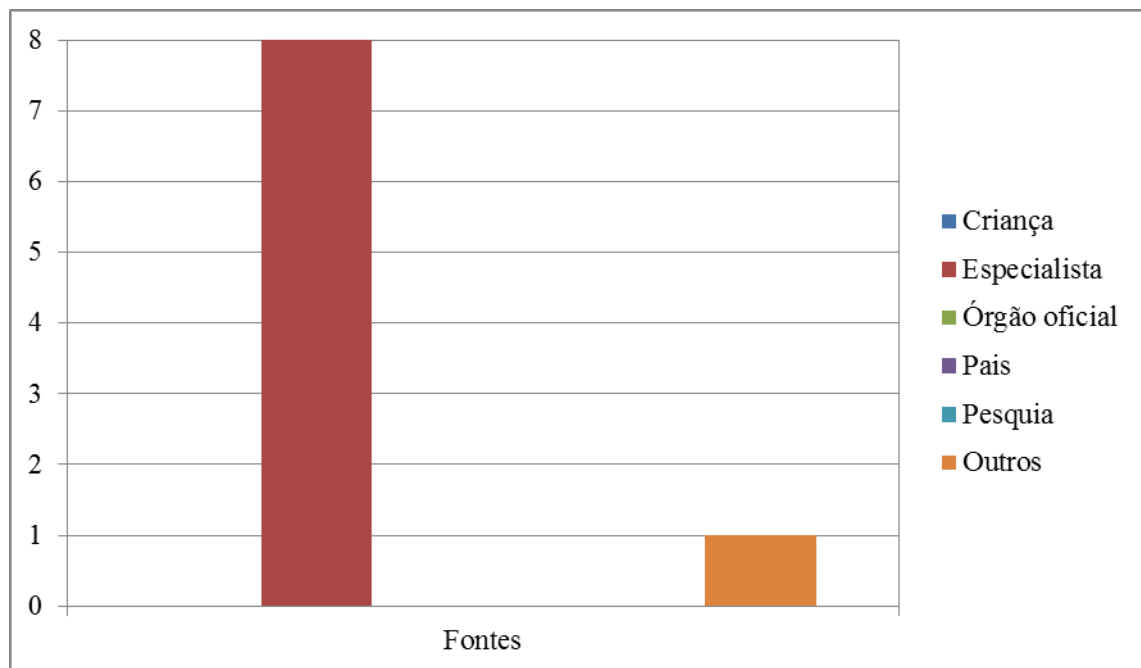
5.4.1.5 Fontes

Cada edição do *JC Criança* conta com 5 produções jornalísticas. Considerando-se as 5 edições analisadas, se chega ao total de 25. No corpus deste estudo foram contabilizadas 9 fontes ao total, independentes do tipo. Tal observação leva a média imaginária de 0,36 fontes por conteúdo jornalístico. Ou seja, grande parte do que foi produzido não ouviu nenhuma pessoa, se resumindo à própria ideia de quem escreveu o texto. Assim, observa-se que o produtor de conteúdo não se atentou a colher opiniões contrárias, o que se é estimulado por estar associado à pluralidade de olhares – o que, no jornalismo, é valorizado por ajudar a promover a credibilidade.

Outra observação é que mais da metade das nove fontes são da capital do Estado de São Paulo. Tal informação vai de encontro à ideia que se tem de que um veículo jornalístico regional valoriza e explora a identidade do local em que está. No caso do *JC Criança*, essa constatação justifica-se pelo fato de grande parte do conteúdo, na realidade atual do suplemento, ser produzido por agência de notícia (BONOMO, 2017, informação verbal) que, provavelmente, não está localizada na mesma região em que o *Jornal da Cidade* circula, o centro-oeste paulista.

Das nove fontes, uma é considerada indireta por fazer referência a um documento oficial, sendo classificada como Outros. As 8 restantes são especialistas, ou seja, adultos. Desse modo, conclui-se que o suplemento infantil do *Jornal da Cidade*, pelo menos na categoria Jornalismo, não dá voz ao público para quem é produzido: a criança.

Gráfico 11 – Fontes – JC Criança



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2017).

5.4.1.6 Foco Noticioso

De acordo com a jornalista responsável em fechar o *JC Criança*, “o suplemento é voltado para a criança, mas sabemos que ele é utilizado pelos pais e, principalmente, pela escola na abordagem de algum tipo de assunto”, esclarece BONOMO (2017, informação verbal). Assim, apesar do público infantil ser o primeiro leitor que se busca alcançar, o jornal trabalha também com o objetivo de atingir o pai e, principalmente, a escola.

Tais públicos apresentam um grande obstáculo ao jornalista: como adequar a linguagem a necessidades tão distintas? A essa questão, Giselle Castilho Hilário Bonomo respondeu:

A linguagem é elaborada pensando na criança e não nos pais e nem nos professores. A ideia é falar com a criança. Recentemente, eu publiquei um material que tinha lá “dicas para os pais”. Então, tinha um texto principal falando com a criança e um box voltado para os pais e, aí sim, com uma

linguagem mais sisuda. Mas essa diferenciação de público fica clara quando isso acontece (BONOMO, 2017, informação verbal).

Nas edições analisadas, nenhuma produção jornalística apresentou uma diferenciação que indicasse um conteúdo específico para pais ou professores. Quanto à linguagem elaborada pensando na criança, ela foi observada mais na reportagem curta da Página 3 (*Você sabe o que não pode faltar na sua lancheira?, Ajude seus pais a escolher [...], [...] peça para um adulto olhar [...]*).

Foi a Página 3 também que apresentou a maior recorrência do *Você sabia?*. Como muitas coisas são novas para a criança, já que ela teve menos tempo do que um adulto para vivenciar algo ou para ter contato com algumas informações, ao utilizar tal questionamento, espera-se implicitamente que o leitor não saiba. Logo, utilizar tal recurso com um leitor mirim aumenta as possibilidades de que ele seja bem sucedido, ou seja, de que a criança realmente não saiba.

Nos quadros a respeito do Foco Noticioso, as notícias do Sesc localizadas na Página 2 não foram consideradas como um conteúdo que objetiva o público mirim justamente pela linguagem. O texto, que é release do Sesc conforme confirmado pela editora do suplemento, é claramente produzido para adultos, o que se comprova pelo vocábulo (*vil metal, comicidade, colapso, unânime* etc.).

5.4.1.7 Observações JC Criança

O suplemento apresenta uma capa mais imagética do que linguística, entretanto, em se tratando do conteúdo jornalístico, esse não é um padrão observado em todas as páginas. Percebe-se que as fotos são valorizadas nas páginas impressas em colorido, o que ocorre, principalmente, nas partes referentes ao entretenimento. Com isso, as produções jornalísticas do miolo do suplemento apresentam mais texto do que imagem.

Em relação ao processo de produção, a editora Giselle Castilho Hilário Bonomo (2017, informação verbal) esclarece que tanto a agência de notícias quanto o ilustrador Claudinei Muniz são livres para criar, não sendo pautados pela redação. Sobre a redação, é válido ressaltar que há alguns anos não existe mais uma equipe própria do *JC Criança*. Quando existe a necessidade de um conteúdo específico (como a *Estante*, um dos poucos conteúdos produzidos por profissionais do jornal), a editora-chefe afirmou ser ela mesma quem escreve ou algum repórter do geral.

5.5 Observações Gerais

Desde o início, os suplementos se aproximavam por compartilharem do mesmo leitor principal, a criança. E desde o início se afastavam pela *Folhinha* representar um conteúdo produzido pensando na distribuição nacional, enquanto o *JC Criança* tinha o benefício de dialogar com uma criança que estava mais próxima do seu alcance.

Observou-se que, apesar de ambos terem foco no leitor mirim, a *Folhinha* interagia com ele por meio de conteúdos informativos. Já a maior parte do conteúdo do *JC Criança* é entretenimento e não é autoral.

O alcance da distribuição, imaginada como grande diferencial do *JC Criança*, no fim, revelou ser um aspecto não explorado pelo jornal, pelo menos em se tratando da produção jornalística. Isso porque, grande parte das reportagens com fonte, citou instituições e pessoas ligadas a capital do Estado não fazendo referência à realidade local e regional – algo explorado apenas no entretenimento nos espaços *Turma do Barulho* e *O artista é você*.

Os suplementos comprovaram a possibilidade de se produzir jornalismo para a criança e esclareceram também que até uma indicação de livro é capaz de contextualizar o momento histórico. De modo que, em se tratando de jornalismo, a qualidade de um conteúdo se torna um aspecto mais relevante do que a existência de um conteúdo por si só.

A seguir, apresenta-se um resumo das principais características observadas nos dois suplementos analisados, a *Folhinha* e o *JC Criança*. No Apêndice, encontra-se um levantamento completo dos conteúdos observados nos suplementos (inclusive das produções classificadas como entretenimento).

Quadro 13 – Principais características da *Folhinha* e do *JC Criança*

	<i>Folhinha</i>	<i>JC Criança</i>
Capa: código linguístico	- Apresenta Créditos (texto e foto) Título, linha-fina, reportagem e legenda.	- Apresenta Título e Linha-fina.
Capa: código icônico	- Predomínio de Foto, sendo sempre a criança a persona retratada. - O código icônico e o linguístico	- Predomínio de Foto, principalmente, de objetos. - O código icônico tem mais destaque do que o

	têm importância equilibrada, entretanto, os recursos imagéticos ocupam os melhores locais da página.	linguístico.
Gêneros	- Predomínio do jornalismo, com valorização do jornalismo informativo em relação ao opinativo.	- Predomínio do entretenimento. - Em se tratando do gênero jornalístico, observou-se apenas o informativo.
Temáticas	- Foco maior em pautas culturais e comportamentais.	
Fontes	- Valorização da criança.	- Valorização do adulto (especialista).
Foco Noticioso	- A criança é o foco final e principal, apostando-se nos pais como caminho para se chegar até ela.	- A criança é o foco final e principal, apostando-se mais na escola para se chegar até ela.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

As análises e as entrevistas mostraram que não é a prática jornalística que está em crise e, sim, os veículos noticiosos em decorrência do modelo de negócio em que se estruturam. O jornalismo infantil impresso e periódico está desaparecendo porque apesar de, no geral, se associar infância ao consumismo, os suplementos jornalísticos infantis valorizaram até aqui o jornalismo à publicidade.

Como o impresso tem pressa, não há mais receita que consiga esperar as crianças de hoje se tornarem os leitores de amanhã. Com isso, os veículos estão, um a um, abrindo mão do símbolo de que os suplementos infantis são as incubadoras dos futuros leitores. Porém, ao abandonar os leitores mirins, os jornais estão se distanciando também da característica principal do jornalismo: a sua função social.

“Gabriela serelepe:

- Menina, para onde vai essa rua?

- A rua não vai, não, a gente é que vai nela.”

(ROCHA, 1999, p. 26)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prensa não foi apenas o equipamento que possibilitou a criação do jornalismo impresso. Foi a tecnologia do século XV que permitiu a primeira grande disseminação da informação escrita na história, o que, como sequência, transformou o poder simbólico da leitura.

Ler, até então tido como um aspecto capaz de delinear as classes sociais, se tornou também uma estratégia para diferenciar os indivíduos em escala biológica. Assim, coube à leitura o papel de separar a criança do considerado mundo adulto.

Ao diferenciar a criança do restante dos homens, abriu-se caminho para enxergá-la como um grupo específico. Inserida em um contexto de ascensão do capitalismo, ela tornou-se um público especializado e, portanto, com grande potencial de consumo daquilo que agradasse suas necessidades e, principalmente, seus gostos.

Foi tal compreensão que levou as empresas jornalísticas a apostarem em cadernos especializados. Pois, segmentando-se o conteúdo, multiplicavam-se os produtos que poderiam ser vendidos e as possibilidades de se atrair anúncios, aumentando a lucratividade do negócio.

Entretanto, no caso dos suplementos infantis, os jornais apostaram mais no símbolo da criança como o leitor que traria lucro para o veículo no futuro do que na criança como um leitor imediatamente rentável – já que, eticamente, a ampla exploração da publicidade infantil, ainda mais pelo jornalismo, não seja aceitável.

A questão é que, quando esse futuro chegou e o leitor mirim do passado poderia assumir seu posto de fiel leitor do jornal adulto, já haviam surgido novas tecnologias comunicacionais, na qual a internet é o exemplo mais recente e de maior impacto. Assim, parte dos leitores migrou e, com eles, foi-se também a renda advinda da publicidade e o jornal impresso entrou em um processo que muitos chamam de decadência.

Nesse contexto, observa-se que, um a um, os suplementos infantis estão deixando de existir. Porém, é necessário destacar que o que está em declínio é o modelo de negócio em que o jornalismo figura como produto à venda, e não o jornalismo em si, cuja função é informar o interesse público sobre a realidade e os acontecimentos da sociedade.

Voltando-se o olhar para a criança, foi constatado que, apesar de um grupo pequeno ter acesso ao jornal impresso (ao se considerar toda a população infantil brasileira), para aqueles que poderiam ter contato com o suplemento, a ausência de produção do mesmo representa a perda de um elemento cultural capaz de auxiliar no desenvolvimento do indivíduo.

Apesar de alguns conteúdos infantis terem migrado para o digital, a criança de hoje ainda não acompanhou a mudança quando se trata de conteúdos informativos *online*. Prova disso é que não só os tradicionais suplementos infantis impressos estão deixando de ser produzidos pelo jornalismo do Estado de São Paulo, como as plataformas criadas por tais jornais para informar o leitor mirim também estão sendo abandonadas. Com a diferença de que os suplementos impressos sobreviveram por um tempo consideravelmente maior.

Sobre o cenário atual é possível concordar com Neil Postman, quando o estudioso aponta que é “mais fácil fazer autópsias do que relatar o curso dos fatos” (2011, p. 19). E o fato é: os veículos jornalísticos não estão sabendo como sobreviver na era da internet, pois o período atual é o que o autor chamou de „curso dos fatos“, ou seja, um período de transição.

De todas as incertezas vividas pelas empresas jornalísticas e pelo jornalismo impresso, este trabalho pode afirmar apenas que os suplementos encartados semanalmente em jornais impressos diários podem proporcionar à criança desenvolvimento motor e cognitivo, auxiliando-a no seu crescimento biológico e na sua formação enquanto um ser social.

Logo, a ausência de tal elemento cultural apresenta-se como uma perda para aqueles que consideram a infância uma responsabilidade da sociedade. Pois, a preocupação principal dos veículos noticiosos pode até ser com o leitor, mas para o jornalismo infantil em si a preocupação está na construção crítica do cidadão mirim.

REFERÊNCIAS

A CIDADE. Página Inicial. **A cidade on**. Disponível em: <www.acidadeon.com> Acesso em: 8 jan 2017.

A CIDADE. Suplementos. **A cidade on**. Disponível em: <www.acidadeon.com/ribeiraopreto/cotidiano/cidades/NOT,2,2,864125,Suplementos+do+A+Cidade+de+cara+nova.aspx> Acesso em: 8 jan 2017.

A TRIBUNA. Página inicial. **A tribuna**. Disponível em: <www.atribuna.com.br/o-jornal-da-baixada-santista> Acesso em: 8 jan 2017.

A TRIBUNA. Tribuninha. **A Tribuna**. Disponível em: <www.santos.sp.gov.br/?q=tags/tribuninha> Acesso em: 8 jan 2017.

ABI. Suplemento infantil do Estadão completa 25 anos. **Associação Brasileira de Imprensa**. Disponível em: <www.abi.org.br/suplemento-infantil-do-estadao-completa-25-anos/> Acesso em: 8 jan 2017.

ABRANTES, Angelo Antonio. **Entrevista VI**. [jan, 2017]. Entrevistadora: Gabriela Vanni Arroyo. São Paulo: 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G desta monografia.

AGORA SÃO PAULO. Página inicial. **Agora**. Disponível em: <www.agora.uol.com.br> Acesso em: 8 jan 2017.

ALBERT, Pierre; TERROU, Fernand. **História da imprensa**. Tradução: Edison Darci Heldt. São Paulo: Martins font, 1990, 121 p.

ANDI – AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA. **Direitos da infância e direito à comunicação**: fortalecendo convergências nos marcos legais e nas políticas públicas. Supervisão de Veet Vivarta. Brasília: ANDI, 2013. 148 p.

ARNOLD, Edmund. **Tipografia y Diagramado para Periódicos**. Nova York: Mergenthaler Linotype Company, 1965. 286 p.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. **História moderna e contemporânea**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1975. 472 p.

ARRUDA, Renata Kelly De. **Super Notícia**: um jornal entre leitores. 2015. 164 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2015.

ASSEMBLÉIA DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração dos Direitos da Criança**. 1959

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE JORNAIS. **Jornal da Cidade Bauru e grande região**. APJ. Disponível em: <http://www.apj.inf.br/detalhe_associados.php?id=6> Acesso em: 18 jan 2017.

ASTON, Margaret. **O século XVI**. Tradução: Maria dos Anjos Lima Vieira Cardoso. Lisboa: Verbo, 1968. 240 p.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p.200.

BANDEIRA, Pedro. **Pontinho de vista**. Disponível em: <<http://www.revistanamochila.com/single-post/2016/10/17/10-poemas-famosos-para-ler-com-as-crian%C3%A7as>> Acesso em: 12 fev. 2017.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. 1 v. 1 ed. São Paulo: Editora Ática, 1990, 445.

BARROS, Manoel. **O menino que carregava água na peneira**. Disponível em: <<http://www.revistabula.com/2680-os-10-melhores-poemas-de-manoel-de-barros/>> Acesso em: 12 fev. 2017.

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronse. 9 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. 612 p.

BONOMO, Giselle Castilho Hilário. **Entrevista II**. [jan, 2017]. Entrevistadora: Gabriela Vanni Arroyo. São Paulo: 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia.

BRASIL. **Lei no 8.069**, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm> Acesso em: 03 dez 2016.

CARVALHO, Carmem. **Segmentação do jornal, a história do suplemento como estratégia de mercado**. In: Intercom, V Congresso Nacional de História da Mídia, 2007, São Paulo, 16 p.

CORREIO POPULAR. Expediente. Correio. Disponível em: <<http://correio.rac.com.br/expediente>> Acesso em: 8 jan 2017.

CRUZEIRO DO SUL. Página inicial. **Jornal cruzeiro**. Disponível em: <www.jornalcruzeiro.com.br> Acesso em: 8 jan 2017.

DIÁRIO DA REGIÃO. Quem somos. **Diário da região**. Disponível em: <www.diariodaregiao.com.br> Acesso em: 8 jan 2017.

DIÁRIO DE S. Paulo. Página inicial. **Diário SP**. Disponível em: <www.diariosp.com.br> Acesso em: 8 jan 2017.

DINES, Alberto. **O Papel do Jornal: uma releitura**. 6 ed. São Paulo: Summus, 1996. 157 p.

DORETTO, Juliana. **Más letras: “Globinho” vira blog; “Estadinho” acaba**. O Jornalzinho. Disponível em: <www.ojornalzinho.wordpress.com/2013/10/14/mas-letras-globinho-vira-blog-estadinho-acaba/> Acesso em: 8 jan 2017.

ESTADO DE S. PAULO. **Histórico**. Estadão. Disponível em:
<<http://www.estadao.com.br/historico/print/resumo.htm>> Acesso em: 18 jan 2017.

ESTADO DE S. PAULO. Estadinho. **Estadão**. Disponível em:
<www.blogs.estadao.com.br/estadinho/> Acesso em: 8 jan 2017.

ESTADO DE S. PAULO. Página inicial. **Estadão**. Disponível em: <www.estadao.com.br>
Acesso em: 8 jan 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 7 ed. Curitiba: Editora Positivo, 2008. 896 p.

FERREIRA, Mayra Fernanda. **Entrevista IV**. [jan, 2017]. Entrevistadora: Gabriela Vanni Arroyo. São Paulo: 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta monografia.

FERREIRA, Mayra Fernanda. **Infância em papel**: o jornalismo infantil no interior. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado em jornalismo) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2016, 174 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 48 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. p. 57.

FOLHA DA REGIÃO. Página inicial. **Folha da Região**. Disponível em:
<www.folhadaregiao.com.br> Acesso em: 8 jan 2017.

FOLHA DE S. PAULO Folha. **Versão impressa**. Disponível em:
<<http://m.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/sao-paulo/2017/01/17/>> Acesso em: 18 jan 2017.

FOLHA DE S. PAULO. **Folhinha**. Folha. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2013/02/1231350-saiba-mais-sobre-tia-lenita-a-primeira-editora-da-folhinha.shtml>> Acesso em: 18 jan 2017.

FOLHA DE S. PAULO. **História da Folha**. Folha. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm> Acesso em: 18 jan 2017.

FOLHA DE S. PAULO. **Institucional**. Folha. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/cadernos_diarios.shtml> Acesso em: 18 jan 2017.

FOLHA DE S. PAULO. Institucional. **Folha**. Disponível em:
www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml Acesso em: 8 jan 2017.

FOLHA DE S. PAULO. Página inicial. **Folha**. Disponível em: <www.folha.uol.com.br>
Acesso em: 8 jan 2017.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. **Análise de Conteúdo**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009. P. 280-304.

FREITAS, Marcos C  zar. História da infância no pensamento social brasileiro. Ou, fugindo de Gilberto Freyre pelas mãos de Mário de Andrade. In: FREITAS, Marcos Cesar (Org.). **História social da infância no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 12-18.

GAZETA DE PIRACICABA. Quem somos. **Gazeta de piracicaba**. Disponível em: <www.gazetadepiracicaba.com.br> Acesso em: 8 jan 2017.

GOBBI, Maria Cristina. **Na trilha juvenil da m  dia impressa**: identificação, perfil e análise dos suplementos para jovens veiculados nos jornais diários do Brasil. 1999. 329 p. Dissertação - Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, São Paulo, 1999.

GRUPO DE M  DIA SÃO PAULO. **M  dia Dados 2016**. São Paulo: 602 p.

IBGE. **Bauru**. Cidades. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=350600>> Acesso em: 18 jan 2017.

IVC. **Publicações auditadas – Jornais**. IVC Brasil. Disponível em: <<http://ivcbrasil.org.br/auditorias/aPublicacoesAuditadasJornal.asp>> Acesso em: 8 jan 2017.

JORNAL DA CIDADE. **Bauru chega a 369.368 habitantes em nova estimativa oficial do IBGE**. JC Net. Disponível em: <<http://www.jcnet.com.br/Geral/2016/08/bauru-chega-a-369368-habitantes-em-nova-estimativa-oficial-do-ibge.html>> Acesso em: 18 jan 2017.

JORNAL DA CIDADE. **Empresas conveniadas ao Clubinho JC Criança**. Bauru, p.4, 17 abr. 2016.

JORNAL DA CIDADE. Página inicial. **Jcnet**. Disponível em: <www.jcnet.com.br> Acesso em: 8 jan 2017.

JORNAL DE PIRACICABA. Página inicial. **Jornal de Piracicaba**. Disponível em: <www.jornaldepiracicaba.com.br> Acesso em: 8 jan 2017.

KOBAYASHI, Maria do Carmo Monteiro. **Entrevista V**. [jan, 2017]. Entrevistadora: Gabriela Vanni Arroyo. São Paulo: 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta monografia.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos (Org.). **História social da infância no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 229-251.

LEITE, Miriam Moreira. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. In: FREITAS, Marcos Cesar (Org.). **História social da infância no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 12-18.

LOPES, Claudinei Muniz. **Entrevista III**. [jan, 2017]. Entrevistadora: Gabriela Vanni Arroyo. São Paulo: 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta monografia.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria do Jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006. 277 p.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco (Orgs). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. 331 p.

MEDIA DADOS 2016. **Títulos filiados ao IVC**. Disponível em: <https://dados.media/#/view/CATEGORY/JOURNAL/MDB_JOR_CIRCULACAO_TITULOS_FILIADOS_AO_IVC> Acesso em: 18 jan 2017.

MELO, Karine. **Maioria da Câmara aprova encaminhamento do processo de impeachment ao senado**. JC Net. Disponível em: <<http://www.jcnet.com.br/Nacional/2016/04/maioria-da-camara-aprova-encaminhamento-do-processo-de-impeachment-ao-senado.html>> Acesso em: 05 fev. 2017.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Disponível em: <<http://zezepina.utopia.com.br/poesia/poesia128.html>> Acesso em: 12 jan. 2017.

MOLINERO, Bruno. **Um jornal a serviço da criança: meio século de folhinha e de jornalismo infantil no Brasil**. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado em jornalismo) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. 120 p.

O GLOBO. **Encontro marcado com os personagens de „Toy Story“**. O Globo. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/globinho/post/encontro-marcado-com-os-personagens-de-toy-story.html>>. Acesso em: 19 Set. 2016.

O GLOBO. **Globinho**. O Globo. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/globinho/>>. Acesso em: 19 Set. 2016.

O GLOBO. **Globinho inicia fase 100% on-line e promove um concurso cultural**. O Globo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/globinho-inicia-fase-100-on-line-promove-um-concurso-cultural-8938455>>. Acesso em: 19 Set. 2016.

O IMPARCIAL. Blog O Imparcial na escola. **Imparcial**. Disponível em: <www.imparcial.com.br/site/blogs/blog-o-imparcial-na-escola> Acesso em: 8 jan 2017.

O IMPARCIAL. Inclusão da família no brincar é essencial para o bom desenvolvimento da criança. **Imparcial**. Disponível em: <www.imparcial.com.br/site/inclusao-da-familia-no-brincar-e-essencial-para-o-bom-desenvolvimento-da-crianca> Acesso em: 8 jan 2017.

O IMPARCIAL. Página inicial. **Imparcial**. Disponível em: <www.imparcial.com.br/site> Acesso em: 8 jan 2017.

O LIBERAL. Página inicial. **Liberal**. Disponível em: <www.liberal.com.br> Acesso em: 8 jan 2017.

O POPULAR. Página inicial. **O popular**. Disponível em: <www.opopular.com.br/?deviceType=DESKTOP> Acesso em: 8 jan 2017.

OLIVEIRA, Joelma da Silva. **A construção do conceito de criança e adolescente no jornal impresso de João Pessoa**. 2010. 115 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Martin Claret, 2001. p.24.

PESSOTO, Ana Paulo. **Diversão e conhecimento de geração em geração**. JC Criança, Bauru, p.6, 09 out 2011.

ROCHA, Ruth. **Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias**. 2 ed. São Paulo: Salamandra, 1999. 60 p.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 2011. 190 p.

QUINTAS, Laura Mattos Soares. **Entrevista I**. [jan, 2017]. Entrevistadora: Gabriela Vanni Arroyo. São Paulo: 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

SODRÉ, Nelson Muniz. **História da imprensa no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983. 501 p.

SUCURSAL SP. **Jornal da Cidade** - Suplementos. Disponível em: <http://www.sucursalsp.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=59&Itemid=169> Acesso em: 18 jan 2017.

TAVARES, Frederico de Melo Brandão. **O jornalismo especializado e a especialização periodística**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil: Estudos em Comunicação n°5, 115-133.

VALOR ECONÔMICO. Página inicial. **Valor**. Disponível em: <www.valor.com.br> Acesso em: 8 jan 2017.

GLOSSÁRIO

Código icônico: elementos visuais.

Código linguístico: elementos textuais.

Criança: Ser humano com até 12 anos incompletos.

Desenho: Traço riscado à mão.

Foco Noticioso: público que se tem como objetivo alcançar.

Fonte: pessoas, pesquisas ou instituições que fornecem informações.

Foto: Momento registrado por um equipamento fotográfico.

Gênero: classificação do conteúdo, neste trabalho: jornalismo, entretenimento ou publicidade.

Ilustração: Traço elaborado ou finalizado de forma digital.

Imagem: Elemento visual de qualquer espécie que se comunica, principalmente, pelo seu conteúdo não verbal.

Jornalismo: Prática de relatar acontecimentos que ocorreram na sociedade com o objetivo de informar (e formar) o cidadão a respeito do espaço que ele vive.

Jornalismo infantil: Jornalismo praticando considerando que o seu leitor é uma criança.

Nativos digitais: Pessoas que nasceram em um momento histórico no qual as tecnologias digitais já haviam sido criadas e, por isso, são aspectos naturais de sua vivência no mundo.

Nota: Breve relato de uma informação.

Notícia: Relato mais completo do que uma nota a respeito de um fato que ocorreu na sociedade.

Periódico [significado 1]: algo que se repete em intervalos iguais de tempo.

Periódico [significado 2]: sinônimo de jornal impresso.

Reportagem: Relato aprofundado de um fato que a sociedade já havia tido um contato anterior.

Tatibitate: Quando se fala trocando certas consoantes principalmente, quando a comunicação está ocorrendo com crianças. Exemplo: Ti bebê mais glacinha.

Temática: assunto abordado.

Miolo: Páginas internas do suplemento.

APÊNDICE A – Relato das entrevistas

Seis pessoas foram entrevistadas durante o processo de realização desta pesquisa. A escolha dos entrevistados levou em consideração um dos dois aspectos: ou a função deles no processo produtivo dos suplementos analisados ou o estudo que eles desenvolvem em relação à criança.

As editoras e o ilustrador formam o grupo de entrevistados escolhidos devido sua função. Já a jornalista, a pedagoga e o psicólogo infantil compõem o grupo de pessoas que estudam a criança, cada um, conforme o viés da própria formação.

Laura Mattos Soares Quintas, última editora da *Folhinha*, e Gisele Castilho Hilário Bonomo, atual editora do *JC Criança*, em suas falas esclareceram dúvidas sobre como cada suplemento era ou é produzido. Mas não apenas isso, suas respostas revelaram também como o jornalismo infantil é uma especialização do jornalismo e como este, hoje, está inserido em um contexto de crise causado pelo modelo de negócio – modelo esse que depende da receita advinda da publicidade, característica que, vale ressaltar, acompanha o jornal impresso desde sua origem.

Claudinei Muniz Lopes, quadrinista de parte das tirinhas publicadas no *JC Criança*, além de comentar sobre sua relação com a redação e sobre seu fluxo de produção, mostrou também como os seus quadrinhos, apesar de estimularem a leitura, não cumprem a mesma função do jornalismo: informar.

Mayra Fernanda Ferreira, especialista em jornalismo infantil, foi a entrevistada que fez uma ponte entre o grupo que produz para a criança e o grupo que estuda a criança, ressaltando dois aspectos, um jornalístico e um infantil. O jornalístico é que a informação está migrando de suporte e muito do que era impresso, hoje, procura se consolidar no digital. O infantil é que a criança, independente do meio, precisa aprender, com mediação de um adulto, a ler criticamente a mídia.

A pedagoga Maria do Carmo Monteiro Kobayashi esclareceu como a infância é uma construção social e que, atrás dela, existe um ser em desenvolvimento, a criança, que merece atenção de todos os elementos da cultura, o que inclui o jornal. Nesse sentido, o psicólogo com foco em Educação, Angelo Antonio Abrantes, mostrou que o jornalismo produz um discurso e que tal produção sempre é ideológica, de modo que não basta existir espaços

noticiosos para criança – é preciso que eles contenham um conteúdo responsável e de qualidade.

O discurso de cada entrevistado, ora convergente, ora contraditório, me revelou o que o jornalismo e a criança têm em comum antes mesmo de se relacionarem: ambos existem na mesma sociedade e enfrentam o mesmo período. A história atual forma a visão de infância que temos e modela o formato de jornalismo que conhecemos. Das informações trocadas, das ideias absorvidas, das hipóteses criadas, levei das entrevistas o que de melhor se pode tirar de algo: sempre é possível aprender. E não há aprendizado que seja o suficiente.

Todas as entrevistas feitas foram integralmente transcritas e encontram-se seguir. Que a leitura traga novidades, observações e faça acender sobre a sua cabeça uma luzinha amarela em formato de lâmpada. Ideias são sempre bem vindas.

APÊNDICE B – Entrevista: editora do suplemento *Folhinha*

Laura Mattos Soares Quintas²⁷ foi editora da *Folhinha* de 2011 até 2016, quando o suplemento deixou de existir. Graduada em Comunicação Social – Jornalismo (1998) e mestre em Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (2016), antes de trabalhar com jornalismo infantil, Laura escrevia para a *Ilustrada*, também do jornal *Folha de S. Paulo*. A entrevista realizada por telefone ocorreu na quarta-feira, dia 01 de fevereiro de 2017. Foram abordadas temáticas como o processo de produção do suplemento e as perspectivas do jornalismo para crianças no jornal impresso. A seguir, encontra-se na íntegra:

Quando você assumiu a *Folhinha*, o que você foi orientada a mudar e a manter nela?

A *Folhinha* sempre teve ótimos projetos. Eu assumi em dezembro de 2011 e naquele momento estava vigente o projeto que a Gabriela Romeu tocava, que é uma pessoa muito competente e especializada nessa área de infância. Cada um dá um pouquinho da sua cara. Quando eu entrei, eu puxei um pouco mais para o próprio perfil da *Folha* que é classe média, classe média alta. Porque o projeto anterior tinha muito conteúdo que buscava mostrar a realidade de outras infâncias, o que é super legal também, tanto que a gente manteve um projeto chamado *Quintais*, em que a própria Gabriela trabalhava com o perfil de crianças de outras realidades. Assim, trouxemos mais para a área de reportagens relacionadas ao comportamento da criança leitora. Trabalhei bastante tempo na *Ilustrada* e sempre tive uma característica mais de hard news e timing com a notícia. Por isso, nesse tempo em que estive à frente da *Folhinha* busquei fazer com que ela estivesse conectada com os assuntos do momento. Não que isso tenha sido uma invenção minha, em outros momentos o suplemento já havia sido feito isso. Eu estou apenas falando como era a característica do projeto que eu defendia. Ora mais, ora menos, a *Folhinha* também esteve ligada a temas factuais e essa era a forma como eu trabalhava. Nas as manifestações de junho de 2013, por exemplo, a gente segurou a edição para o repórter conseguir ir para a rua e conseguir falar com crianças que estavam lá. Se até mesmo as pessoas adultas não conseguiam entender direito o que estava acontecendo, imagina as crianças e imagina a responsabilidade de tentar explicar isso para elas. Na época, o jornal ficou meio preocupado. Mas eu pedi para fazer e deixei um plano B

²⁷ O contato foi feito pela rede social Facebook. O perfil da editora está como Laura Mattos.

ali, para o caso deles acharem que o tom não estava adequado. Mas conseguimos fazer, se não me engano o Marcelo Coelho [colunista e membro do Conselho Editorial da *Folha*] escreveu, o repórter foi para a rua, enfim, tentamos dar um tom isento, para falar sobre aquilo que todas as crianças estavam falando, porque estava na televisão, os pais ou conhecidos estavam participando das manifestações, então, achávamos que não dava para deixar a criança alheia a um assunto que estava mobilizando o país.

Em sua opinião, qual a importância de informar a criança sobre o mundo que ela vive?

A criança está inserida nas discussões, independente da *Folhinha* tratar disso ou não, não é? Está na televisão, na escola. Nós buscávamos colaborar de alguma maneira com uma reflexão que pudesse ser feita a respeito daquilo. Às vezes, isso poderia colaborar com uma discussão na própria escola, como um material de apoio. Então, eu sempre acreditei que o papel de um jornal que se dedicasse à criança fosse refletir sobre questões que fizessem parte da realidade dela, da rotina dela, do que ela estava falando com os pais e os amigos. Então, nós abordávamos todos os temas, inclusive, os mais fortes, como atentado. No atentado de Paris de 2015 nós fizemos uma edição em cima da hora, com texto do Clóvis Rossi [repórter especial da *Folha*]. No ano em que se completaram os 50 anos do golpe militar, nós fizemos uma edição em quadrinho para explicar o que foi a ditadura. Enfim, era esse o projeto que eu acreditava mais e, como eu te disse, não é especialmente novo, mas nesses cinco anos em que eu editei o caderno, tínhamos esse foco informativo. Claro que em alguns momentos falávamos de alguma coisa totalmente fora do noticiário porque também não dava para ficar seguindo o noticiário adulto, vamos dizer assim, tinha que ser algo mais diversificado. Mas, no geral, temas importantes ao longo desses cinco anos foram abordados. Até, por exemplo, quando saiu a nova lei da empregada doméstica e tinha uma série de questões sobre a empregada doméstica, a capa foi “Eu ♥ minha babá”, para mostrar como a criança, muitas vezes, se envolve com as profissionais que estão dentro das casas. Então, nós chegamos a abordar a lei, o que é um assunto bem difícil, mas, no fundo, aquilo fazia parte do dia a dia da criança por meio de situações como a babá começar a sair mais cedo, começar a anotar as horas em um caderninho, então, provavelmente, os pais deviam falar muito disso, a própria televisão estava falando bastante. Então, a gente puxava aquilo para o olhar da criança.

No passado a *Folhinha* deixou de ser publicada em meio impresso. Como foi isso?

Na verdade, ela nem existe mais na plataforma digital. Pois não existe mais produção de conteúdo específico da *Folhinha*, só tem o blog do Bruno Molinero, *Era Outra Vez* - Literatura infantojuvenil e outras histórias. O Bruno publica no blog dele e joga na página da *Folhinha*, mas não tem mais *Folhinha*, tanto no impresso quanto no digital. Eles até tentaram manter, mas não tem mais produção, não foi uma coisa que acabou no papel para continuar no *online*. Realmente acabou. Só que você não pode tirar esse episódio de contexto. O jornalismo está passando por uma crise de modelo de negócio, porque existe uma dificuldade das empresas em encontrar um modelo que se sustente. A internet puxou o leitor, mas é aquela velha coisa, o dinheiro não migrou e, enfim, essa é uma crise geral do modelo de negócio do jornalismo. Nesse sentido, eles vão cortando o que é possível. Então, não é que não funciona mais jornalismo para criança. Da mesma forma que existia a dúvida, “ah, mas a criança está lendo jornal no papel? Ou ela está lendo na internet? Ou ela só joga na internet?”, existe uma questão maior: como as pessoas estão consumindo as coisas? Essa é a grande questão hoje. Com a criança, claro, esse processo é mais complicado porque não existe um hábito anterior que pode ou não se perder. O que poderia ou deveria existir é a criação de um hábito, o que não aconteceu e que hoje em dia não está acontecendo mais porque não existe essa produção. Então, o fim da *Folhinha* é só uma consequência da crise do modelo de negócio generalizada. É claro que esses cadernos menores, que não têm anúncio, que não têm retorno comercial são os primeiros a se perderem, acho que a *Folhinha* ainda resistiu muito pelo seu significado simbólico, porque terminando com ela, o jornal um pouco que colocaria em risco essa ideia de formar novos leitores. Nunca foi um caderno rentável para a *Folha* por não ter anúncio, então, ela resistiu muito durando mais de 50 anos, mas chega uma hora que as contas não fecham e aí o jornal tem que começar a cortar e corta onde é possível. A *Folhinha* foi no meio dessa crise que cortou o caderno de gastronomia, de tecnologia e vários outros conteúdos.

Você sentiu diferença em produzir conteúdo para um público infantil e para um adulto?

Quem trabalha com o público infantil, acredito que tem a responsabilidade de entender que o leitor é diferente, pois ele é criança e você que está produzindo o conteúdo é adulto. Nesse sentido, é mais delicado você escrever para alguém que é diferente de você. Então, é um esforço de buscar um olhar que não é o seu olhar e aí o desafio era termos ferramentas para estarmos buscando cada vez mais que a criança pudesse nos auxiliar. Por isso, sempre tínhamos reuniões com crianças, buscávamos conversar com elas, tínhamos uma coluna para

elas falarem mais. Então, quanto mais a gente pudesse colocar a própria criança para falar, para dizer o que ela quer discutir, mais interessante esse texto seria para ela. Porque, assim, às vezes estamos achando superimportante falar de X e elas acham que temos que falar de Y, entendeu? Então, nesse tempo em que eu estive lá, fiz um esforço de aproximar o suplemento do olhar que era da criança e, para isso, busquei cada vez mais que a criança participasse. De resto, eu não vejo tanta diferença, porque vejo que é um jornalismo tão sério quanto o de adulto, ou até mais por conta disso que te falei do olhar. Tem uma série de cuidados especiais com a infância que é determinada pelo próprio ECA, então, tínhamos que saber. Enfim, autorização dos pais, por exemplo. Têm umas sutilezas assim. Mas do ponto de vista da redação, de produzir a reportagem, ouvindo opiniões diversas, vendo diferentes lados, buscando a isenção e a aproximação de um tom mais equilibrado, caso fosse uma acusação – é que não é muito perfil da *Folhinha* fazer reportagens que vejam o outro lado, mas se fosse, ouviríamos o outro lado – acho que são aspectos do jornalismo de qualidade, então fazíamos isso na *Folhinha*.

E vocês seguiam o *Manual da Folha* na *Folhinha*?

O *Manual da Folha* é da *Folha* inteira, incluindo a *Folhinha*. Podia ter uma ou outra diferença que a linguagem voltada para a criança pudesse exigir, mas eu nem consigo me lembrar de um exemplo. Vamos supor: o manual não permite isso, mas fazendo assim fica mais claro para a leitura da criança. Então, a gente tem que se submeter ali a uma discussão e alterar desde que exija uma alteração pontual. O manual é a bíblia do jornal.

A criança era o público principal, mas os pais ou a escola também eram visados com o suplemento?

Essa foi uma marca que talvez eu tenha buscado colocar, porque diante da dúvida de se “ah, será que a criança lê ou não lê? Será que lê no papel? O que ela faz na internet?”, eu acreditava e o jornal apostou nisso comigo que a gente precisava do adulto como uma ponte para buscar o leitor que não estaria exposto a aquele conteúdo naturalmente, espontaneamente. Tanto que a *Folhinha* passou a ser encartada na *Ilustrada*, pois a intenção era atrair o leitor que podia ser um tio, um pai, um avô para que ele se interessasse por aquele conteúdo e fizesse aquilo chegar até as crianças. Da mesma forma com o site, é muito difícil você imaginar que uma criança vai entrar no site folha.com, vai ir até o índice, vai descer o cursor, vai achar a *Folhinha* e vai ler as notícias que foram publicadas naquele dia. Não faz

parte do hábito dela. Eu acredito que o professor, o pai ou alguém da família pudesse ser uma ponte entre a criança, que era o leitor que buscávamos e o jornal. Nesse sentido, tivemos algumas iniciativas de buscar um conteúdo que pudesse interessar um adulto para que ele transportasse esse conteúdo para a criança.

A seção *Ideias*, em que a criança era colunista, vocês pautavam ou editavam o texto dela de alguma forma?

Não, não existia edição, era só coisa mínima, se existisse um erro de ortografia ou de gramática, o que é natural que todo mundo cometa, até adulto. Esses erros a gente até corrigia, mas o conteúdo era completamente livre. A edição podia ser assim cortar um pouquinho, mas mesmo assim, a gente costumava pedir para a própria criança fazer o corte. Só que eles já costumavam mandar no tamanho certo.

E os colunistas mirins enviavam os textos do mês todo ou um por semana?

Enviavam os quatro de uma vez, porque a acreditávamos que a pressão da produção para uma criança não era algo saudável, “tem que entregar um texto para essa semana!”. Então, quando ela conseguia escrever os quatro textos, daí, sim, ela iria ser a colunista do mês e só a partir disso publicávamos, porque a criança já iria ter feito, então, ela não teria aquela pressão de fazer o próximo, da próxima semana. Não podíamos pressionar a criança com o timing do jornal, “tem que entregar hoje! Tem que entregar!”, o que é o nosso normal. Como não podíamos submetê-las a esse tipo de pressão, tivemos a ideia de quando ela conseguisse escrever os quatro, ela mandava, assim não tinha que cumprir um prazo. Nós fazíamos uma frente grande, com dois ou três colunistas já preparados, porque assim o nosso ilustrador que também era criança, começou com 10 anos, tinha um prazo mais longo para ir trabalhando os desenhos.

E ele fazia os desenhos com base nos textos dos colunistas?

Isso! Mandávamos os textos, mas era com grande antecedência. Quando começávamos a publicar uma criança, tanto o texto quanto a ilustração já estavam todos prontos. Ele estava trabalhando só no próximo ou, talvez, no próximo do próximo.

Como ocorria a seleção de livros publicados na última página?

Recebíamos os livros das editoras e fazíamos uma seleção baseada no que achávamos mais interessante, tínhamos os críticos para quem mandávamos os livros para serem avaliados e eles respondiam dizendo se o material interessava ou não.

Vocês que pautavam as tirinhas ou os autores eram livres?

Completamente livres.

Como você enxerga o jornalismo infantil, hoje, dentro do jornal impresso?

Pelo menos na *Folha*, ele acabou, não existe mais jornalismo infantil. Eu acho que ele está inserido no contexto da crise ampla do jornalismo. Se as coisas melhorarem, se os jornais acharem um novo modelo, eu acho que pode existir um jornalismo para criança, mas tudo vai depender do modelo de sustentação econômica. Conteúdo de qualidade produzido para criança tem muito potencial de ter retorno, inclusive, financeiro, porque o mercado para criança é muito rico e ele é um dos últimos a sofrer com o impacto das crises, porque os pais deixam de fazer tudo para eles, e, só por último, eles escolhem cortar as coisas das crianças. Mas é um mercado complicado, porque você não pode misturar jornalismo com consumismo infantil. Então, não dá para o jornal publicar anúncio de comida com licenciamento de personagens infantis, entende? Mas mesmo com essa dificuldade, eu acho que existe a possibilidade de se pensar em uma produção com um retorno que seja sustentável do ponto de vista financeiro, mas isso em um contexto em que o próprio jornalismo esteja sendo sustentável do ponto de vista financeiro. E essa é a sinuca em que nos encontramos agora. Enfim, a *Folhinha* acabou em um ano que a editoria de esportes da *Folha* acabou, sendo acoplada ao cotidiano, um ano em que a redação passou por seis cortes, um a cada dois meses. Então, essa história toda que estamos conversando mostra que a *Folhinha* não está isolada. O mercado precisa de novos rumos. Eu acredito que, sim, é possível se ter jornalismo infantil impresso, desde que o próprio jornalismo encontre uma saída. E para isso eu não tenho resposta, senão estaria milionária. Mas eu acho que em um contexto que o jornalismo seja sustentável economicamente, o jornalismo para criança também poderá ser.

APÊNDICE C – Entrevista: editora do suplemento *JC Criança*

Giselle Castilho Hilário Bonomo²⁸ graduou-se em Comunicação Social – Jornalismo (1989) e é mestre em Comunicação (2007) pela Unesp de Bauru. Há 25 anos no *Jornal da Cidade*, atualmente, é editora-chefe do jornal e fecha o suplemento infantil *JC Criança*. A entrevista ocorreu na quinta-feira, dia 26 de janeiro de 2017, na sala de espera do jornal. A conversa, que abordou desde o processo produtivo até as perspectivas de futuro para o suplemento, encontra-se abaixo:

Faz quanto tempo que você trabalha com o *JC Criança*?

Não faz muito tempo porque, assim, o nosso suplemento infantil fez 25 anos no ano passado, que é o mesmo tempo em que eu trabalho aqui no jornal. O *JC Criança* tinha editor próprio, que era a Roberta Mathias, e antes disso teve outros profissionais, era algo bem diferente do que é hoje. O *JC Criança* mudou muito nos últimos anos por uma série de coisas, a Roberta Mathias foi quem deu uma dinâmica diferente para o suplemento, porque a gente tinha uma produção diferenciada. Depois, quando a Roberta Mathias saiu ainda tinha pessoas que produziam para o *Criança*, mas isso, aos poucos, foi meio que se perdendo. Então, assumi o *Criança* não sei dizer exatamente há quanto tempo, acho que faz uns cinco anos só. E, hoje, tem pouca coisa do que tinha antes. Tem praticamente a *Turma do Barulho*, a página dois que é a estante e o material do Sesc que sempre publicamos, tem o *Artista é Você* e o *Clubinho*. Mas, assim, o foco que era a produção de matéria voltada especificamente para a criança, que era uma produção local, hoje, a gente não aqui, salvo, algumas exceções. Então, hoje, trabalhamos muito mais com a produção de agência. A não ser assim, eu vejo alguma data comemorativa, daí eu mesma faço a reportagem ou quando recebemos algum release interessante que dá para adaptar para criança, daí damos uma mexida no texto, uma cozinhada no release e utilizamos aquilo com uma linguagem mais infantil.

Vocês têm um material com a história do *JC Criança*?

Eu me que lembro que quando o jornal fez vinte anos, o aniversário é em outubro, foi feito um material contando toda a história, mostrando toda a equipe. Não me lembro qual edição exatamente, mas isso foi no mês de outubro há cinco anos, então, está no nosso acervo.

²⁸ E-mail: edichefe@jcnet.com.br

O conteúdo que é publicado do Sesc é release?

Sim, o do Sesc é release e a estante que vai do lado da matéria do Sesc, produzimos por aqui. Recebemos muito material, então, fazemos uma compilação e damos uma separada nos livros, com foco voltado para crianças de três até quatorze anos. Quatorze ainda, eles já não querem mais saber. O suplemento infantil é uma coisa que, praticamente, está deixando de existir no impresso, ele está indo mais para o *online*, porque a molecada não quer mais papel. O impresso mesmo atinge um público muito novinho porque é o público para qual os pais apresentam, dão alguma coisa para a criança pintar, alguma atividade para ela fazer. Então, essa existência no impresso é uma coisa que os veículos de comunicação estão revendo e certamente nós vamos rever também nos próximos meses.

Sobre a questão do público: o leitor principal é a criança ou são adultos, como é o caso dos pais e professores?

Eu acho que há um misto. No meu mestrado, eu fiz o jornal como formador de opinião e uma coisa que eu identifiquei, como eu avalei o *JC* como um todo e como o jornal era utilizado para formar opinião, considerando como as escolas o utilizava, é que todos os cadernos e o *JC Criança*, principalmente, são muito utilizados na sala de aula. Então, os jornais servem para ensinar matemática, por exemplo, quando você avalia o classificado. Na época, a gente tinha professores que ligavam para pedir reportagens específicas para depois trabalhar com elas em sala de aula, hoje isso acontece menos. E o *JC Criança* tinha essa demanda também. Hoje, a gente tem um projeto que é o *JC na Escola* e, por meio desse projeto, temos a informação de que o *JC Criança* é utilizado dentro da sala de aula para discutir algumas questões relevantes. Então, assim, o suplemento é voltado para a criança, mas sabemos que ele é utilizado pelos pais e, principalmente, pela escola na abordagem de algum tipo de assunto.

Você acha que isso pode dificultar a construção da linguagem, já você fala com a criança, mas também com um público adulto?

A linguagem é elaborada pensando na criança e não nos pais e nem nos professores. A ideia é falar com a criança. Recentemente, eu publiquei um material que tinha lá “dicas para os pais”. Então, tinha um texto principal falando com a criança e um box voltado para os pais e, aí sim, com uma linguagem mais sisuda. Mas essa diferenciação de público fica clara quando isso acontece.

Vocês pautam de alguma forma o material que vem de agência?

Não.

E as ilustrações?

Os quadrinhos, uns a gente tem uma assinatura com o pessoal da *Turma da Mônica* e isso já acontece antes mesmo de ser eu a fechar o *JC Criança*. E a página 12 é produzida aqui pelo jornal. Já foi produzida pelo Greiffo e quando o Greiffo saiu, o Claudinei assumiu essa função. Mas o Claudinei se pauta sozinho, a gente não dá uma linha para o Claudinei. “Ah, hoje, o seu quadrinho tem que falar sobre isso”, não. Essa é uma decisão dele.

Quando você assumiu o *JC Criança*, você recebeu alguma orientação do que mudar ou manter no suplemento?

Não, porque eu sou a editora-chefe. Na verdade, eu já coordenava o caderno. Tinha outro editor, mas o que aconteceu? Agora, a gente entra no lado espinhoso do enxugamento das redações. Então, a nossa redação foi enxugando e daí fomos adequando aqui e adequando ali. Então, hoje, quando eu preciso de uma produção especial para o *JC Criança*, eu pauto um repórter do geral.

Então, não existe mais uma equipe específica do *JC Criança*?

Não.

Como é feita a seleção dos desenhos que são publicados?

Recebemos muito desenho das escolas e também recebemos das crianças. Não há uma seleção, vamos dizer assim que é por ordem de chegada. Se você observar, vai ver que tem riscos que foram feitos por uma criança de dois anos e a mãe achou lindo, mandou e nós publicamos. Normalmente, está escrito lá: “o Caio desenhou um dinossauro”. É um monte de risco, mas, para o Caio é um dinossauro e a mãe achou maravilhoso e nós respeitamos isso. Então, todos os desenhos que vem para cá, a gente procura publicar. Só que é uma quantidade muito grande. Com as escolas, por exemplo, dependendo a quantidade de desenhos que vem, damos uma ligada para a professora e falamos, “olha, você não quer fazer uma seleção? Ou, então, explica aí para a turminha que vai publicar alguns porque não dá para publicar todos”, e daí como escolhemos? Não escolhemos, pegamos um e puxamos, não ficamos olhando muito, porque não seria justo com a outra criança. Chegou o desenho, temos uma pasta, colocamos

tudo lá e vamos publicando. Já tem gente que manda por e-mail, mas também tem criança que manda por correio. Só que a nossa demanda maior vem pelas escolas.

E o mesmo acontece com as fotos do *Clubinho*?

Isso, a mesma coisa. O engraçado é que isso tem raleado, porque antes os pais e professores mandavam mais. Agora percebemos que dá uma parada de vez em quando, daí nós colocamos um recadinho no Facebook, dizendo que o *JC Criança* está recebendo fotos para publicação. Quando fazemos isso, recebemos uma quantia razoável de fotos. Quando elas terminam, nós publicamos de novo. As pessoas antes não precisavam desse estímulo. Hoje, elas precisam. Não que deixamos de receber completamente, só que nós publicamos 12 fotos todos os domingos. É muita foto, então, nós precisamos de uma demanda grande de fotos – que não necessariamente nós temos. Então, estimulamos os pais, padrinhos, vovôs e vovós corujas a mandar o material para cá e, quando, acontece isso, nós temos uma demanda boa. E todo mundo que manda a foto aqui para o jornal, nós respondemos agradecendo pela foto e dizendo quando ela será publicada, para dar um retorno para quem enviou e fica esperando.

Há 10 anos, o *Clubinho* tinha cinco mil assinaturas e nas edições analisadas de 2016 esse número era de sete mil. Você acredita que esse aumento revela um maior interesse da criança no suplemento?

Na verdade, quem acaba fazendo o cadastro são os pais, porque tem convênio com livraria, escola de inglês... Então, os pais são grandes interessados. A minha percepção é são as crianças mais novas que ainda se interessam pelo *JC Criança*. Tem a turminha de 10, 12 anos que gosta de se ver no jornal, que manda cartinha, mas em quantidade menor. Não é que acabou completamente, mas tem diminuído.

Por que o suplemento circula aos domingos?

Porque domingo é o dia de maior circulação do jornal, é o dia em que são publicados a maioria dos nossos suplementos. É o dia que você consegue ajoelhar com seu filho no chão para pintar, para brincar, para ler. Porque é um dia em que as pessoas estão em casa com mais tranquilidade, porque é o dia que elas podem levantar às onze e sentar no chão da sala às quatro com a família e daí cada um lê o seu suplemento. Domingo é o dia de mais tranquilidade.

O *JC Criança* tem, para o *JC*, a importância de fidelizar um público, que é a criança, para mantê-lo como um leitor no futuro?

Olha, nós não temos pesquisa disso, então, não consigo responder com certeza. Mas eu acredito que em certa medida, sim. Eu até brinco que tenho uma fonte que tem praticamente a idade do *JC Criança*, 24 ou 25 anos, e ele me passa algumas informações do bairro em que mora e ele era um leitor do *JC Criança*. Ele se sente honrado em poder colaborar. Para ele, é importante passar as informações, porque ele sente que ele cresceu com o jornal. A exemplo desse rapaz tem outros casos. Mas acho que em menor quantidade hoje.

Você acredita ser importante esse conteúdo específico para a criança, que se difere do conteúdo do adulto?

Sim, eu acredito. Porque eu tenho dois filhos que gostam de ler, uma têm 23 e o outro têm 18 anos, e você raramente vê nessa idade gente com o livro na mão e os meus filhos fazem isso, porque foram estimulados desde muito pequenos e foram estimulados com o *JC Criança*. A linguagem que ele tem, os assuntos que trata. Certamente, é um poder estimulador de leitura para as crianças de qualquer idade. Porque Machado de Assis, por exemplo, que se lê na escola mais para frente, eu estou revisitando agora. E daí quando você pega um suplemento infantil ou quando você pega um quadrinho ou quando você pega um produto que a linguagem é mais voltada para esse tipo de público, fica mais fácil de estimular essa leitura. Quando um suplemento infantil trás uma matéria falando de Machado de Assis e porque é importante lê-lo, de alguma forma, chama o aluno a se interessar pelo autor. A princípio, ele pode nem gostar muito, mas de alguma forma vai ficar marcado. Eu acho fundamental.

Você acredita que a ausência do conteúdo impresso pode influenciar de alguma forma a formação desse leitor mirim?

Não é que a criança não tem mais um conteúdo específico para ela. Ela tem, mas em outra plataforma. Porque senão os jornalões não migravam do impresso para o site. Então, o que está acontecendo e, em certa medida é um equívoco, é dizer que porque o impresso está sumindo as pessoas estão lendo menos. O que está acontecendo é que as pessoas estão se informando pela internet. Meu filho de 18 anos, por exemplo, é ultrainformado, até porque eu sempre estimei muito ele, mas ele não abre o jornal. Ele sabe o que está acontecendo com o Trump, sabe das polêmicas no Brasil, sabe dos problemas da Lava Jato, só que daí você pergunta para ele da onde é essa informação e ele vai dizer um site. Essa geração mais nova

do que eu continua lendo, só que de uma maneira diferente daquela que estamos acostumados. O que eu acho que deveria acontecer é os pais e professores estimularem mais essa busca.

Por que você acredita que o jornalismo seja importante para a formação da criança?

Porque sem jornalismo não tem democracia, porque sem jornalismo não tem informação, porque sem jornalismo as pessoas não têm informação da maneira que ela deve ter. E isso passa muito pela criança. Para citar um exemplo macro, essa rebelião que teve em Bauru essa semana²⁹, a cidade fechou por causa de boato. Os acessos aos veículos de comunicação da cidade foram tão grandes que em determinado momento os portais dos veículos caíram, os portais não suportaram tanta informação. Por que as pessoas queriam o quê? A informação correta. E onde elas iriam buscar? Nos veículos de comunicação que elas confiam. Então, o jornalismo, independente da plataforma que você trabalha, é aquilo que vai levar a informação correta, a informação checada, não é a informação boato. E isso é muito importante não só para a criança, é importante para todas as pessoas independente da idade. Para a criança é mais importante ainda porque ela está aprendendo a identificar o que é a informação, ela está aprendendo a lidar com a informação, ela está aprendendo a diferenciar o que é uma informação interessante de uma que não é. Porque, hoje, o jornalismo trabalha com a informação importante, mas ele precisa trabalhar com a informação interessante. O jornalismo precisa levar para as pessoas mais do que aquilo do lead, do quem, do onde, do como, do quando, do por que, é preciso se acrescentar duas coisas nisso: o que eu tenho a ver com isso? O que isso me interessa? O jornalismo propicia isso, por esse motivo que é importante e vai continuar existindo. No impresso? No site? Na televisão? No rádio? Não importa, o que importa é a credibilidade que o jornalismo passa.

²⁹ No dia 25/01/2017, ocorreu uma rebelião no Centro de Progressão Penitenciária (CPP) 3 em Bauru - SP. O prédio foi destruído pelo fogo e 152 reeducandos fugiram.

APÊNDICE D – Entrevista: ilustrador infantil

Claudinei Muniz Lopes³⁰ é desenhista sênior do caderno *Classificados* do *Jornal da Cidade* e quadrinista das historinhas *Os Birutas*, *Os Birutinhas* e *O SuperDudu*, quadrinhos regularmente publicados na página 12 do suplemento infantil *JC Criança* há mais de 20 anos, sendo que há 6 anos Muniz é o único quadrinista do jornal. Claudinei foi entrevistado na redação do jornal na terça-feira, dia 24 de janeiro de 2017. A conversa foi sobre seu processo de produção das tirinhas e como elas podem impactar a criança por meio do suplemento infantil. A seguir, encontra-se a entrevista transcrita na íntegra:

Você diagrama diariamente os classificados do jornal, mas não diagrama o *JC Criança*?

Não, eu faço só os quadrinhos. Mando os quadrinhos prontos e eles aplicam no espaço reservado.

Quando você começou publicar seus quadrinhos?

Faz muito tempo. Antes de trabalhar no jornal eu já mandava quadrinhos. O jornal tinha uma página em que as pessoas podiam colocar os seus desenhos, então, eu mandava os meus e, assim, alguns foram publicados. Com o tempo eu vim trabalhar aqui e surgiu essa oportunidade de eu fazer quadrinhos para o jornal, isso já faz mais de 20 anos.

Hoje, a página 12 é sua?

Exatamente. Teve uma época que era eu com o Greiffo, que é outro desenhista. Agora estou eu sozinho.

Desde quando você é quadrinista?

Desde sempre. É que apesar de eu ter outra função aqui, quadrinho eu faço desde os 10 anos.

A história do *Os Birutas*, *Os Birutinhas* e *O SuperDuDu* nasceram por causa do suplemento?

Não, antes do suplemento eu já tinha essas histórias. Criei quando era criança. Para você ter uma ideia, criava elas como parte das minhas brincadeiras. Então, eu pegava os homenzinhos,

³⁰ E-mail: claudineimunizlopes@gmail.com

ficava brincando e colocava nome neles e foi assim que *Os Birutas* surgiram, por exemplo. Com o tempo, gostava de desenhar, comecei a fazer quadrinhos, daí tive a oportunidade de colocar no jornal e continuei. Tem outras histórias que são publicadas esporadicamente, mas o que mais sai é o quadrinho do *Os Birutas*. *Os Birutas* são a fase adulta do *Os Birutinhas* e *O SuperDudu* é o Biruta na versão super-herói. Aquela versão que todo mundo conhece, todo quadrinho o pessoal brinca com essas ideias: personagem criança, adulto e super-herói. As histórias que eu faço são para criança, então, não tem um enredo mundo complexo que una essas três histórias. Tento colocar o universo infantil, tomando muito cuidado com o tipo de piada. Por exemplo, teve uma vez que fiz uma tira em que a personagem usava um revólver. Teve leitor que reclamou com o jornal e eu fui chamado pela chefe de redação que chegou e conversou. Então, é um cuidado que a gente precisa ter. Drogas, bebidas não pode ter, por exemplo, porque esses quadrinhos são para criança.

Além da criança, você produz para outro público?

Não, eu só faço quadrinho para criança.

A redação pauta você de alguma forma?

Não, a redação não interfere, eu tenho liberdade na escolha do tema, porque as tirinhas que eu faço não são casadas com o tema dos textos. É muito difícil, por exemplo, por ser Natal, ser publicada uma tirinha de Natal. Não. É publicado o que tiver no momento. Até porque como eu trabalho sozinho, então, às vezes, não dá nem para eu ter essa programação. Eu faço desde os desenhos à mão até a pintura digital, tudo. Então, eu termino o quadrinho, guardo e quando dá ele é publicado.

Quanto tempo você precisa para produzir um quadrinho?

É que eu tenho outras atividades, mas se fosse pegar firme para fazer, em três dias, uma hora por dia, eu conseguira fazer. O mais difícil mesmo é a ideia.

Como surgem suas ideias?

Aí que está o problema [risos], têm dias que não surgem. Eu tenho filhos, então, têm vezes que eu pego no ar alguma coisa, sabe? Eu leio muito quadrinho também. Leio bastante *Turma da Mônica*, *Walt Disney*. Então acabo me inspirando nessas histórias. É uma coisa que todo mundo faz, um se inspira no outro. Porque o que acontece: às vezes você tem uma ideia e

pensa que é sua, mas outra pessoa já fez algo parecido ou também pode ter uma ideia que já é batida. Então, não é fácil produzir algo original.

Como funciona os direitos autorais nos quadrinhos?

Os direitos autorais funcionam mais para os personagens e não para a história. A não ser que você copie uma história inteira. Mas, assim, se a pessoa for procurar mesmo vai ver que existem temas e enredos parecidíssimos.

Qual a característica das tirinhas que você produz?

Eu busco explorar o humor, mas eu faço isso de forma despretensiosa.

Como ocorre a produção de tiras pensando na publicação?

Eu tenho um volume de tiras feitas, de vez em quando eu faço alguma coisa nova, mas muitas vezes eu repito. Então, assim, por exemplo, a tirinha que saiu faz um ano, é publicada de novo. Às vezes, não dá tempo de fazer novas, mas daí eu tenho essa liberdade de repetir. Até porque, no jornal, o principal é que mantenha em dia essa parte da diagramação dos classificados.

Você acredita que suas tirinhas acabam informando sobre acontecimentos do cotidiano ou elas são mais entretenimento mesmo?

Olha, eu acho que é mais entretenimento mesmo. É que eu não tenho essa preocupação de informar, não estou dizendo que não é importante, é que eu não tenho essa pretensão mesmo. Porque, assim, eu me baseio por quando eu era criança: eu gostava desse tipo de quadrinhos que eu faço. Posso até estar errado, porque as crianças e as cabeças mudam com o tempo, mas eu creio que para a criança, o conteúdo que produzo não é assim extremamente saudável e nem tem um efeito prejudicial. É um entretenimento para passar o tempo. Não é uma coisa profunda e acho que nem deve ser. Acredito que criança não deve ser usada como laboratório de filosofia e de reflexões complexas, ela deve crescer naturalmente dentro da sua inocência.

Qual o seu contato com o universo infantil?

Tenho filhos e sobrinhos, esse é meu contato com as crianças.

Por que surgiu o interesse de fazer quadrinhos para criança?

Eu não sei, eu nunca nem pensei o em um motivo, eu sempre produzi naturalmente.

Você acredita existir diferença de um quadrinho feito para criança de um feito para adulto?

Ah, tem. Para adulto você pode ter um quadrinho mais polêmico, com assuntos mais delicados. Uma grande diferença seria a temática, mas não só, é preciso se atentar às palavras e expressões que você vai usar também. Para criança, também tem que ser uma informação rápida, não pode ser aqueles textos longos, por exemplo.

Você acredita ser importante ler quadrinhos na infância?

Eu acho, mas desde que o quadrinho seja para criança. Não acho que a criança deva ter contato com material que não é para ela, porque não convém. Pelo menos, na minha infância os quadrinhos foram muito benéficos, eles incentivaram a leitura. Eu vejo pelo meu filho mais velho o resultado disso, pelas palavras novas que ele aprende e também pela desinibição em se expressar. Esses dias mesmo ele estava até querendo escrever uma historinha.

Você sente um retorno dos seus quadrinhos por parte das crianças?

Antes, crianças até faziam desenhos sobre os meus quadrinhos e mandavam para o jornal, mas atualmente eu não tenho sentido. Na verdade, eu não tenho procurado saber. Acredito que estamos vivendo um tempo diferente, as crianças já nem se interessam tanto por quadrinhos como antes. Eu acho isso porque, por exemplo, meus pais tinham um sebo e as crianças não compravam mais quadrinhos, era cada vez mais difícil vender. Era uma criança ou outra que costumava ir com os pais. E não só por isso, eu lembro que quando eu era criança, eu comprava revistas em quadrinho na feira, tinha um senhor que tinha uma banca imensa. Há um ano eu encontrei esse senhor na feira e ele não vende mais quadrinhos. Conversando com ele, ele falou que não tem mais procura e público para isso, então, agora, ele vende apenas jornal. Hoje em dia tem televisão, internet, vídeo game, então, a criança não se interessa mais pelo quadrinho. E a leitura exige um esforço, exige que você tome uma iniciativa. A televisão, a internet, o game exigem um esforço menor. Já no quadrinho você tem que pensar no que você está lendo, porque a interatividade está na sua imaginação com o texto e a imagem. Meus filhos mesmos adoram desenho animado, vídeo game, essas coisas, e eles leem também, mas por causa do incentivo. Eu percebo que se acaso eu não incentivasse, eles não procurariam pelo quadrinho.

Além de publicar seu trabalho no jornal, você também tem um blog (claudineimuniz.blogspot.com.br). Pelo blog você recebe um retorno maior do que pelo impresso?

Eu posto bem pouco e também não faço uma divulgação do blog, acho que por isso não recebo mensagens das pessoas.

APÊNDICE E – Entrevista: jornalista especializada em jornalismo infantil

Mayra Fernanda Ferreira³¹ formou-se em Comunicação Social – Jornalismo (2006) pela Unesp de Bauru e é mestre (2009) em Comunicação pela mesma universidade. Suas pesquisas se relacionam ao jornalismo infantil. Na graduação, apresentou o projeto de pesquisa *Infância em papel: o jornalismo infantil no interior*, no mestrado defendeu a dissertação *Webjornalismo infantil: por uma interação informativa jornalista* e, agora no doutorado, defenderá a tese *Infância (n) ativa: potencialidades de participação e protagonismo social de crianças na mídia digital*. A entrevista aconteceu na sexta-feira, dia 27 de janeiro de 2017, no Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da USC, instituição na qual Mayra coordena o curso de jornalismo. A entrevista completa está a seguir:

Há 10 anos, no seu TCC, você também falou sobre jornalismo infantil. Eu gostaria de saber a sua opinião a respeito de qual é a importância de informar a criança sobre o mundo em que ela vive.

A importância é que o jornalismo contribui para a formação crítica da criança perante a sociedade. Por exemplo, a criança está brincando na rua de bola e daí de repente ela vê uma fumaça e ela não sabe da onde vem essa fumaça. Ela entra em casa e o pai está assistindo ao telejornal. A criança não consegue entender direito que aquela fumaça que ele viu quando estava brincando é a do presídio, para usar um acontecimento bem factual. Então, a importância é transcrever para a criança aquilo que é função do jornalismo: que é informar com qualidade, prestar um serviço público ao público. E, dentro desse público, não se pode ignorar que a criança é um público. Então, o que se tem muito é adulto fazendo conteúdo para adulto ou até mesmo para adolescente, e aí tem que separar criança do adolescente. Quando discutimos no jornalismo a elaboração de um plano editorial, por exemplo, temos que nos preocupar com a segmentação de público. Por isso, que o jornalismo infantil é importante, porque ele vai lidar com uma segmentação de público respeitando características de linguagem, de formato, que sejam condizentes, mas, principalmente, atraentes para esse público segmentado que é a criança. E quando estamos falando em criança, temos que pensar que essa criança vai do zero aos onze anos inteiros ou 12 anos incompletos. Temos aí uma faixa etária de 12 anos, e isso é muita coisa. As diferenças que se estabelece entre as gerações

³¹ E-mail: mayraunesp@yahoo.com.br

é muito grande e o jornalismo infantil tem que dar conta disso. Quando nos voltamos para o impresso, que foi o caso da minha pesquisa e está sendo o caso da sua, nós vamos lidar com a criança, majoritariamente, alfabetizada. Mas aquelas que não são alfabetizadas elas podem se reconhecer no suplemento por meio de uma foto ou na lista de aniversariantes do mês, elas veem um passatempo ou um quadrinho. Mesmo que elas não saibam ler, elas entendem ali alguma coisa das expressões.

Como você enxerga o impresso hoje?

O impresso passa por uma mudança de perfil de público no adulto e, consequentemente, isso esbarra na criança. Então, é importante que percebamos no diálogo com a criança, por isso que eu defendo que o jornal infantil tem que estar presente, não só na escola, mas em todos os outros ambientes que as crianças convivem, aí, é claro, você vai escolher um segmento, um nicho para que seja o seu grupo de pesquisa, seus primeiros leitores, como se fosse um conselho editorial mirim para dizer o que está e o que não está adequado nesses jornais. Esse conselho seria a parte em que a criança colabora com o jornal. Porque, assim, eu defendo que tenha um jornal com criança e não só para a criança. Então, essa visão direcional do adulto jornalista é direcionada, tem uma percepção que é intrínseca ao indivíduo, sofre influência da rotina de produção, tudo aquilo que foi vivenciado até chegar a ser um repórter, um redator, um editor de um veículo infantil, modifica a percepção que temos de criança. Então, por exemplo, há 10 anos, quando fui fazer minhas pesquisas e aí eu quis levar para a escola para que o aluno me dissesse se aquilo era interessante ou não, eu achava que eles adoravam o jeito de falar, “ah que engraçadinho, criancinha, bichinho”, e isso foi uma coisa que eles criticaram, pois “tratam a gente como se fossemos bobos” me disseram, e aquilo me surpreendeu, porque, para mim, era uma forma carinhosa de se comunicar, só que para eles não, porque dessa forma parece que estamos menosprezando a forma deles entenderem determinados assuntos. Então, quando eu sugeri, agora veio na minha cabeça ao conversar contigo, essa questão do conselho editorial mirim, é exatamente para contribuir para que esse jornal tenha não só um conteúdo que a criança queira ver, mas que também tenha um formato e uma linguagem que sejam legais. Se você pegar o *JC Criança*, ele tem 25 anos, nesse período o quanto a criança já não mudou?

Nesses últimos tempos, os jornais de circulação nacional deixaram de ter cadernos infantis e, alguns, hoje, existem apenas no *online*. Como você enxerga essa mudança?

Isso é de suma relevância e fazer essa transposição para o site é importante. Por quê? Porque a criança está mudando. Não que o papel deixa de ser significativo, eu mesma adoro ler no papel. Mas eu sou de outra geração. Eu fui alfabetizada no papel, mas, hoje as crianças são alfabetizadas na internet. Grande parte, não é todo mundo. Qual que vai ser o olhar editorial? É importante que o jornal ao fazer essa reformulação ou decidir firmemente acabar com o jornal impresso, tenha consciência de que estará falando com o segmento de público de criança que tem acesso à internet, o que talvez não seja todo mundo. Talvez, o papel abrangesse mais do que o digital. Então, os jornais como um todo, ao fazer essas decisões baseadas no modelo de negócio, baseadas em escolhas editoriais, em público, em receita publicitária, em sustentabilidade do veículo, da equipe de produção, jornalistas/diagramadores/ fotógrafos etc., precisa olhar para que público falar e aí não estou falando da faixa etária, estou falando em classe social, A, B, C, D, qual o nível de escolaridade... Todos esses fatores ao transpor um jornal do impresso para o digital têm que ser estudado. Então, vamos pegar uma criança de três anos, possivelmente, ela não é alfabetizada nem no digital nem no impresso. Quando ela pega o *JC Criança* impresso que chegou lá no pai dela, ela pode vir, eu acredito nisso, a desenvolver um potencial de leitura de papel maior no futuro, porque ela tem contato com o folhear e não apenas com o deslizar. Então, assim, é outra lógica, mas essa outra lógica tem um público. Majoritariamente no Brasil, se você pegar as pesquisas sobre acesso à internet e, principalmente, de criança e adolescente, o Comitê Gestor da Internet no Brasil faz uma pesquisa com pessoas de 9 a 17 anos, indicando que grande parte dessas crianças tem acesso à internet, mas a maioria é estudante de escola particular, a maioria é da classe A e B, a maioria tem pais com nível superior... Então, todos esses indicativos de perfil socioeconômico têm influência direta no consumo da notícia.

Quanto à temática, como você acha que ela pode ser trabalhada para o público infantil?

O jornalismo infantil já é um jornalismo especializado. Não acho que ele precise ser uma especialização dentro da especialização e que o conteúdo para criança tenha que falar só de saúde ou meio ambiente ou qualquer assunto específico. Educação é sempre o primeiro que aparece. Eu defendo a diversidade temática porque o jornalista trabalha com diferentes editorias, ele é esse especialista em generalidades em um primeiro momento. Aí é importante que a gente ofereça esse geral para a criança, o que tem que ser feito e daí eu acho que o

jornal infantil pode contribuir é com um processo de educação para a mídia, que é pensar em uma leitura crítica desses conteúdos. Ao trabalhar com o jornal na escola, a criança vai perceber, o que o título quis dizer, o tamanho da foto... Então, todas essas características que o jornalismo apresenta e aqui eu estou falando do impresso, possibilita que a gente instrua de modo educativo a criança por meio de uma mídia e, aí sim, ela vai conseguir identificar alguns fatores. Por exemplo, vamos lá de novo utilizar nosso fato atual. Todos os boatos, toda a desinformação que surgiu, talvez a criança tenha tido contato com ela e, ao a criança ter contato, em que meio que ela foi se informar adequadamente? A criança está de férias, nem na escola a criança está. Mas será que na escola as pessoas vão estar realmente informadas? Falamos na escola, porque é a nossa instituição número um de educação, mas mesmo que a criança estivesse na escola quem iria explicar para ela o que foi essa rebelião? E, principalmente, entender até mesmo esse nosso fluxo de informação que foi, na verdade, um desfluxo. É importante que tenhamos esse olhar para o macro, para que a criança tenha acesso a tudo. Quando pensamos em transpor para um site, o que o site trabalha? O site trabalha com menu, então, assim, como são as editorias, dentro de um jornal impresso por meio dos cadernos, lá no site, eu também vou ter, cada aba vai ser uma editoria diferente, então, a criança pode escolher. Quando eu fiz minha dissertação, um webjornal infantil para criança e pela criança, ela me disse o que queria ver ali. Daí, eu elaborei as matérias. Não foi o ideal, pois o ideal seria que a criança escrevesse junto, com a minha mediação, sim, porque é importante a mediação do adulto, do educador, do comunicador e, no meu caso, da jornalista. A gente está defendendo a criança enquanto autora, enquanto produtora de conteúdo, não necessariamente, estou defendendo a criança como jornalista a partir do momento que ela assina comigo um conteúdo. Então, assim, é tentar pensar em estratégias que nos ajudem a olhar para essa produção de conteúdo com a criança, com a mediação do adulto ainda. Porque, assim, a criança é um ser autônomo? Ela é! Tem que ser estimulada? Tem que ser! Ela consome informação? Ela consome! Ela produz informação? Produz também, mas como que isso agrega a formação cidadã dessa criança? Porque ela precisa aprender e apreender a ler criticamente as informações e não apenas aquelas que estão ali no *JC Criança*, mas a informação que está no livro de história, no site, no DR-Room, no diálogo em uma aula de inglês.

Os suplementos impressos regionais e locais veem resistindo mais do que os nacionais. Você imagina o motivo disso?

Eu acho que é pela questão da localidade ainda. Um achismo mesmo, eu acredito que é porque o jornal local, principalmente, os de cidades pequenas, representa a identidade daquele município e é algo geracional que passa do vô, para o pai, para o filho. Então, talvez, esses jornais tenham se sustentado pelo pouco conteúdo no sentido de apuração e de linguagem jornalística que ele oferece. Se você observar, o *JC Criança* é feito com fotos. Ainda tem um volume muito grande de pessoas que querem se identificar com aquilo. Qual a outra coisa que eles fazem? O *Clubinho JC Criança* onde se tem desconto. O que mais eu tenho? Tirinha da *Turma da Mônica* e passatempos. Não é um jornal infantil que está preocupado com a temporalidade. Então, a edição dele é de domingo, porque é o dia de maior vendagem seja em banca ou em assinatura. Principalmente na banca. O que permitia que a criança tivesse esse acesso era essa questão geracional e algo que não era tão oneroso de se fazer. Só que para um grande jornal a conta não é diferente, porque a conta está na tiragem, nos espaço publicitário, no quanto está vendendo. Muito mais do que em um jornal local. O jornal local ainda tem esse quê de proximidade que é o que dá charme para ele. Já em um jornal nacional você não tem isso, aí o *Estadinho* foi o primeiro a morrer. Morreu a *Folha Teen* primeiro, depois morreu a *Folhinha*. Não tenho conhecimento dos jornais infantis dos outros jornais, mas se você olhar bem não deve ter mais. Mas mesmo que exista, será que a existência é garantia de um conteúdo de qualidade, de um conteúdo que sirva e esteja a favor da criança? Talvez, não. Talvez chamem de suplemento ou caderno infantil só passatempo. O passatempo não educa? Podem me perguntar. Não ajuda a criança a pensar? Lógico que ajuda, mas o jornalismo é passatempo? Existe a tendência do infoentretenimento, ok, eu acho mesmo que o jornalismo infantil tem que ir por essa linha. Mas não é o quadrinho pelo quadrinho. O que aquele quadrinho pode me ajudar a ensinar para a criança? Como os personagens dos quadrinhos podem, por exemplo, serem trabalhados em um texto e até em um passatempo que ajude a criança a entender determinado assunto? Eu preciso saber trabalhar esse conteúdo para que ele chegue bem nessa criança e repercuta na sua realidade, porque o grande X quando eu comecei a fazer pesquisa lá em 2004 é pensar o olhar da infância, é pensar o olhar da criança sobre aquilo que ocorre na realidade e aí o jornalismo é instrumento de mediação para que a criança tenha acesso àquilo que ocorre na realidade. Só que não é a realidade tsunami, isso está muito longe dela, eu preciso trabalhar que está local.

Esse conceito da criança produzir junto com o jornalista e não apenas do jornalista para ela, foi você quem começou essa abordagem?

Que pergunta difícil. Eu defendi isso na minha dissertação do mestrado sobre o webjornalismo infantil, eu falei dessa relação do jornalismo com criança e não só para criança, é de crianças, para crianças e com crianças. Eu criei isso “de/com/para”, trabalhando com as três preposições, mas de jornalismo, dizer que tem um autor que trabalha essa relação, eu sei que não tem, pelo menos, não me recordo. Onde você vai achar essa questão do com e do para, muito em trabalhos da educomunicação, da mídia educação, nessa área, do Ismar Soares, da ECA, foi ali, Adilson Citelli do livro *Educação e Comunicação*, foi ali dessa seara que eu trouxe essa perspectiva. Eu lembro que eu terminei minha pesquisa de iniciação e fui para o mestrado, um professor da Unesp me disse: “você vai continuar estudando jornal impresso, menina? O que a criança te disse lá no diagnóstico?”. As crianças já estavam naquela época, e olha que estamos falando de 2006, na internet. Friso bem, digo criança, estou usando um termo genérico para um público específico dessa criança, principalmente da classe A, B, C. Mas, sabe, eu acho temos que estudar aquilo que pode ser que esteja acabando, no caso, o suplemento infantil impresso, e aquilo que pode estar surgindo, o jornalismo infantil na plataforma *online*, para perceber que essa reformulação tem que ser cuidadosa, ela tem que partir do olhar da criança. A *Folhinha* há 10 anos teve uma edição sobre corrupção que foi a mais legal que eu achei. Ela estava explicando para a criança de forma ilustrativa o que era corrupção. Se compararmos ela com o *JC criança* vamos perceber que ela é muito mais informativa.

Como você enxerga a criança?

Temos aquela imagem de que a criança precisa ser cuidada e protegida, e não é assim, não é? Essa questão da autonomia eu estou trabalhando no meu doutorado, mas eu não estou falando de jornalismo, eu estou falando de comunicação. Porque quando eu terminei minha dissertação, me indagou algo ali: a criança quer fazer parte. E aí existe um conceito de um autor que eu utilizei, o Mario Kaplún, que trabalha com comunicação participativa. Então, eu estou indo por esse viés da comunicação mais geral que, de repente, pode ser incorporado no exercício jornalístico.

APÊNDICE F – Entrevista: pedagoga

Maria do Carmo Monteiro Kobayashi³² é pedagoga formada pela Universidade do Sagrado Coração (1995), mestre (1998) e doutora (2003) em Educação Brasileira pela Unesp de Marília-SP. Atualmente é professora do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru, atuando nos temas de infância, criança e educação por meio dos objetos lúdicos. A entrevista foi realizada na quinta-feira, dia 26 de janeiro de 2017, no Departamento de Educação e o enfoque da conversa foi a construção da infância e o desenvolvimento da criança. A entrevista completa pode ser observada a seguir:

Como a pedagogia enxerga a criança?

É Philippe Ariès que vai colocar as coisas em ordem. O que é colocar as coisas em ordem? Ele vai mostrar que até por volta do século XVII, o conceito de infância, na especificidade de criança como um ser que deve ser cuidado e educado, não existia. O livro do Philippe Ariès se chama *A História Social da Criança e da Família*. Antes do século XVII, a criança vivia no meio dos adultos e dos velhos, então, a partir do momento que ela conseguia comer sozinha e andar, ela já era incorporada ao mundo adulto. Depois, começou a existir uma preocupação de tirar essa criança desse contexto, pois no século XVII existe todo um movimento religioso e também a publicação de uma obra de Jean-Jacques Rousseau chamada *Emílio de la educación*. O Emílio é um menino e o Rousseau vai mostrar como ele deve ser cuidado. O livro, primeiro, vai falar dos zero aos dois anos, depois dos dois aos cinco e cada capítulo vai explicando os processos educativos até o Emílio ser adulto e constituir família. Bom, então, isso é uma questão: a criança sempre existiu, mas a infância é construída.

Quando a infância foi criada?

O século XVIII foi o século da descoberta da infância. Quando se descobre a infância, descobre-se também o indivíduo chamado criança. A partir daí começa-se a constituir coisas para a criança: literatura infantil, brinquedos... Teóricos começam a mostrar que os brinquedos e jogos podem ser aliados dos processos educacionais, algo que até então, por não existir a especificidade da criança, não era necessário. A partir disso, até hoje, nós temos um mercado por trás da criança que é uma coisa absurda. Na obra *Crianças do consumo: a*

³² E-mail: kobayashi@fc.unesp.br

infância roubada, a autora Susan Linn conta essas barbaridades mercadológicas que estão acontecendo com as crianças. O século XX é o século do estudo, com o avanço da biologia e da psicologia, e é nesse período que as pessoas começam a ver a criança de forma totalmente diferente dos séculos passados.

Como é a linguagem da criança?

A criança tem uma linguagem que é muito própria dela, que é cifrada. Muito provavelmente os adultos não vão entender a criança se não entenderem sua especificidade, podendo leva-las a dois extremos: tratar as crianças como crianças demais ou como adultas demais. A nossa sociedade, por exemplo, transformou a criança na alma do negócio, então, existe todo um apelo e o pai, muitas vezes, por culpa, compra tudo o que essa criança quer. A criança tem interesses e desejos, no entanto, existe uma palavra mágica que é necessidade. Quais são as necessidades da criança? Muitas vezes essas necessidades vão de encontro aos interesses e desejos e, muitas vezes, vão ao encontro. O jornal que você está querendo analisar é um objeto que expõe a cultura para a criança, porque os objetos nas teorias de desenvolvimento, as teorias sócio-históricas ou histórico-críticas, vão falar que esses objetos que estão ao redor das crianças, os livros, as propagandas, os brinquedos, enfim, os objetos da cultura, é que vão inserir e apresentar a cultura onde essa criança nasceu. São esses objetos que vão fazer com que a criança saiba da onde ela veio e construa sua identidade.

O processo jornalístico para construir uma notícia é igual para adulto e para criança. O jornalista teria que ter uma linguagem diferenciada para se comunicar com o público infantil?

Depende. Nós precisamos tomar muito cuidado com o tatibitate. Você não tem que falar com a criança diferente do que você fala com o adulto, mas, em alguns momentos, você não vai poder usar determinadas palavras. Você vai ter que usar palavras que façam parte do universo infantil, entretanto, você não vai criar uma linguagem à parte para conversar com ela. Por exemplo, eu estou lendo um livro agora, tem várias palavras que eu particularmente não conheço e eu estou tendo que ir ao dicionário procurar sinônimos para conseguir entender. Isso a criança não vai fazer, então, eu tenho que ter uma linguagem correta, adequada, eu não vou poder falar errado. O livro *Marcelo, Martelo, Marmelo* da Ruth Rocha é de uma inteligência cabal. Porque nesse livro ela vai mostrar como a criança pensa as palavras, o personagem fala “pai, por que bola chama bola e bolo chama bolo?”, observando que só tem

uma troca de vogal. Então, pelas características que a psicologia vai dar para a criança, ela vai pensar que os objetos deveriam ter nome conforme o uso. Nessa lógica, a colher deveria se chamar mexedeira. O cachorro, latíodo. Você não deveria falar boa noite, você deveria falar “bom lunário” e de manhã “bom solário”. Só eu não vou poder ficar com essa criança falando “bom lunário” e “bom solário”. Então, o adulto tem que estar lá justamente para que ela mostre a concepção que ela tem e nós iniciemos o processo de ensino-aprendizagem.

As reportagens no suplemento infantil trabalham com a questão da leitura. Isso é importante para a criança?

O jornal é um gênero discursivo e o Mikhail Bakhtin vai falar que o texto jornalístico é um tipo de texto que tem uma especificidade, por precisar contextualizar o leitor com o que, onde, quando, como e por quê. A criança precisa ter contato com esse tipo de texto para ela reconhecer, porque você não vai dar uma aula de texto jornalístico para a criança, “ah, hoje nós vamos ter uma aula de texto jornalístico”, não. Você vai apresentar um texto jornalístico para ela com o jornal. Por isso, dessa proximidade entre jornal e escola.

Você acredita que o jornalismo pode ajudar a contextualizar para a criança o mundo em que ela vive?

Eu acredito que sim. Acontece que o suplemento infantil não tem a periodicidade diária. E outra coisa que a gente precisa tomar cuidado é que a criança está em processo de formação, no entanto, ela é extremamente inteligente, e, às vezes, o texto que vem é um de má qualidade.

Em que fase da infância a criança está apta para ler?

A habilidade para ler começa no útero materno. Por isso, a exposição à leitura, ela deve acontecer o mais breve possível. Por exemplo, eu tenho projeto de leitura com bebês. Eu estou com um mestrado de uma aluna de artes que está fazendo indicadores de orientação, avaliação e oferecimento de livros para bebês. Então, no Brasil, agora que essa temática está começando a ser explorada, mas já faz um tempo que eu dou um curso de leitura para gestantes e para mães de bebês ainda muito pequenos, de três, quatro meses. A leitura tem que estar presente desde muito cedo, porque existem questões como virar a página de um livro, “aí, que lindo! Ele é tão pequenininho e já usa ipad”. Não! Porque a coordenação motora fina, que é utilizada no ipad é diferente do movimento de pinça de uma folha. Então, essas coisas, as

pessoas não estão se dando conta. No caso dos suplementos que estão deixando de existir na versão impressa, isso é uma perda para o desenvolvimento infantil, não tenho dúvidas.

Como a infância é vista hoje? Porque no livro de Neil Postman “Desaparecimento da Infância” (1999), ele defende que ela está desaparecendo.

O Neil Postman é um teórico que é um ufanista, ele fala contra a mídia e a globalização. Esse livro é um livro muito legal e ele fala três coisas: ele fala que existem três indicadores de que a infância está acabando. O primeiro é a alfabetização precoce, porque a criança que não lê, não entra em contato com muitas coisas as quais ela realmente não deveria ter acesso e isso se deve ao fato dela não codificar o código escrito. O que acontece é que muitos pais acham que a criança alfabetizada antes vai ter mais sucesso na vida, não vai, porque existem habilidades outras que são mais importantes. O segundo é o conceito de vergonha, porque hoje as crianças têm acesso a coisas que não são adequadas para elas, como cenas de sexo explícito, por exemplo. Não é pieguismo e nem é uma falsa moralidade. É uma verdade, uma constatação. E o terceiro é o conceito de educação: o que é educar hoje? Como impor limites? Como vamos fazer? Então, Neil Postman se baseia nesses três conceitos para falar que a infância já acabou, quando um objeto é estudado, ele está dando mostras de que já acabou. Eu não concordo com ele nesse sentido de que a infância acabou, mas eu concordo que esses três indicativos para a análise são fabulosos, porque vamos fazer uma digressão: por exemplo, quando Gutemberg consegue montar a prensa móvel, enquanto um copista demorava quatro anos, por exemplo, para fazer uma bíblia, a partir da prensa móvel em dois meses essa cópia seria feita. E é o que acontece, por exemplo, com e-book hoje. Quantos e-books não saem em fração de horas? Então, essas mudanças no suporte também vão influenciar na forma como esse indivíduo vai ter acesso a esse objeto e ao conteúdo. Hoje, continua a existir infância, mas com outra conotação: como um objeto de consumo, o que é próprio de uma sociedade capitalista que vai olhar qualquer indivíduo como sendo, não uma pessoa, mas um consumidor em potencial.

APÊNDICE G – Entrevista: psicólogo infantil

Angelo Antonio Abrantes³³ é formado em Psicologia pela Unesp (1992), possui mestrado na área de Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica (1997) de São Paulo e é doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2011). Atualmente, é docente do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciência da Unesp de Bauru e líder do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Social e Educação: Contribuições do Marxismo (NEPPEM). O professor Angelo foi entrevistado no Departamento de Psicologia na segunda-feira, dia 23 de janeiro de 2017. O tema central da conversa foi a influência da leitura na formação da criança. A seguir, encontra-se a entrevista transcrita na íntegra:

Você estuda a educação pelo viés da psicologia social. Como essa linha teórica olha para o jornalismo?

É uma relação fundamental. Pela perspectiva teórica que eu trabalho, que se chama histórico-cultural, parte-se do pressuposto de que o desenvolvimento do ser humano se dá pela relação do indivíduo com a sociedade. Com isso, considera-se que o elemento mais decisivo para definir o humano, não está na natureza dada e, sim, na natureza adquirida, ou seja, o indivíduo se apropria da sociedade em aspectos como a linguagem e a cultura. O jornalismo é um elemento da cultura que divulga ideias, divulga a produção humana, divulga princípios, divulga valores humanos, então, eu não tenho a menor dúvida de que é uma determinação importante para o desenvolvimento de um ser.

Você estuda a relação da criança com a literatura infantil na escola, o que não deixa de ser uma relação desse ser em desenvolvimento com um texto impresso. O que você tem observado?

Que uma obra infantil já é um enunciado ideológico. Estou utilizando Mikhail Bakhtin para entender as relações, de modo que por considerar o enunciado ideológico, percebo que essa obra infantil se insere na luta de classes da sociedade em que nós estamos vivendo. Então, quando se fala da influência da leitura, na verdade, nós estamos falando de uma determinada visão de mundo que está posta em contradição dentro da sociedade. Da mesma forma que a

³³ E-mail: angeloaa@fc.unesp.br

literatura infantil vai fazer parte dessa contradição, evidentemente que outros meios também farão, o que é o caso dos suplementos que você está estudando. Mas o que eu venho observando nos meus estudos, e, assim, não é nenhuma grande novidade, é que os meios têm sua importância, mas o que está em jogo são as relações sociais produzidas a partir deles, a partir do conteúdo que eles contêm. Por exemplo, o caderno infantil está lá, tem um determinado grupo de crianças que tem acesso direto a ele, mas também tem um determinado grupo de crianças que não tem. De qualquer modo, existe um processo de mediação para que o conteúdo chegue ou não até essas crianças, para que, a partir daí, esse caderno infantil produza relações sociais. Por exemplo, o caderno está anunciando que vai ter um teatro no Sesc, a relação social produzida não está no suplemento em si, que é o elemento que determina o desenvolvimento, mas no desdobramento que aquela informação pode causar: a criança ir ou não ao teatro. Ou seja, são as relações sociais produzidas a partir daquele material que importariam. E o fato de não ter material é um problema.

Os jornais de grande circulação não têm mais os cadernos infantis. Essa ausência de conteúdo informativo para a criança pode ser prejudicial?

Depende do que é produzido. Porque você pode ter muita coisa impressa que é produzida para gerar na criança apenas várias máscaras, como é o caso do consumo. Se você tem um material que está falando assim para a criança: consuma, consuma, consuma. Esse material, se ela não tiver acesso, não vai ser uma grande perda. Agora, se dentro do material produzido tem o elemento de desafio, de elaboração, de divulgação de novas ideias, percebe-se que esse é um material interessante para a criança ter contato. Então, não dá para falar é prejudicial ou não é prejudicial, vai ter que ver o que vinha sendo produzido em determinado jornal. Ele era um conteúdo importante para a criança? Ou ele era um conteúdo que só pressupunha a venda de algumas coisas e uma propaganda? Então, não dá para falar um princípio geral.

Haveria diferença de um conteúdo impresso, que a criança pega e folheia, de um que é lido em uma tela? Essa diferença de meios modificaria o desenvolvimento da criança?

Eu não fiz um estudo sobre isso ainda, mas considero que seja um aspecto importante a ser estudado. O que eu tenho observando, grosso modo, é que muitas das coisas que estão no tablete e no computador, na verdade, são reproduções do que existe na brincadeira infantil tradicional. Então, as pessoas falam, “nossa, uma superinovação”, mas no fundo tem uma menina que está no computador, só que está brincando de colocar roupinha na boneca. Isso é

até uma discussão sobre gênero, pois é o mesmo princípio, o que tem de bom e o que tem de ruim: para as meninas é a boneca, para os meninos é o carrinho. O que eu quero dizer é que, muitas vezes, o digital apenas repete o que já existia fora dele, não existe uma grande novidade. Porém, é evidente que nisso têm nuances que precisam ser melhores estudadas. A internet e a comunicação na internet representam uma mudança mesmo, mas, assim, é preciso relativizar essa coisa de que existe de fato uma diferença tão grande. Tem diferença, mas muito se reproduz do que já tinha. Então, dá para ter um livro infantil digitalizado, mas é melhor ter o contato, folhear o livro? É melhor, ele é um objeto, circula, acaba sendo mais prático do que o computador em alguns momentos. Tem uma diferença? Tem uma diferença, mas é uma diferença que eu relativizo. Mas ao mesmo tempo tem uma continuidade na produção de determinado tipo de ser humano: consumidor, que reproduz as relações de gênero, que reproduz a ideia da competitividade... isso continua, digamos assim, em unidade. Mudam-se os meios, mas a visão de mundo hegemônica continua a mesma.

Com que idade a criança começa a ter consciência de que ela é um ser individual que vive em comunidade, ou seja, quando ela vai saber diferenciar o “eu” do “nós”?

Não que vai ter uma diferença no fenômeno da criança, mas vai depender muito da teoria que você vai estudar. Evidentemente que a criança não tem consciência inicial da relação entre ela e o outro. O primeiro princípio que eu coloco, na teoria que venho estudando, é que as relações interpessoais vão se transformando em relações intrapessoais. Então, assim, as relações sociais externas vão sendo incorporadas pelo indivíduo. Então, isso é um elemento de princípio. Você pode falar assim: a criança recém-nascida na aparência é determinada fundamentalmente pelos princípios da biologia. Na aparência, sim, mas se você olhar, ela ainda não se apropriou da linguagem e da cultura, só que ela é um ser social o tempo inteiro. Então, eu estou falando isso para você, desviando um pouco da resposta, para dizer que essa relação entre o indivíduo e a sociedade é uma contradição que está posta desde sempre e dentro da teoria que eu estou utilizando, é um elemento fundamental. A criança até um ano, ela, na verdade, tem pouca distinção. O que a gente fala que ela vai conquistar nesse ano de vida é a capacidade de saber que tem um objeto que existe independente dela estar vendo. Então, até um ano com certeza não tem distinção entre o “eu” e o “outro” de forma alguma. Agora, entre o segundo e o terceiro ano, essa distinção começa a existir, a criança está se vinculando aos adultos e com uma imagem que chamamos de descentramento cognitivo. Descentramento cognitivo é quando a criança deixa de enxergar a realidade somente a partir

dela como centro do mundo. Esse é um processo que vai se desenvolvendo no tempo e nas relações sociais. A brincadeira tem um papel importante nisso que eu estou falando de descentramento cognitivo, porque a medida em que a criança está brincando, ela se coloca no papel do outro, da professora, da mãe, do outro aluno. Então, dentro da brincadeira, é um momento fundamental nessa idade, dos 3 aos 6 anos, em que ela começa a enxergar a realidade em uma forma, vamos dizer assim, multideterminada. Nesse momento, a criança já está conquistando uma situação em que ela entende “ela” no mundo com os “outros”, cada um exercendo um determinado papel. Tem um autor que estuda a periodização das crianças que diz que o mais importante é essa brincadeira de jogos de papéis e que é importante privilegiar as brincadeiras coletivas, para desenvolver essa visão de que o outro existe. Então, assim, é possível a criança brincar sozinha desde que ela esteja isolada e, algumas vezes, as crianças ficam mesmo, mas esse não seria o mais indicado. Inclusive têm autores que falam da fala egocêntrica, Piaget mesmo fala do egocentrismo infantil. A teoria que eu estudo mostra que essa fala egocêntrica, que é quando você fala para você mesmo, é uma fala que aumenta de frequência a medida que tem gente perto. Então, de certa maneira, pressupõe-se que ela seja uma forma de comunicação. Agora eu não estou falando de idade, mas estou falando de um processo que depende das atividades da criança no mundo.

Cada criança tem seu próprio tempo para se desenvolver?

Cada criança tem seu próprio tempo de desenvolvimento, mas isso depende do tempo em que a criança está inserida na atividade. Você, por exemplo, está falando de jornal impresso. Para um determinado segmento da população do Brasil, o fato de não ter o caderno infantil no jornal, não vai mudar em nada a vida dessas pessoas. O ponto de desenvolvimento central é a atividade em que a criança participa. Eu estou meio que discordando disso do tempo da criança, porque quando eu falo da atividade que a criança participa, lógico que eu estou falando de uma criança que tem suas determinações, mas eu estou falando ao mesmo tempo de uma criança agindo no mundo com as pessoas. Então, isso muda essa ideia de que tem o tempo da criança e aquele desenvolver vai acontecer de qualquer forma. Na verdade, é um tempo da sociedade. E, no caso do seu estudo, como é o tempo da sociedade e nossa sociedade é de classes, o acesso aos conteúdos são muito diferenciados.

Qual a importância da leitura na infância?

É fundamental, porque nós vivemos em uma sociedade letrada. A apropriação dessa capacidade de leitura vai ampliar os horizontes de mundo para a criança e isso é aquilo que eu falei: a criança entrando em uma atividade de pessoas adultas, vai sendo colocado para ela desafios para que ela leia, e a medida que ela lê e lê bem, isso abre uma perspectiva incrível e aumenta a capacidade psíquica dela. Porque a leitura e a escrita têm a ver com memorização, com capacidade de apreensão do mundo para além dos sentidos. Então, a leitura acaba sendo fundamental na sociedade em que a gente vive. Leitura é liberdade, se formos ver. Não ensinar uma criança a ler, não inserir a criança nesse processo em que a leitura vai, de fato, se concretizar no corpo dela, é limitar a liberdade da criança. O primeiro aspecto da leitura é a necessidade da leitura, então a vinculação da leitura, feita pelos pais quando a criança ainda não está alfabetizada, é fundamental. Na medida em que a criança começa a ler de forma independente, ela precisa de mediação ainda para saber o que está lendo. Ainda agora pensando no contexto da internet. Eu não acho que a leitura pela leitura ou o livro infantil pelo livro infantil seja interessante, tem livro infantil que é interessante, tem livro infantil que não é. Entre os suplementos que você está analisando, deve ter uma parte que é só propaganda. Isso é interessante? Então, é para essa seleção que se precisa da mediação do adulto, pois o adulto precisa saber quais influências estão em contato com esse ser humano que se está sendo formado.

A literatura infantil não tem compromisso com os acontecimentos do dia a dia, algo que é responsabilidade do jornalismo. Você acredita ser importante para a criança ter contato com informações atuais do mundo em que ela vive?

Sim, eu acho que é fundamental. Não adianta querer isolar a criança do mundo. A criança tem que saber de que mundo ela está participando e de uma forma indireta a literatura também faz isso. De uma forma mais fantasiosa você traz contradições do mundo. Tem um livro que eu sempre lembro que é o *Tudo bem ser diferente* do Todd Parr. Por que o autor está dizendo que não tem problema ser diferente? Porque, na realidade, existe diferença quando algo ou alguém não está dentro do padrão esperado. Então, o livro está trazendo um tema da realidade, trabalhando de uma forma lúdica, porque a criança vai entender essa linguagem. Trazer conteúdo da realidade para a criança entender as contradições do seu tempo, dentro do que ela pode compreender, isso é algo fundamental. O problema é o jornal trazer a realidade, por

causa da ideologia, da distorção intencional, do posicionamento político. Tudo isso vai ter uma determinação no desenvolvimento humano, mas isso já é outra questão.

A linguagem verbal e a não-verbal precisam trabalhar juntas para que a comunicação com a criança seja mais atraente? Um texto sem imagem é algo muito chato para uma criança?

Não, pode ser um texto sem imagem e não ser chato. Agora vai depender de onde está a criança. Porque se a criança já tiver uma capacidade de leitura desenvolvida, na própria linguagem escrita ela constrói a imagem. Agora, se ela estiver lendo mecanicamente, ela não constrói a imagem. Então, vai depender desse conteúdo produzido e do nível de leitura da criança. Mas é evidente que em determinado momento do desenvolvimento a imagem é fundamental para cativar a criança. Porém, assim, as imagens interessantes não são aquelas que reproduzem o texto, são aquelas que comunicam e se articulam com o texto, que desafiam a criança. Sempre me lembro de uma ilustração do Ziraldo que se chama *O Planeta Lilás*, nela tem um personagem que é tão pequeno que ele não é desenhado, só tem uma seta indicando que ele está ali. É uma ilustração genial porque o ilustrador dá uma direção para a criança, mas, no fim, cada uma vai imaginar por si só como é esse personagem. O desenho tem que ser algo que estimula a criança, não pode ser uma simplificação absurda que só o desenho já basta. O desenho é importante e um bom texto produz imagem.

Muitas vezes na hora de elaborar uma linguagem infantil apela-se para o diminutivo, como se essa função por si só já desse conta de conversar com a criança. Você consegue identificar como deveria ser essa construção da linguagem?

Isso não é muito simples, mas eu concordo com você plenamente, existe uma espécie de idiotização da criança. Acha-se que pelo fato da criança ser criança ela não entende as coisas, daí é preciso falar tudo no “inho”. Então, não dá para empobrecer a linguagem até o ponto em que ela fique no nível da criança. O trabalho do adulto, na verdade, é colocar desafios para as crianças para que ela desenvolva a linguagem em um nível mais elaborado. Eu entendo que uma produção literária para a criança tem que ter uma linguagem acessível, mas é preciso que apresente desafio. Tem que ter elaboração. Por exemplo, se você pega uma literatura infantil e ela é boa, eu, que sou adulto, gosto.

Nos suplementos infantis, tem um espaço específico para se indicar livros. Você acha esse recurso interessante?

Eu não vejo problema nenhum em indicar livro. Mas se esse conteúdo vai ser benéfico ou não para a criança, vai depender do livro e isso cabe, primeiro, ao jornalista da coluna e, depois, ao pai ser o mediador. O que está por trás disso tudo é a visão de ser humano, não é questão de certo ou de errado, mas a questão é: que tipo de ser humano está se querendo produzir? Você está querendo produzir um ser humano medroso? Então tem um tipo de leitura que amedronta a criança. Você está querendo produzir um ser destemido de riscos, mas que também tenha curiosidade? Então, é outro tipo de leitura. O que tem por trás disso tudo é a visão de que ser humano você quer formar. Você quer formar um ser humano passivo? Acrítico? Submisso? Ninguém vai falar que quer. O jornalista, se ele está indicando, ele é um crítico, então, tem que ter reponsabilidade com isso. Entendo que muitas vezes não deve dar tempo de fazer isso nas redações, mas imagina um livro indicado por você com uma visão de mundo que você não concorda. Isso deve acontecer muito por causa das dinâmicas das redações que estão cada vez mais enxutas, mas a aceleração da produção é igual a produção da alienação. Por mais que a pessoa tenha estudado na faculdade, depois que ela entrou ali naquele sistema, é difícil ela se contrapor a dinâmica local. Agora, o resultado é cruel, porque hegemonicamente tem mais livros e mais produção que produza a pessoa passiva e acrítica do que uma ativa e crítica. Então, o papel do jornalista é importantíssimo.

Os poemas são muito utilizados com as crianças por conta do seu ritmo e, aparente, leveza. Eles são um gênero textual indicado para a criança?

As crianças gostam de poemas, mas quando estamos falando de uma linguagem poética, a própria ideia de poesia é mais ou menos assim: decifra-me. Então, assim, estamos falando de um nível de elaboração e de vinculação com a língua muito mais desenvolvido. Tem poemas interessantes para crianças que brincam com a sonoridade das palavras. Mas é fundamental que os poemas tenham mediação dos adultos, para ler junto e conversar. Porque senão a criança vai ler aquilo, não vai fazer sentido e ela não vai absorver nada. Porque o poema pressupõe o desafio e, a princípio, isso é uma coisa boa para a criança, pois ele pode ser elaborado de uma forma que a desafie a interpretar as palavras, pois brinca com as palavras e os seus sentidos – o que é um nível de elaboração importantíssimo.

É importante a criança ter contato com um conteúdo periódico?

Sim, pois a frequência faz com que a criança entre na lógica daquele conteúdo. Acontece com a criança o mesmo que ocorre comigo nas poesias. Eu, por exemplo, gosto do Manoel de Barros, então leio a primeira, a segunda, a terceira. Se você começa a ler bastante o autor você vai entrando no universo dele, então, passa a entender o que ele quer dizer, porque é como se o autor montasse um repertório dele, subvertendo a linguagem clássica.

Existe diferença entre um conteúdo classificado como infantil ou e um classificado como adulto?

Têm autores de literatura que diz que literatura é literatura, não tem isso de infantil. Se for boa, é literatura. Então, assim, não se pode negar que exista uma produção destinada para as crianças e que se ela é muito boa, ela comunica com todo mundo, porque ela coloca contradições no ser humano. No caso do jornalismo, ele pode ser feito pela criança com a mediação de um adulto, mas isso seria o jornalismo fazendo parte do processo de formação da criança. Pois a criança não tem condição de fazer jornalismo, impossível. Igual às pessoas que pegam o desenho da criança e falam que é artístico, não, não é arte. Os adultos que veem poesia naquilo que a criança faz, não é a criança que pensa em uma metáfora. É que a criança liga o fantástico e o real de uma forma espontânea, então, ela não sabe a diferença de um e de outro e forma combinações, mas quem acha isso bonito ou não é o adulto.

APÊNDICE H – Classificação dos dados da *Folhinha*

Análise: edição de 12 de março de 2016

Quadro 14 – Código linguístico da capa da primeira edição analisada da *Folhinha*

Capa: código linguístico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Crédito	Sim	Texto: Mateus Luiz de Souza de São Paulo. Foto: Marcus Leoni/ Folhapress.
Intertítulo	Não	
Legenda	Sim	<i>Lucas Molina Ferreira, 9, voltou para o colégio público após um ano no particular.</i>
Linha-fina	Sim	<i>Crise econômica faz crescer número de crianças que trocam de colégio.</i>
Texto	Sim	6 parágrafos (o menor com 4 linhas e o maior com 11), distribuídos verticalmente na última coluna do grid.
Título	Sim	<i>Mudei de escola e agora?.</i>
Outros	Não	

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 15 – Código icônico da capa da primeira edição analisada da *Folhinha*

Capa: código icônico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Desenho	Não	
Foto	Sim	Foto de uma criança com uniforme escolar, saltando e com a expressão “e agora?”.
Gráfico	Não	
Ilustração	Não	
Logotipo	Sim	Nome do suplemento em azul com o fundo em roxo, nome do jornal e a data em branco.
Outros	Sim	Título em branco com o fundo em roxo. Acima do nome do autor do texto existe uma linha

		preta contínua que demarca a espessura da coluna.
--	--	---

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 16 – Gêneros da primeira edição analisada da *Folhinha*

Gêneros			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Entretenimento	Sim	2	1 quadrinho do Armandinho.
		2	1 desenho do Pedro Coelho.
		4	1 quadrinho do Laerte.
		4	1 quadrinho do Adão.
Jornalismo	Sim	1	Reportagem de capa (informativa).
		2	Coluna <i>Quebra-cabeça</i> (opinativa).
		2	Coluna <i>Ideias</i> (opinativa).
		3	Reportagem de capa (informativa).
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> de indicação de leitura (informativa).
Propaganda	Sim	3	Propaganda infantil.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 17 – Temáticas da primeira edição analisada da *Folhinha*

Temáticas			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Ciência	Sim	4	Livro <i>Na barriga da mamãe</i> de Júlia Rosenberg, indicação da vitrine <i>Cirando do livro</i> .
Comportamento	Sim	2	<i>É normal ser diferente?</i> , título da coluna <i>Quebra-Cabeça</i> por Rosely Sayão.
Cultura	Sim	2	<i>Dicas para jogar „Minecraft“</i> , título da coluna <i>Ideias</i> por Leonardo Bueno de Paula, 8 anos.

		4	Livro <i>Charlie Brown e sua turma</i> de Charles M. Schilz, indicação da vitrine <i>Cirando do livro</i> .
Drogas	Não		
Economia	Sim	1	Reportagem de capa.
		3	<i>Novo Rumo</i> , título da reportagem com o mesmo tema da capa.
Educação	Não		
Esporte	Não		
Meio ambiente	Não		
Religião	Não		
Violência	Não		
Saúde	Não		
Outros	Não		

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 18 – Fontes da primeira edição analisada da *Folhinha*

Fontes			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Criança	Sim	1	João Roig, 11 anos.
		1	Lucas Ferreira, 9 anos.
		3	Carmen Diana, 6 anos.
		3	Lucas Ferreira, 9 anos.
		3	João Mortari, 11 anos.
		3	Pedro Medeiro, 12 anos.
Especialista	Sim	1	Roseli Caldas, psicóloga.
		3	Maria Cecília Zaniboni, psicóloga infantil.
		3	Roseli Caldas, psicóloga da Associação Brasileira de Psicologia Educacional e Escolar.

Órgão oficial	Sim	1	Federação Nacional das Escolas Particulares.
Pais	Não		
Pesquisa	Não		
Outras	Não		

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 19 – Foco Noticioso da primeira edição analisada da *Folhinha*

Foco Noticioso			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Criança	Sim	1	Reportagem de capa.
		2	Coluna <i>Quebra-Cabeça</i> .
		2	Coluna <i>Ideias</i> .
		3	Reportagem com o mesmo tema da capa.
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> .
Escola	Sim	1	Reportagem de capa.
		2	Coluna <i>Quebra-Cabeça</i> .
		2	Coluna <i>Ideias</i> .
		3	Reportagem com o mesmo tema da capa.
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> .
Pais	Sim	1	Reportagem de capa.
		2	Coluna <i>Quebra-Cabeça</i> .
		2	Coluna <i>Ideias</i> .
		3	Reportagem com o mesmo tema da capa.
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> .

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

APÊNDICE I – Classificação dos dados da *Folhinha*

Análise: edição de 19 de março de 2016

Quadro 20 – Código linguístico da capa da segunda edição analisada da *Folhinha*

Capa: código linguístico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Crédito	Sim	Texto: Bruno Molinero de São Paulo. Fotos: Divulgação.
Intertítulo	Não	
Legenda	Sim	Da esquerda para a direita: <i>Animazoo Kids/ Turminha da natureza/ Mundo Bitá/ Bob Zoom</i> .
Linha-fina	Sim	<i>Com bilhões de acessos em vídeos na internet, Galinha Pintadinha gera „filhotes“.</i>
Texto	Sim	10 parágrafos (o menor com 5 linhas e o maior com 9), distribuídos horizontalmente em 5 colunas na parte inferior do grid.
Título	Sim	<i>Cheia de pintinhos.</i>
Outros	Não	

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 21 – Código icônico da capa da segunda edição analisada da *Folhinha*

Capa: código icônico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Desenho	Sim	5 ilustrações de desenhos animados (1 do Anima Kid, 1 da Turminha da natureza, 1 do Mundo Bitá, 1 do Bob Zoom e 1 da Galinha Pintadinha).
Foto	Não	
Gráfico	Não	
Ilustração	Não	
Logotipo	Sim	Nome do suplemento em branco com o fundo em vermelho, nome do jornal e a data em branco.

Outros	Sim	Título em branco com o fundo em vermelho. Acima do nome do autor do texto existe uma linha preta contínua que demarca a espessura da coluna. contínua.
--------	-----	---

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 22 – Gêneros da segunda edição analisada da *Folhinha*

Gêneros			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Entretenimento	Sim	2	1 quadrinho do Armandinho.
		2	1 desenho do Pedro Coelho.
		4	1 quadrinho do Laerte.
		4	1 quadrinho do Adão.
Jornalismo	Sim	1	Reportagem de capa (informativa).
		2	Coluna <i>Quebra-cabeça</i> (opinativa).
		2	Coluna <i>Ideias</i> (opinativa).
		3	Reportagem de capa (informativa).
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> de indicação de leitura (informativa).
Propaganda	Sim	3	Propaganda infantil.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 23 – Temáticas da segunda edição analisada da *Folhinha*

Temáticas			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Ciência	Sim	4	Livros <i>Sobreviventes</i> , <i>O que está te devorando?</i> e <i>Do tamanho certo</i> de Nicola Davies, indicação da vitrine <i>Cirando do livro</i> .
Comportamento	Sim	1	Reportagem de capa.

		2	<i>Seus pais exageram nos carinhos?</i> , título da coluna <i>Quebra-Cabeça</i> por Rosely Sayão.
		3	<i>Seleção virtual</i> , título da reportagem com o mesmo tema da capa.
		4	Livro <i>Tudo Muda</i> de Anthony Browne, indicação da vitrine <i>Cirando do livro</i> .
Cultura	Sim	2	„ <i>O Senhor dos Anãs</i> ” é um dos filmes <i>mais legais</i> , título da coluna <i>Ideias</i> por Leonardo Bueno de Paula, 8 anos.
Drogas	Não		
Economia	Não		
Educação	Não		
Esporte	Não		
Jogos	Não		
Meio ambiente	Não		
Religião	Não		
Violência	Não		
Saúde	Não		
Outros	Não		

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 24 – Fontes da segunda edição analisada da *Folhinha*

Fontes			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Criança	Sim	1	Luana Mucci, idade não apresentada.
Especialista	Sim	1	Luciana Corrêa, coordenadora do Media Lab da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).
		1	João Souza, do canal do Mundo Bitá
		1	Miguel Moreira, gerente da empresa que

		cuida da Galinha Pintadinha.
Órgão oficial	Não	
Pais	Não	
Pesquisa	Sim	Levantamento da ESPM Media Lab (2015) sobre o comportamento infantil no Youtube.
Outras	Não	

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 25 – Foco Noticioso da segunda edição analisada da *Folhinha*

Foco Noticioso			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Criança	Sim	1	Reportagem de capa.
		2	Coluna <i>Quebra-Cabeça</i> .
		2	Coluna <i>Ideias</i> .
		3	Reportagem com o mesmo tema da capa.
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> .
Escola	Sim	1	Reportagem de capa.
		2	Coluna <i>Quebra-Cabeça</i> .
		2	Coluna <i>Ideias</i> .
		3	Reportagem com o mesmo tema da capa.
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> .
Pais	Sim	1	Reportagem de capa.
		2	Coluna <i>Quebra-Cabeça</i> .
		2	Coluna <i>Ideias</i> .
		3	Reportagem com o mesmo tema da capa.
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> .

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

APÊNDICE J – Classificação dos dados da *Folhinha*

Análise: edição de 2 de abril de 2016

Quadro 26 – Código linguístico da capa da terceira edição analisada da *Folhinha*

Capa: código linguístico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Crédito	Sim	Texto: Mateus Luiz de Souza de São Paulo. Foto: Moacyr Lopes/ Folhapress.
Intertítulo	Não	
Legenda	Sim	<i>Da esq. Para a dir., Roberta, 9, Mateus, 10, e Nina, 8, que participaram do teste.</i>
Linha-fina	Sim	<i>Você sabe diferenciar alface de couve? Crianças fazem o teste.</i>
Texto	Sim	7 parágrafos (o menor com 4 linhas e o maior com 9), distribuídos verticalmente na última coluna do grid.
Título	Sim	<i>Salada de dúvidas.</i>
Outros	Não	

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 27 – Código icônico da capa da terceira edição analisada da *Folhinha*

Capa: código icônico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Desenho	Não	
Foto	Sim	Foto de três crianças com expressões alegres segurando frutas e legumes.
Gráfico	Não	
Ilustração	Não	
Logotipo	Sim	Nome do suplemento em branco com o fundo em verde, nome do jornal e a data em branco.
Outros	Sim	Título em branco com o fundo em verde. Acima do nome do autor do texto existe uma linha

		preta contínua que demarca a espessura da coluna.
--	--	---

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 28 – Gêneros da terceira edição analisada da *Folhinha*

Gêneros			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Entretenimento	Sim	2	1 quadrinho do Armandinho.
		2	1 desenho do Pedro Coelho.
		4	1 quadrinho do Laerte.
		4	1 quadrinho do Adão.
Jornalismo	Sim	1	Reportagem de capa (informativa).
		2	Coluna <i>Quebra-cabeça</i> (opinativa).
		2	Coluna <i>Ideias</i> (opinativa).
		3	Reportagem de capa (informativa).
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> de indicação de leitura (informativa).
Propaganda	Não		

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 29 – Temáticas da terceira edição analisada da *Folhinha*

Temáticas			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Ciência	Não		
Comportamento	Sim	1	Reportagem de capa.
		2	<i>Você ouviu as mesmas músicas?</i> , título da coluna <i>Quebra-Cabeça</i> por Rosely Sayão.
		3	<i>Aceita um caqui?</i> , título da reportagem com o mesmo tema da capa.

Cultura	Sim	2	<i>Objetos malucos no teatro</i> , título da coluna <i>Ideias</i> por Leonardo Bueno de Paula, 9 anos.
		4	Livro <i>Sorumbática</i> de Eva Furnari, indicação da vitrine <i>Cirando do livro</i> .
		4	Série de livros <i>Minhas Histórias</i> de vários autores (forma como saiu no jornal), indicação da vitrine <i>Cirando do livro</i> .
Drogas	Não		
Economia	Não		
Educação	Não		
Esporte	Não		
Meio ambiente	Não		
Religião	Não		
Violência	Não		
Saúde	Não		
Outros	Não		

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 30 – Fontes da terceira edição analisada da *Folhinha*

Fontes			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Criança	Sim	1	Vitor Salomão, 10 anos.
		1	Lais Machado, 8 anos.
		3	Nina Clara Diniz, 8 anos.
		3	Roberta Farias Mendes, 9 anos.
Especialista	Sim	3	Isa Maria de Gouveia Jorge, doutora em nutrição.
		3	Marcia Wehba Cavichio, pediatra.
		3	Marcela Sansone, nutricionista.

Órgão oficial	Sim	1	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
Pais	Não		
Pesquisa	Não		
Outras	Não		

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 31 – Foco Noticioso da terceira edição analisada da *Folhinha*

Foco Noticioso			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Criança	Sim	1	Reportagem de capa.
		2	Coluna <i>Quebra-Cabeça</i> .
		2	Coluna <i>Ideias</i> .
		3	Reportagem com o mesmo tema da capa.
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> .
Escola	Sim	1	Reportagem de capa.
		2	Coluna <i>Quebra-Cabeça</i> .
		2	Coluna <i>Ideias</i> .
		3	Reportagem com o mesmo tema da capa.
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> .
Pais	Sim	1	Reportagem de capa.
		2	Coluna <i>Quebra-Cabeça</i> .
		2	Coluna <i>Ideias</i> .
		3	Reportagem com o mesmo tema da capa.
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> .

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

APÊNDICE K – Classificação dos dados da *Folhinha*

Análise: edição de 9 de abril de 2016

Quadro 32 – Código linguístico da capa da quarta edição analisada da *Folhinha*

Capa: código linguístico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Crédito	Sim	Texto: Cássio Starling Carlos, crítico da <i>Folha</i> . Foto: Divulgação.
Intertítulo	Não	
Legenda	Sim	<i>Cena de „Mogli– O Menino Lobo”, da Disney.</i>
Linha-fina	Sim	<i>Cheio de computador e ação, novo filme de Mogli mostra importância da natureza e das leis e ainda faz rir.</i>
Texto	Sim	8 parágrafos (o menor com 4 linhas e o maior com 11), distribuídos horizontalmente na parte inferior do grid.
Título	Sim	<i>Vida animal</i>
Outros	Não	

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 33 – Código icônico da capa da quarta edição analisada da *Folhinha*

Capa: código icônico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Desenho	Não	
Foto	Não	
Gráfico	Não	
Ilustração	Sim	Reprodução de uma imagem do filme que, por sua vez, foi graficamente produzida pela computação gráfica.
Logotipo	Sim	Nome do suplemento em branco com o fundo em marrom, nome do jornal e a data em branco.
Outros	Sim	Título em branco com o fundo em marrom. Acima do nome do autor do texto existe uma linha

		preta contínua que demarca a espessura da coluna.
--	--	---

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 34 – Gêneros da quarta edição analisada da *Folhinha*

Gêneros			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Entretenimento	Sim	2	1 quadrinho do Armandinho.
		2	1 desenho do Pedro Coelho.
		4	1 quadrinho do Laerte.
		4	1 quadrinho do Adão.
Jornalismo	Sim	1	Reportagem de capa (informativa).
		2	Coluna <i>Quebra-cabeça</i> (opinativa).
		2	Coluna <i>Ideias</i> (opinativa).
		3	Reportagem de capa (informativa).
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> de indicação de leitura (informativa).
Propaganda	Sim	3	Propaganda infantil.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 35 – Temáticas da quarta edição analisada da *Folhinha*

Temáticas			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Ciência	Não		
Comportamento	Não	2	<i>Quando é hora de tirar férias?</i> , no título da coluna <i>Ideias</i> por Joana Cassel Fernandes, 9 anos.
Cultura	Sim	1	Reportagem de capa.
		3	<i>Somente o necessário</i> , título da reportagem com o mesmo tema da capa.

Drogas	Não		
Economia	Não		
Educação	Sim	4	Série de livros <i>Minimus - Conhecendo o latim</i> de Barbara Bell, indicação da vitrine <i>Ciranda do livro</i> .
		4	Série de livros <i>Para Brincar</i> de Manuel Bandeira, indicação da vitrine <i>Ciranda do livro</i> .
Esporte	Não		
Meio ambiente	Não		
Religião	Não		
Violência	Sim	2	<i>Criança deve trabalhar?</i> , título da coluna <i>Quebra-Cabeça</i> por Rosely Sayão.
Saúde	Não		
Outros	Não		

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 36 – Fontes da quarta edição analisada da *Folhinha*

Fontes			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Criança	Não		
Especialista	Não		
Órgão oficial	Não		
Pais	Não		
Pesquisa	Não		
Outras	Sim	1	Informações de <i>Mogli – O menino lobo</i> .
		3	Informações referentes à história de um menino que vive na selva: <i>Livros da Selva</i> (1894), <i>Mowgli – O menino lobo</i> (1942), <i>Mogli – O menino lobo</i> (1967),

			<i>Maugli</i> (1973), <i>O livro da selva</i> (1994), <i>Mogli 2</i> (2003) e <i>Mogli – O menino lobo</i> (2016).
--	--	--	--

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 37 – Foco Noticioso da quarta edição analisada da *Folhinha*

Foco Noticioso			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Criança	Sim	1	Reportagem de capa.
		2	Coluna <i>Quebra-Cabeça</i> .
		2	Coluna <i>Ideias</i> .
		3	Reportagem com o mesmo tema da capa.
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> .
Escola	Sim	1	Reportagem de capa.
		2	Coluna <i>Quebra-Cabeça</i> .
		2	Coluna <i>Ideias</i> .
		3	Reportagem com o mesmo tema da capa.
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> .
Pais	Sim	1	Reportagem de capa.
		2	Coluna <i>Quebra-Cabeça</i> .
		2	Coluna <i>Ideias</i> .
		3	Reportagem com o mesmo tema da capa.
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> .

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

APÊNDICE L – Classificação dos dados da *Folhinha*

Análise: edição de 16 de abril de 2016

Quadro 38 – Código linguístico da capa da quinta edição analisada da *Folhinha*

Capa: código linguístico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Crédito	Sim	Texto: Carol Oliveira de São Paulo. Foto: Marcus Leoni/ Folhapress.
Intertítulo	Não	
Legenda	Sim	<i>Ana Júlia, 4, espera para se vacinar em São Paulo.</i>
Linha-fina	Sim	<i>Crianças tomam vacina e aprendem a evitar a gripe H1N1, que está deixando muita gente doente</i>
Texto	Sim	6 parágrafos (o menor com linhas e o maior com 11), distribuídos horizontalmente na parte inferior do grid.
Título	Sim	<i>Fim da picada.</i>
Outros	Sim	Chamada da coluna <i>Quebra-cabeça: Rosely Sayão - Todos os dias, tente ter algo marcante para guardar na lembrança, pág.2</i> O lema do suplemento aparece embaixo do logo: <i>Um jornal a serviço da criança.</i>

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 39 – Código icônico da capa da quinta edição analisada da *Folhinha*

Capa: código icônico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Desenho	Não	
Foto	Sim	Foto de uma criança sentada esperando para ser vacinada.
Gráfico	Não	
Ilustração	Não	
Logotipo	Sim	Nome do suplemento em branco com o fundo em roxo,

		nome do jornal e a data em branco.
Outros	Sim	Título em branco com o fundo em roxo. Acima do nome da autora do texto existe uma linha preta contínua que demarca a espessura da coluna.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 40 – Gêneros da quinta edição analisada da *Folhinha*

Gêneros			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Entretenimento	Sim	2	1 quadrinho do Armandinho.
		4	1 quadrinho do Laerte.
		4	1 quadrinho do Adão.
Jornalismo	Sim	1	Reportagem de capa (informativa).
		2	Coluna <i>Quebra-cabeça</i> (opinativa).
		2	Coluna <i>Ideias</i> (opinativa).
		2	Nota de despedida (informativa).
		3	Reportagem de capa (informativa).
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> de indicação de leitura (informativa).
Propaganda	Não		

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 41 – Temáticas da quinta edição analisada da *Folhinha*

Temáticas			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Ciência	Não		
Comportamento	Não		
Cultura	Sim	2	<i>Até mais!</i> , título da coluna <i>Quebra-Cabeça</i> por Rosely Sayão.

		2	Um coelho (de verdade da Páscoa), da coluna <i>Ideias</i> por Joana Cassel Fernandes, 9 anos.
		4	Livro <i>O rei mocho</i> de Ungulani Ba Ka Khosa, indicado na vitrine <i>Cirando do livro</i> .
		4	Livro <i>Sam & Dave cavaram um buraco</i> de Mac Barnett, indicado na vitrine <i>Cirando do livro</i> .
Drogas	Não		
Economia	Não		
Educação	Não		
Esporte	Não		
Meio ambiente	Não		
Religião	Não		
Violência	Não		
Saúde	Sim	1	Reportagem de capa.
		3	<i>Que vírus é isso?</i> , título da reportagem com o mesmo tema da capa.
Outros	Não		

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 42 – Fontes da quinta edição analisada da *Folhinha*

Fontes			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Criança	Sim	1	Pedro Henrique de Jesus, 10 anos.
		1	Marcela Cordeiro, 10 anos.
		1	Letícia Toledo, 12 anos.
		1	José dos Santos, 10 anos.
		1	Ana Rayssa Gregório Lopes, 10 anos.
Especialista	Sim	3	Alexandre Barbosa, professor da

			Faculdade de Medicina da Unesp
		3	Alessandra Cristina Guedes Pellini, do Centro de Vigilância Epidemiológica da Secretaria da Saúde de São Paulo.
Órgão oficial	Sim	1	Ministério da Saúde.
Pais	Não		
Pesquisa	Não		
Outras	Não		

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 43 – Foco Noticioso da quinta edição analisada da *Folhinha*

Foco Noticioso			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Criança	Sim	1	Reportagem de capa.
		2	Coluna <i>Quebra-Cabeça</i> .
		2	Coluna <i>Ideias</i> .
		3	Reportagem com o mesmo tema da capa.
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> .
Escola	Sim	1	Reportagem de capa.
		2	Coluna <i>Quebra-Cabeça</i> .
		2	Coluna <i>Ideias</i> .
		3	Reportagem com o mesmo tema da capa.
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> .
Pais	Sim	1	Reportagem de capa.
		2	Coluna <i>Quebra-Cabeça</i> .
		2	Coluna <i>Ideias</i> .
		3	Reportagem com o mesmo tema da capa.
		4	Vitrine <i>Ciranda do livro</i> .

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

APÊNDICE M – Classificação dos dados do *JC Criança*

Análise: edição de 13 de março de 2016

Quadro 44 – Código linguístico da capa da primeira edição analisada do *JC Criança*

Capa: código linguístico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Crédito	Não	
Intertítulo	Não	
Legenda	Sim	<i>Estátua do poeta Carlos Drummond de Andrade, na praia de Copacabana, no Rio.</i>
Linha-fina	Sim	<i>Amanhã, comemora-se o Dia Nacional da Poesia. Inspire-se em poemas de autores consagrados e faça o seu!</i>
Texto	Não	
Título	Sim	<i>Dia Nacional da Poesia</i>
Outros	Sim	Cabeçalho: <i>Suplemento semanal</i> <i>Bauru, domingo, 13 de março de 2016</i> <i>Ano 23 – Edição 1.166</i> Indicação da página em que se encontra a reportagem de capa: <i>Páginas 7 e 8</i>

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 45 – Código icônico da capa da primeira edição analisada do *JC Criança*

Capa: código icônico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Desenho	Não	
Foto	Sim	Foto da estátua de <i>Carlos Drummond de Andrade</i> .
Gráfico	Não	
Ilustração	Não	
Logotipo	Sim	Nome do suplemento, com o <i>JC</i> em preto e <i>Criança</i> em colorido. Crianças desenhadas brincam nas letras J,

		C, C, I, A, A. No canto superior esquerdo tem o logo do <i>Jornal da Cidade</i> .
Outros	Sim	Uma linha grossa e contínua em escala de cinza demarcando o fim da página.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 46 – Gêneros da primeira edição analisada do *JC Criança*

Gêneros			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Entretenimento	Sim	3	<i>Aniversariantes da semana.</i>
		5	<i>Turma do Barulho.</i>
		8	<i>Turma do Barulho</i> [continuação].
		9	6 quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> .
		9	<i>O que é o que é?</i>
		10	<i>Passatempo</i>
		11	<i>O artista é você</i>
Jornalismo	Sim	12	1 quadrinho do <i>Os Birutinhas</i> .
		2	Notícia do Sesc (informativo).
		2	Vitrine chamada <i>Estante</i> (informativo).
		3	Reportagem curta (informativo).
		6	Reportagem de capa (informativo).
		7	Reportagem de capa [continuação] (informativo).
Propaganda	Sim	9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos referentes à semana de 13 a 19 de março (informativo).
		4	Contato de 32 empresas conveniadas do <i>Clubinho JC Criança</i> .

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 47 – Temáticas da primeira edição analisada do JC Criança

Temáticas			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Ciência	Não		
Comportamento	Sim	2	Livro <i>Ratilda</i> de Elisa Ramón, indicação da vitrine <i>Estante</i> .
Cultura	Sim	2	<i>Hoje é dia de espetáculo infantil e atividade circense?</i> , notícia do Sesc.
		2	Livro <i>Contos e lendas afro-brasileiros</i> de Reginaldo Prandi, indicação da vitrine <i>Estante</i> .
		2	Livro <i>50 contos de Machado de Assis</i> de Machado de Assis, indicação da vitrine <i>Estante</i> .
		3	<i>Faça bombons para a Páscoa</i> , reportagem curta.
		6	<i>Celebre a poesia!</i> , reportagem de capa.
		7	<i>Celebre a poesia!</i> , reportagem de capa [continuação].
		9	Nota com datas comemorativas, <i>Dia D</i> .
Drogas	Não		
Economia	Não		
Educação	Não		
Esporte	Não		
Meio ambiente	Não		
Religião	Não		
Violência	Não		
Saúde	Não		
Outros	Não		

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 48 – Temáticas da primeira edição analisada do *JC Criança*

Fontes		
Categoria	Apresenta?	Observações
Criança	Não	
Especialista	Não	
Órgão oficial	Não	
Pais	Não	
Pesquisa	Não	
Outras	Não	

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 49 – Foco Noticioso da primeira edição analisada do *JC Criança*

Foco Noticioso			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Criança	Sim	2	Vitrine chamada <i>Estante</i> .
		3	Reportagem curta.
		6	Reportagem de capa.
		7	Reportagem de capa (continuação).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos.
Escola	Sim	2	Notícia do Sesc.
		2	Vitrine chamada <i>Estante</i> .
		3	Reportagem curta.
		6	Reportagem de capa.
		7	Reportagem de capa (continuação).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos.
Pais	Sim	2	Notícia do Sesc.
		2	Vitrine chamada <i>Estante</i> .
		3	Reportagem curta.
		6	Reportagem de capa.
		7	Reportagem de capa (continuação).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

APÊNDICE N – Classificação dos dados do *JC Criança*

Análise: edição de 20 de março de 2016

Quadro 50 – Código linguístico da capa da segunda edição analisada do *JC Criança*

Capa: código linguístico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Crédito	Não	
Intertítulo	Não	
Legenda	Não	
Linha-fina	Sim	<i>De uns anos para cá, a festa tem sido questionada por alguns pais e alunos: por que tratar uma celebração religiosa em ambiente escolar, já que o Estado brasileiro é oficialmente laico? “Não podemos ignorar os fenômenos culturais de nosso país”, responde Vânia Barone Monteiro</i>
Texto	Não	
Título	Sim	<i>Páscoa na escola</i>
Outros	Sim	Cabeçalho: <i>Suplemento semanal</i> <i>Bauru, domingo, 20 de março de 2016</i> <i>Ano 23 – Edição 1.167</i> Indicação da página em que se encontra a reportagem de capa: <i>Páginas 6 e 7</i>

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 51 – Código icônico da capa da segunda edição analisada do *JC Criança*

Capa: código icônico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Desenho	Não	
Foto	Sim	Foto montagem com dois ovos e um coelho de Páscoa.
Gráfico	Não	

Ilustração	Não	
Logotipo	Sim	Nome do suplemento, com o <i>JC</i> em preto e <i>Criança</i> em colorido. Crianças desenhadas brincam nas letras J, C, C, I, A, A. No canto superior esquerdo tem o logo do <i>JC</i> .
Outros	Sim	Uma linha grossa e contínua em escala de cinza demarcando o fim da página.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 52 – Gêneros da segunda edição analisada do *JC Criança*

Gêneros			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Entretenimento	Sim	3	<i>Aniversariantes da semana.</i>
		5	<i>Turma do Barulho.</i>
		8	<i>Turma do Barulho</i> [continuação].
		9	6 quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> .
		9	<i>O que é o que é?</i>
		10	<i>Passatempo</i>
		11	<i>O artista é você</i>
		12	1 quadrinho do <i>SuperDudu</i> .
Jornalismo	Sim	2	Notícia do Sesc (informativo).
		2	Vitrine chamada <i>Estante</i> (informativo).
		3	Reportagem curta (informativo).
		6	Reportagem de capa (informativo).
		7	Reportagem de capa [continuação] (informativo).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias referentes à semana de 20 a 26/03 (informativo).
Propaganda	Sim	4	Contato de 32 empresas conveniadas do <i>Clubinho JC Criança</i> .

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 53 – Temáticas da segunda edição analisada do JC Criança

Temáticas			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Ciência	Não		
Comportamento	Sim	2	Livro <i>Grunter, a história de um porco insuportável</i> de Mike Jolley, indicação da vitrine <i>Estante</i> .
		2	Livro <i>Bililico</i> de Eva Funari, indicação da vitrine <i>Estante</i> .
		2	Livro <i>Flicts</i> de Ziraldo, indicação da vitrine <i>Estante</i> .
Cultura	Sim	2	<i>Hoje tem atividade em dose dupla</i> , notícia do Sesc.
		6	<i>Por que comemorar a Páscoa na escola?</i> , reportagem de capa.
		7	<i>Por que comemorar a Páscoa na escola?</i> , reportagem de capa [continuação].
		9	Nota com datas comemorativas, <i>Dia D</i> .
Drogas	Não		
Economia	Não		
Educação	Não		
Esporte	Não		
Meio ambiente	Não		
Religião	Não		
Violência	Não		
Saúde	Sim	3	<i>Você sabe o que não pode faltar na sua lancheira?</i> , reportagem curta.
Outros	Não		

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 54 – Fontes da segunda edição analisada do *JC Criança*

Fontes			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo
Criança	Não		
Especialista	Sim	3	Fabiane Higo, professora do curso de Nutrição da Universidade Anhanguera de São Paulo, unidade Santo André.
		6	Vânia Barone Monteiro, coordenadora do colégio Dante Alighieri.
		6	Maria Silva Brum Pimenta, diretora pedagógica.
		7	Simone Alcântara A. A. Faria, assessora de formação cristã do Ensino Fundamental I do colégio São Luís, em São Paulo.
		8	Renan Nascimento, professor.
Órgão oficial	Não		
Pais	Não		
Pesquisa	Não		
Outras	Não		

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 55 – Foco Noticioso segunda edição analisada do *JC Criança*

Foco Noticioso			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Criança	Sim	2	Vitrine chamada <i>Estante</i> .
		3	Reportagem curta.
		6	Reportagem de capa.
		7	Reportagem de capa (continuação).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos.

Escola	Sim	2	Notícia do Sesc.
		2	Vitrine chamada <i>Estante</i> .
		3	Reportagem curta.
		6	Reportagem de capa.
		7	Reportagem de capa (continuação).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos.
Pais	Sim	2	Notícia do Sesc.
		2	Vitrine chamada <i>Estante</i> .
		3	Reportagem curta.
		6	Reportagem de capa.
		7	Reportagem de capa (continuação).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

APÊNDICE O – Classificação dos dados do *JC Criança*

Análise: edição de 03 de abril de 2016

Quadro 55 – Código linguístico da capa da terceira edição analisada do *JC Criança*

Capa: código linguístico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Crédito	Não	
Intertítulo	Não	
Legenda	Não	
Linha-fina	Sim	<i>Tudo no planeta é interligado. Todos nós dependemos de ambientes naturais saudáveis para sobreviver</i>
Texto	Não	
Título	Sim	<i>Cuide da natureza</i>
Outros	Sim	Cabeçalho: <i>Suplemento semanal</i> <i>Bauru, domingo, 03 de abril de 2016</i> <i>Ano 23 – Edição 1.169</i> Indicação da página em que se encontra a reportagem de capa: <i>Páginas 6 e 7</i>

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 56 – Código icônico da capa da terceira edição analisada do *JC Criança*

Capa: código icônico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Desenho	Não	
Foto	Sim	Foto de uma criança ao ar livre segurando um dente de leão.
Gráfico	Não	
Ilustração	Não	
Logotipo	Sim	Nome do suplemento, com o <i>JC</i> em preto e <i>Criança</i> em colorido. Crianças desenhadas brincam nas letras J,

		C, C, I, A, A. No canto superior esquerdo tem o logo do <i>Jornal da Cidade</i> .
Outros	Sim	Uma linha grossa e contínua em escala de cinza demarcando o fim da página.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 57 – Gêneros da terceira edição analisada do JC Criança

Gêneros			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Entretenimento	Sim	3	<i>Aniversariantes da semana.</i>
		5	<i>Turma do Barulho.</i>
		8	<i>Turma do Barulho</i> [continuação].
		9	6 quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> .
		9	<i>O que é o que é?</i>
		10	<i>Passatempo</i>
		11	<i>O artista é você</i>
		12	1 quadrinho do <i>Os Birutas</i> .
Jornalismo	Sim	2	Notícia do Sesc (informativo).
		2	Vitrine chamada <i>Estante</i> (informativo).
		3	Reportagem curta (informativo).
		6	Reportagem de capa (informativo).
		7	Reportagem de capa [continuação] (informativo).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos referentes à semana de 3 a 9 de abril (informativo).
Propaganda	Sim	4	Contato de 31 empresas conveniadas do <i>Clubinho JC Criança</i> .

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 58 – Temáticas da terceira edição analisada do JC Criança

Temáticas			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Ciência	Não		
Comportamento	Sim	2	Livro <i>A chave do tamanho</i> de Monteiro Lobato, indicação da vitrine <i>Estante</i> .
Cultura	Sim	2	<i>Hoje tem „O poeta e o camundongo”</i> , notícia do Sesc.
		2	Livro <i>Pluft, o fantasminha</i> de Maria Clara Machado, indicação da vitrine <i>Estante</i> .
		2	Livro <i>Doze reis e a moço no labirinto do vento</i> de Marina Colasanti, indicação da vitrine <i>Estante</i> .
		9	Nota com datas comemorativas, <i>Dia D</i> .
Drogas	Não		
Economia	Não		
Educação	Não		
Esporte	Sim	3	<i>Caia na piscina!</i> , reportagem curta.
Meio ambiente	Sim	6	<i>Trabalhe em prol do planeta</i> , reportagem de capa.
		7	<i>Trabalhe em prol do planeta</i> , reportagem de capa [continuação].
Religião	Não		
Violência	Não		
Saúde	Não		
Outros	Não		

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 59 – Fontes da terceira edição analisada do JC Criança

Fontes		
Categoria	Apresenta?	Observações
Criança	Não	
Especialista	Não	
Órgão oficial	Não	
Pais	Não	
Pesquisa	Não	
Outras	Não	

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 60 – Foco Noticioso da terceira edição analisada do JC Criança

Foco Noticioso			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Criança	Sim	2	Vitrine chamada <i>Estante</i> .
		3	Reportagem curta.
		6	Reportagem de capa.
		7	Reportagem de capa (continuação).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos.
Escola	Sim	2	Notícia do Sesc.
		2	Vitrine chamada <i>Estante</i> .
		3	Reportagem curta.
		6	Reportagem de capa.
		7	Reportagem de capa (continuação).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos.
Pais	Sim	2	Notícia do Sesc.
		2	Vitrine chamada <i>Estante</i> .
		3	Reportagem curta.
		6	Reportagem de capa.
		7	Reportagem de capa (continuação).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

APÊNDICE P – Classificação dos dados do *JC Criança*

Análise: edição de 10 de abril de 2016

Quadro 61 – Código linguístico da capa da quarta edição analisada do *JC Criança*

Capa: código linguístico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Crédito	Não	
Intertítulo	Não	
Legenda	Não	
Linha-fina	Sim	<i>Aulas ajudam a desenvolver a criatividade, expressividade e trabalho em grupo</i>
Texto	Não	
Título	Sim	<i>Faça teatro!</i>
Outros	Sim	Cabeçalho: <i>Suplemento semanal</i> <i>Bauru, domingo, 10 de abril de 2016</i> <i>Ano 23 – Edição 1.170</i> Indicação da página em que se encontra a reportagem de capa: <i>Páginas 6 e 7</i>

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 62 – Código icônico da capa da quarta edição analisada do *JC Criança*

Capa: código icônico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Desenho	Não	
Foto	Não	
Gráfico	Não	
Ilustração	Sim	Imagem do palco de um teatro.
Logotipo	Sim	Nome do suplemento, com o <i>JC</i> em preto e <i>Criança</i> em colorido. Crianças desenhadas brincam nas letras J, C, C, I, A, A.

		No canto superior esquerdo tem o logo do <i>Jornal da Cidade</i> .
Outros	Sim	Uma linha grossa e contínua em escala de cinza demarcando o fim da página.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 63 – Gêneros da quarta edição analisada do JC Criança

Gêneros			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Entretenimento	Sim	3	<i>Aniversariantes da semana.</i>
		5	<i>Turma do Barulho.</i>
		8	<i>Turma do Barulho</i> [continuação].
		9	6 quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> .
		9	<i>O que é o que é?</i>
		10	<i>Passatempo</i>
		11	<i>O artista é você</i>
		12	1 quadrinho do <i>Os Birutirinhas</i> .
Jornalismo	Sim	2	Notícia do Sesc (informativo).
		2	Vitrine chamada <i>Estante</i> (informativo).
		3	Reportagem curta (informativo).
		6	Reportagem de capa (informativo).
		7	Reportagem de capa [continuação] (informativo).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos da semana de 10 a 16/04 (informativo).
Propaganda	Sim	4	Contato de 31 empresas conveniadas do <i>Clubinho JC Criança</i> .

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 64 – Temáticas da quarta edição analisada do *JC Criança*

Temáticas			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Ciência	Não		
Comportamento	Sim	2	Livro <i>Grunter, a história de um porco insuportável</i> de Mike Jolley, indicação da vitrine <i>Estante</i> .
		2	Livro <i>Onde está a mamãe?</i> de Teresinha Casasanta, indicação da vitrine <i>Estante</i> .
Cultura	Sim	2	<i>Hoje tem „Era uma era“</i> , notícia do Sesc.
		3	<i>Dia do hino nacional</i> , reportagem curta.
		6	<i>Teatro: um aliado da infância</i> , reportagem de capa.
		7	<i>Teatro: um aliado da infância</i> , reportagem de capa [continuação].
		9	Nota com datas comemorativas, <i>Dia D</i> .
Drogas	Não		
Economia	Não		
Educação	Sim	2	Livro <i>Fora da gaiola</i> de Lalau, indicação da vitrine <i>Estante</i> .
Esporte	Não		
Meio ambiente	Não		
Religião	Não		
Violência	Não		
Saúde	Não		
Outros	Não		

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 65 – Fontes da quarta edição analisada do *JC Criança*

Fontes			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Criança	Não		
Especialista	Não	6	Mariana Camargo, atriz e professora de teatro do Curso Livre de Teatro Paulo Neves, em Bauru.
Órgão oficial	Não		
Pais	Não		
Pesquisa	Não		
Outras	Sim	6	Parâmetros Curriculares Nacionais do MEC.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 66 – Foco Noticioso da quarta edição analisada do JC Criança

Foco Noticioso			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Criança	Sim	2	Vitrine chamada <i>Estante</i> .
		3	Reportagem curta.
		6	Reportagem de capa.
		7	Reportagem de capa (continuação).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos.
Escola	Sim	2	Notícia do Sesc.
		2	Vitrine chamada <i>Estante</i> .
		3	Reportagem curta.
		6	Reportagem de capa.
		7	Reportagem de capa (continuação).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos.
Pais	Sim	2	Notícia do Sesc.
		2	Vitrine chamada <i>Estante</i> .
		3	Reportagem curta.

		6	Reportagem de capa.
		7	Reportagem de capa (continuação).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Análise: edição de 17 de abril de 2016

Quadro 67 – Código linguístico da capa da quinta edição analisada do *JC Criança*

Capa: código linguístico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Crédito	Não	
Intertítulo	Não	
Legenda	Não	
Linha-fina	Sim	<i>Ela tem jeito certo de ser carregada, peso máximo e seu conteúdo deve mudar conforme a aula do dia.</i>
Texto	Não	
Título	Sim	<i>Cuidado com a mochila!</i>
Outros	Sim	Cabeçalho: <i>Suplemento semanal</i> <i>Bauru, domingo, 10 de abril de 2016</i> <i>Ano 23 – Edição 1.171</i> Indicação da página em que se encontra a reportagem de capa: <i>Páginas 6 e 7</i>

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 68 – Código icônico da capa da quinta edição analisada do *JC Criança*

Capa: código icônico		
Categoria	Apresenta?	Conteúdo apresentado
Desenho	Não	
Foto	Sim	Foto de uma mochila com diversos materiais escolares saindo dela.
Gráfico	Não	
Ilustração	Não	
Logotipo	Sim	Nome do suplemento, com o <i>JC</i> em preto e <i>Criança</i> em colorido. Crianças desenhadas brincam nas letras J, C, C, I, A, A.

		No canto superior esquerdo tem o logo do <i>Jornal da Cidade</i> .
Outros	Sim	Uma linha grossa e contínua em escala de cinza demarcando o fim da página.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 70 – Gêneros da quinta edição analisada do JC Criança

Gêneros			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Entretenimento	Sim	3	<i>Aniversariantes da semana.</i>
		5	<i>Turma do Barulho.</i>
		8	<i>Turma do Barulho</i> [continuação].
		9	6 quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> .
		9	<i>O que é o que é?</i>
		10	<i>Passatempo.</i>
		11	<i>O artista é você.</i>
		12	1 quadrinho do <i>Os Birutinhas</i> .
Jornalismo	Sim	2	Notícia do Sesc (informativo).
		2	Vitrine chamada <i>Estante</i> (informativo).
		3	Reportagem curta (informativo).
		6	Reportagem de capa (informativo).
		7	Reportagem de capa [continuação] (informativo).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos referentes à semana de 17 a 23 de abril (informativo).
Propaganda	Sim	4	Contato de 30 empresas conveniadas do <i>Clubinho JC Criança</i> .

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 71 – Temáticas da quinta edição analisada do JC Criança

Temáticas			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Ciência	Não		
Comportamento	Não		
Cultura	Sim	2	<i>Domingo tem muita diversão durante espetáculo infantil</i> , notícia do Sesc.
		3	<i>Amanhã é dia nacional do livro infantil</i> , reportagem curta.
		9	Nota com datas comemorativas, <i>Dia D.</i>
Drogas	Não		
Economia	Não		
Educação	Sim	2	Livro <i>Malala, a menina que quer ir para a escola</i> de Adriana Carranca, indicação da vitrine <i>Estante</i> .
Esporte	Não		
Meio ambiente	Não		
Política	Sim	3	<i>Quem manda aqui? Um livro de política para crianças</i> de Larissa Ribeiro, André Rodrigues, Paula Desgualdo e Pedro Markun, indicação da vitrine <i>Estante</i> .
		3	<i>Ensinando política a crianças e adultos</i> de Rubem Alves, indicação da vitrine <i>Estante</i> .
Religião	Não		
Violência	Não		
Saúde	Sim	6	<i>Cuidado com a mochila escolar</i> , reportagem de capa.
		7	<i>Cuidado com a mochila escolar</i> , reportagem de capa [continuação].
Outros	Não		

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 72 – Fontes da quinta edição analisada do JC Criança

Fontes			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo Observado
Criança	Não		
Especialista	Não	6	André Pedrinelli, ortopedista da USP.
		6	Marta Campos, coordenadora de escola.
		6	Claudio Santili, professor da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.
Órgão oficial	Não		
Pais	Não		
Pesquisa	Sim		
Outras	Não		

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Quadro 73 – Foco Noticioso da quinta edição analisada do *JC Criança*

Foco Noticioso			
Categoria	Apresenta?	Observações	
		Página	Conteúdo apresentado
Criança	Sim	2	Vitrine chamada <i>Estante</i> .
		3	Reportagem curta.
		6	Reportagem de capa.
		7	Reportagem de capa (continuação).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos.
Escola	Sim	2	Notícia do Sesc.
		2	Vitrine chamada <i>Estante</i> .
		3	Reportagem curta.
		6	Reportagem de capa.
		7	Reportagem de capa (continuação).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos.
Pais	Sim	2	Notícia do Sesc.
		2	Vitrine chamada <i>Estante</i> .

		3	Reportagem curta.
		6	Reportagem de capa.
		7	Reportagem de capa (continuação).
		9	<i>Dia D</i> , nota com dias comemorativos.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2017).

Edição de 12 de março de 2016				
Gênero	Título e linha fina	Repórter/ autor do texto	Palavras- chaves	Observações
Reportagem	Mudei de escola e agora? - Crise econômica faz crescer número de crianças que trocam de colégio	Mateus Luiz de Souza (repórter adulto)	Mudar; mensalidade; colégio; escola particular; crise econômica; adaptar.	Por ser capa, 1/5 do grid é texto e 4/5 é ocupado por imagem. Em capas, pressupõe-se que imagens são mais atrativas.
Coluna Quebra- Cabeça	É normal ser diferente? - A coluna não conta com linha fina. O recurso gráfico utilizado é o olho: Cada pessoa tem um jeito particular - e é isso que nos torna únicos	Rosely Sayão	Diferenças; aparência; jeito; único; particular; respeitar.	A autora usa um discurso que é comum de se ouvir no mundo dos adultos, colocando a criança como personagem central “cada criança é única”.
Coluna Armandinho (tirinha)	Não tem	Alexandre Beck (artista que assina Armandinho)	Parecidos; nada a ver; “manja” (no sentido de não entender nada sobre o assunto).	A tirinha ilustra o discurso defendido no texto de Rosely Sayão, com a ideia de que até quem é aparentemente parecido, é diferente (no caso da tirinha, pelas habilidades, já que o Theo gosta de música enquanto seu gêmeo Marcos gosta de engenharia).
Coluna Ideias... Do	Dicas para jogar	Leonardo Bueno de	Minecraft; game; possibilidades	O texto começa com “Olá, leitores!”, deixando a dúvida: crianças de 8 oito anos estão

Leonardo	„Minecraft“	Paula, 8 anos (descrito como colunista da Folha)	criativas; construir; modos; jogo.	alfabetizadas a ponto de saber que se utiliza vocativo entre vírgulas? A quinta coluna da editoria é ocupada por um desenho, de Pedro Coelho.
Reportagem	Novo rumo - Veja como as crianças estão se adaptando à vida nas novas escolas	Não assinado (supõem-se ser o autor do texto de capa, já que é o mesmo assunto)	Mudança; escola; dúvidas; novas amizades.	A imagem (de autoria de Eduardo Anizelli/ Folhapress) ocupa 4 de 5 colunas no comprimento, e metade da página na largura. Utiliza-se adultos e crianças como fontes. Os adultos são os especialistas e as crianças as personas da reportagem.
Propaganda na parte inferior da página do musical <i>Turma da Mônica – O Show</i> .				
Quadrinho 1	-	Laerte Coutinho, que assina como Laerte	O quadrinho é não verbal.	Dividido em 6 quadrinhos, 3 personagens estavam caminhando e se deparam com um nó. Dois personagens passam pelo nó (que pode ser considerado como um obstáculo), enquanto o terceiro desvia do nó, chega ao outro lado da estrada mais rapidamente e fica a observar e esperar os outros dois.
Quadrinho 2	-	Adão Iturrusgarai, que assina como Adão	Gato; esquisito; veterinário.	No primeiro quadrinho, duas personagens discutem sobre o comportamento inusitado do gato. No segundo, percebe-se que o gato está mexendo (de forma que parece consciente) em uma armadilha que foi feita para prender algo (provavelmente ele) embaixo de uma caixa de papelão.
Seção Ciranda do	Introdução à turma	Bruno Molinero, que também assina como	Charlie Brown; personagem; tirinha; almanaque;	Esta seção é uma indicação de livros, na qual contém uma breve descrição da obra, uma imagem de cada um

Livro Dicas para crianças, pais, professores etc.		BM (repórter adulto)	“crista da onda” (no sentido de no auge da fama); filme.	(creditadas como “Divulgação”), autor (a), editora, preço e idade indicada para leitura.
	Nossa primeira casa		Barriga; bebê; ventre; cordão; gestação	Quanto a diagramação, é interessante notar que o grid, até então dividido em 5 colunas passa a ser dividido em 4.

Edição de 19 de março de 2016				
Gênero	Título e linha fina	Repórter/ autor do texto	Palavras- chaves	Observações
Reportagem	Cheia de pintinhos - Com bilhões de acessos em vídeos na internet, Galinha Pintadinha gera „filhotes”	Bruno Molinero	Galinha; desenhos; músicas; cantigas; canais; personagens.	O repórter toma o cuidado de não usar o nome Galinha Pintadinha (o que poderia soar como propaganda). Apesar de se referir a ela inúmeras vezes, ele utilizou palavras como “penosa” e “ave mãe”. O “pintinhos” utilizado no título faz referência aos desenhos que surgiram em decorrência do sucesso da Galinha Pintadinha, se inspirando nela e se tornaram desenhos concorrentes. Como os “pintinhos” são desenhos dos mais diversos animais e personagens, a palavra aparece como uma figura de linguagem (metonímia). Desta vez, a imagem de capa são desenhos (personagens citados no texto).
Coluna Quebra- Cabeça	Seus pais exageram no carinhos? - Olho: Se acha	Rosely Sayão	Sentimento; sincero; comportament o desculpas; crescimento.	Único texto escrito integralmente em itálico. A autora conversa diretamente com a criança.

	que sim, talvez isso seja sinal de que você esteja crescendo			
Coluna Armandinho (tirinha)	Não tem	Alexandre Beck (artista que assina Armandinho)	Desculpa; sinceras; desenho.	A tirinha ilustra o tema discutido no texto. Isso pode ser percebido tanto pelo conteúdo, quanto pela própria diagramação. Além de estar em um espaço que quebra o texto, a tirinha é chamada pelo nome “Armandinho” e, ao lado, tem um ícone de uma peça de quebra-cabeça (que é o nome da coluna da Rosely Sayão).
Coluna Ideias... (desta vez, não apareceu na chamada do quadro “Do Leonardo”)	„O Senhor dos Anéis é um dos filmes mais legais	Leonardo Bueno de Paula, 8 anos	Filmes; favoritos; personagens; Legolas; Aragon; Frodo; jogos.	Assim como na edição de 12 de março, Leonardo utiliza o último parágrafo do texto para fazer um agradecimento ou enviar uma mensagem para alguém (colegas da escola e, agora, para a sua tia), fugindo do tema que estava sendo abordado. Pedro Coelho ilustra novamente a coluna.
Reportagem	Seleção virtual - De formiguinha a cachorro que sabe dançar funk, canais na internet buscam a atenção de crianças com desenhos e músicas	Não assinado (supõem-se ser o autor do texto de capa, já que é o mesmo assunto)	Bob Zoom; Anima Kids; Mundo Bit; Turminha da Natureza; Lançamento; Visualizações ; Hit.	Texto bloqueado, escrito em blocos acompanhados de ilustrações. Apesar de ser sobre o mesmo tema do assunto abordado na capa, o conteúdo apresenta outro título e outra linha fina.
Propaganda na parte inferior da página do musical <i>Turma da Mônica – O Show</i> .				
Quadrinho 1	-	Laerte Coutinho, que assina como	O quadrinho é não verbal.	São cinco quadrinhos. A história se passa em torno de um personagem que está na

		Laerte		parte debaixo da gangorra, convidando outros para subir (o que faria com ele subisse e, assim, a brincadeira ser tornaria possível). Entretanto, nem outros dois personagens (aparentemente humanos) mais um elefante conseguem tirá-lo chão. Resultado: nada de brincar de gangorra.
Quadrinho 2	-	Adão Iturrusgarai, que assina como Adão	Vocalista; professor; física.	Um personagem masculino está tocando e cantando. A música faz referência à equações matemáticas. No último quadrinho, um personagem fala para o outro: “é meu professor de física”. Desta vez, os quadrinhos não apresentam bordas.
Seção Ciranda do Livro	Ciência animal e divertida	Mateus Luiz de Souza, que também assina como MLS	Ciência; curiosidades; ilustrações engraçadas.	Enquanto o primeiro livro volta-se para uma temática mais prática (ciências), o segundo é mais subjetivo (impacto das mudanças).
Dicas para crianças, pais, professores etc.	Nem toda mudança é ruim	(repórter adulto) - a abreviatura sempre aparece no segundo texto da seção	Mudança; transformação ; vida.	

Edição de 02 de abril de 2016				
Gênero	Título e linha fina	Repórter/ autor do texto	Palavras-chaves	Observações
Reportagem	Salada de dúvidas - Você sabe diferenciar alface de couve?	Mateus Luiz de Souza	Identificar; alimentos saudáveis; diferenças; peso; ingrediente.	Assim como na edição do dia 12 de março, a imagem ocupa quatro colunas da página, deixando apenas a última coluna à direita para o texto. As personagens da fotografia, tirada por Moacyr

	Crianças fazem o teste			Lopes Junior/ Folhapress, são todas crianças.
Coluna Quebra-Cabeça	Você ouve as mesmas músicas? - Olho: Conhecer novos estilos é uma das melhores coisas da vida	Rosely Sayão	Músicas; faixas prediletas; estilos; rádio.	A autora utiliza a oração “conte para nós”, revelando valorizar a escrita culta. Na forma coloquial, linguagem que a criança tem contato até a alfabetização, o trecho provavelmente seria: conte pra gente.
Coluna Armandinho (tirinha)	Não tem	Alexandre Beck (artista que assina Armandinho)	Eclético; ouvia; “negócio” (no sentido de coisa).	A graça desta tira está no fato de que ao buscar conhecer o gosto musical do pai, o Armandinho aparece com um disco de vinil sem saber o que é. Logo, até “pra começar” a ouvir já era diferente. Entretanto, uma criança tem grandes chances de, assim como o Armandinho, não saber o que é aquele disco preto.
Coluna Ideias... Do Leonardo	Objetos malucos	Leonardo Bueno de Paula, 8 anos	Peça; “Sonhatório”; personagens; criaturas; história.	Desta vez, o Leonardo não mudou de assunto no último parágrafo. Pedro Coelho continua a ser o autor do desenho, que é sobre teatro).
Reportagem	Aceita um caqui? - Criança deve fazer várias tentativas até gostar de certos alimentos	Não assinado (supõem-se ser o autor do texto de capa, já que é o mesmo assunto)	Alimento; valor energético; comer;	A reportagem traz uma lista de alimentos, que foram apresentados em um teste para as crianças para ver se elas acertavam. A lista aparece em uma coluna com ícones de acerto e de erro, entretanto poderia ter sido diagramada em um infográfico - o que seria visualmente mais interessante.

Desta vez, não teve propaganda e a página foi ocupada inteiramente pela reportagem.				
Quadrinho 1	-	Laerte Coutinho, que assina como Laerte	O quadrinho é não verbal.	Um personagem segue uma pegadas que levam a um leão. O leão chama o personagem para subir em suas costas. Eles vão andando e no último quadrinho estão em uma barco que navega em uma água verde. Os cinco primeiro quadrinhos apresentam pouca cor, o que é contrastante com o colorido vivo do último quadrinho.
Quadrinho 2	-	Adão Iturrusgarai, que assina como Adão	Desanimado; professora; super-humorista; “macambúzios” (aquele que está tristonho).	A professora chama um super herói do humor para alegrar o Zezo, que estava desanimado. O vocábulo “macambúzios” mostra-se inapropriado, por provavelmente, não fazer parte do repertório de grande parte das crianças.
Seção Ciranda do Livro Dicas para crianças, pais, professores etc.	Leia e faça você mesmo	Bruno Molinero, que também assina como BM (repórter adulto)	Escrever; livro; ilustrados; texto em branco;	O primeiro livro indicado segue a tendência adulta de livros em que o leitor assume o papel de autor. Na descrição da segunda indicação uma onomatopeia foi utilizada, o que pareceu dar mais energia ao texto.
	O dia das bruxas das bruxas		“phééé” (indicando som de campanha); feiticeira; bruxinhos; vassoura-skate.	

Gênero	Título e linha fina	Repórter/ autor do texto	Palavras-chaves	Observações
Reportagem	Vida animal - Cheio de computador e ação, novo filme de Mogli mostra importância da natureza e das leis e ainda faz rir	Cássio Starling Carlos (Crítico da Folha)	Desenho; interpretada; cinema; tecnologia; ação; aprendizado; lei; comunidade.	O crítico utiliza o pronome relativo “cujo” para retomar as aventuras vividas por Mogli, o que é uma construção complexa. Por outro lado, utiliza a informalidade no trecho “fazem a gente”, construção que Rosely Sayão evitou em edições anteriores e podem revelar não existir uma manual de redação da Folhinha.
Coluna Quebra-Cabeça	Criança deve trabalhar? - Olho: Ir para a escola e brincar são as atividades mais importantes na infância	Rosely Sayão	Brincar; estudar; trabalho; dinheiro; colaboração.	É de se esperar que a criança que tinha acesso ao suplemento infantil <i>Folhinha</i> não se enquadrasse no perfil social e econômico da criança que trabalha. Ao apresentar tal realidade, por mais que seja com exemplos padrões, a autora consegue inserir uma nova perspectiva de infância para as crianças que estão acostumadas a ter seus direitos assegurados.
Coluna Armandinho (tirinha)	Não tem	Alexandre Beck (artista que assina Armandinho)	O quadrinho não apresenta linguagem verbal.	Várias crianças com brinquedos observam uma outra criança segurando os instrumentos necessários para o trabalho de engraxate.
Coluna Ideias...	Quando é hora de tirar férias?	Joana Cassel Fernandes, 9 anos (descrita como colunista da Folha)	Férias; aulas; estudar.	O texto dá alguns indícios de interferência de um adulto, podendo ser na revisão - como observado na concordância verbal a seguir: “os diretores têm razão” -, ou até mesmo na construção do texto - como se observa a seguir quando a repórter fala das crianças como se ela não fosse uma: “Quando as crianças crescem”.

				Por outro lado, a coluna infantil abre espaço para maior informalidade, como se observa na palavra muito que foi escrita de forma diferente para intensificar o sentido: “muuuuuito”. Apesar da troca de colunista, Pedro Coelho continua assinando os desenhos da coluna.
Reportagem	Somente o necessário - Personagem de escritor indiano inspirou filmes e desenhos	Assinado como: Do Crítico da Folha (Cássio Starling Carlos)	Autor; adaptação; Rudyard Kipling; Mogli; filmes; desenhos.	O título da reportagem (Somente o necessário) é um trecho da música do primeiro filme lançado de Mogli. O crítico explica o título usando uma seta como recurso. Tal explicação se mostra cabível já que nem todas as crianças podem ter tido contato com a história.
Desta vez, não teve propaganda e a página foi ocupada inteiramente pela reportagem.				
Quadrinho 1	-	Laerte Coutinho, que assina como Laerte	O quadrinho é não verbal.	Personagens estão subindo uma escada e entrando por uma porta em formato de orelha. Eles vão se acomodando em uma cabine em formato de cabeça. O que seria janelas tem o formato de óculos. O avião é, na verdade, um corpo humano, que decola. No ar, observa-se que quem vê a paisagem são as pessoas que estão dentro da cabeça do “homem-avião”.
Quadrinho 2	-	Adão Iturrusgarai, que assina como Adão	Lindo; não; elogiar.	O personagem elogia o belo dia de sol e, instantaneamente, o tempo fecha. O personagem conclui que “não se pode elogiar”.

Seção Ciranda do Livro Dicas para crianças, pais, professores etc.	Latim é língua morta?	Bruno Molinero, que também assina como BM (repórter adulto)	Idiomas; aprender.	A primeira indicação volta-se mais para a atividade pedagógica (aprender outro idioma). A segunda indicação apresenta-se como algo mais leve e com foco na distração (o livro é de poemas).
	Bandeira para crianças		Histórias; Manuel Bandeira; poemas.	

Edição de 16 de abril de 2016				
Gênero	Título e linha fina	Repórter/autor do texto	Palavras-chaves	Observações
Reportagem	Fim da picada - Crianças tomam vacina e aprendem a evitar a gripe H1N1, que está deixando muita gente doente	Carol Oliveira	Vacinar; precaução; transmissão.	Única edição que apresentou o slogan do suplemento “Um jornal a serviço da criança”. Cinco fontes foram utilizadas na reportagem. Todas são crianças. O texto não apresentou especialistas, sendo que contou com uma fonte indireta oficial (Ministério da Saúde). A foto utilizada na capa é de Marcus Leoni/ Folhapress.
Coluna Quebra-Cabeça	Até mais! - Espero que algumas das nossas conversas façam parte da sua memória	Rosely Sayão	Acontecimentos; recordações; memória; saudade; termina; último encontro.	O texto que apresenta o fim da <i>Folhinha</i> é emotivo. No lugar de explicar o porquê do adeus e de apresentar perspectivas para o futuro, ele pede para que o leitor se recorde das “conversas” que tiveram.
Coluna Armandinho (tirinha)	Não tem	Alexandre Beck (artista que assina Armandinho)	Brinquedo; lembranças; coração.	O quadrinho diz que “as boas lembranças a gente guarda no coração”. Assim, o suplemento transmite a ideia de que foi um bom

				acontecimento na vida de seus leitores.
Coluna Ideias...	Um coelho (de verdade) da Páscoa	Joana Cassel Fernandes, 9 anos	Páscoa; coelho; fantasiar; bicho; companhia.	A Páscoa no ano de 2016 foi em 27 de março (dia 26 de março foi a edição da <i>Folhinha</i> publicada mais perto da data comemorativa). O tema da coluna se mostra temporalmente deslocado. O desenho do Pedro Coelho deu lugar à nota de despedida da <i>Folhinha</i> .
Reportagem	Que vírus é esse? - Causador da gripe H1N1 usa as células do nosso corpo para reproduzir e nasceu no organismo dos porcos; saiba como se prevenir	(supõem-se ser o autor do texto de capa, já que é o mesmo assunto)	Vírus; sintomas; células; combatê-lo.	Apesar de um grande espaço do grid ser destinado a uma ilustração, a imagem não contribui muito para o enriquecimento do texto, já que é representação de um vírus (reproduzido oito vezes em escala menor na mesma página).
Desta vez, não teve propaganda e a página foi ocupada inteiramente pela reportagem.				
Quadrinho 1	-	Laerte Coutinho, que assina como Laerte	Luz; água; computador.	A tirinha é composta por seis quadrinhos. No primeiro, mostra-se um interruptor. No segundo, o ventilador de teto diz “luz”. No terceiro, mostra-se uma torneira. No quarto, a torneira diz “água”. No quinto, mostra-se um techado. No sexto, o monitor diz “computador”.
Quadrinho 2	-	Adão Iturrusgarai, que assina	Placa; aqui.	Um personagem está andando no deserto. Se alegra por encontrar uma placa. A placa

		como Adão		diz “você está aqui”, não acrescentando conhecimento nenhum que o personagem já não soubessem. Ambas as tirinhas (laerte e Adão) não abordaram temas que se relacionassem ao fim do suplemento.
Seção Ciranda do Livro Dicas para crianças, pais, professores etc.	Lenda de Moçambique	Bruno Molinero	Pássaros; coruja; aventuras; lendas.	Livro de lendas, incentivando a cultura de Moçambique - país que também fala português.
Seção Ciranda do Livro Dicas para crianças, pais, professores etc.	O que tem embaixo do buraco?	Felipe Maia	Cavar; encontrar;	Expressões como “que viagem!” (no sentido de ter fugido muito da realidade) “desculpe acabar com as ilusões” indicam que a linguagem está mais próxima do discurso jovem do que do infantil. Entre todas as edições, esta é a única que duas pessoas diferentes indicam livros.

APÊNDICE S – Levantamento conteudístico dos cinco *JC Criança* analisados

Edição de 13 de março de 2016				
Gênero	Título e linha fina	Repórter/autor do texto	Palavras-chave	Observações
Chamada para a reportagem principal	Dia Nacional da Poesia - Amanhã, comemora-se o Dia Nacional da Poesia. Inspire-se em poemas de autores consagrados e faça o seu! Páginas 7 e 8	-	Poesia.	A capa é predominantemente composta por imagem. Além de uma foto que se relaciona com o título da reportagem principal, observa-se também o nome do suplemento em um tamanho que ocupa todo o comprimento da página. Observa-se três pequenos conjuntos de texto: o título e a linha fina da reportagem principal e também a legenda da foto. A indicação na capa está errada, a reportagem encontra-se nas páginas 6 e 7 do miolo.
Agenda	Hoje é dia de espetáculo infantil e atividade circense - “Figura e “Ououou” apostam no comércio informal para angariar o vil metal	Conteúdo não assinado	Espectáculo infantil; “Ambulante”, palhaço;Sesc ; Cia. Arte Negus.	Dividido no grid em duas colunas, o conteúdo textual divide espaço com duas imagens. As fotos são divulgação do espetáculo. Provavelmente, o conteúdo é release.
Indicação de leitura	Contos e lendas afro-brasileiros	Conteúdo não assinado	Mundo; criação; cultura africana.	As sugestões não apresentam a faixa etária indicada para a leitura, deixando a dúvida se tais livros realmente são adequados para o público infantil. Um exemplo, pode ser observado na obra “50 contos de machado de Assis”, no qual o texto diz que os contos tratam de temas como “o
	50 contos de Machado de Assis		Digressões; relações humanas; ambiguidade ; instituições.	

	Ratilda		Organização ; persistência; objetivos; interativo.	poder das instituições sobre os indivíduos”. Será esse um tema que a criança realmente se interessa? Ou que ela já é capaz de compreender? Cada indicação de livro acompanha uma foto do mesmo, uma breve descrição, o autor, a editora e também um título.
Matéria com receitas	Faça bombons para a Páscoa - Receitas fáceis e que não vão ao fogo são opções para enganar a tentação por chocolate	Conteúdo não assinado	Receitas; chocolate; fogão; cozinha.	A abertura da matéria assimila a ideia de que o leitor é uma criança (como se percebe no exemplo: “peça para um adulto olhar a receita”). Tal assimilação não é observada em todo o suplemento.
Listagem de nomes de acordo com o dia da semana	Aniversariantes da semana	Conteúdo não assinado	Nome das crianças	A listagem é separada por dia, incluindo o dia da publicação do suplemento (no caso, 13 de março de 2016) e indo até o dia anterior da próxima publicação. Conforme descrito no próprio suplemento, “os nomes dos aniversariantes da semana são de associados do Clubinho JC Criança”.
Propaganda e ficha de inscrição para o Clubinho JC Criança	Empresas conveniadas ao Clubinho JC Criança	Conteúdo não assinado	Sócio; vantagens; empresas conveniadas.	32 empresas aparecem como conveniadas.
Fotos e legendas	Turma do barulho	Conteúdo não assinado	-	“Gatinho”, “delícia” e “coisa linda” são alguns dos adjetivos utilizados para descrever as crianças. Nesta seção, o maior erro cometido foi colocar na legenda que “Matheus” e “Luiza” estavam curtindo a praia, enquanto, na verdade, a foto era de uma única criança na frente de uma planta.

Reportagem	Celebre a poesia! - Amanhã é Dia Nacional da Poesia; data é homenagem a Castro Alves	Conteúdo não assinado	Homenagem ; poesia; criação; versos; rima; memorização.	O texto não apresenta fontes. Enquanto a primeira página contém mais texto e volta-se para a contextualização do tema, a segunda contém mais imagens e volta-se para a exemplificação.
Fotos e legendas	Turma do barulho	Conteúdo não assinado	-	A coluna Turma do Barulho é retomada após a interrupção causada pela reportagem principal. Provavelmente, isso ocorre devido o processo de impressão, já que nem todas as páginas são coloridas.
Entretenimento intitulado como “Quadrinhos”	Turma da Mônica	Assinado como Maurício de Souza Produções - Brasil/2011	-	O espaço incluiu 4 tirinhas diferentes, sendo que a diagramação não tornou isso uma constatação clara. As tirinhas trataram os temas de leitura, ofensas, profissão e pecado.
	Dias da semana	Conteúdo não assinado	-	A seção apresentou um calendário da semana, indicando o que é comemorado em cada dia (exemplo: dia 15 é “Dia da escola”). Semana de 13 a 19 de março.
	O que é o que é?	Conteúdo não assinado	-	Foram feitas 15 perguntas com temas diversos. As respostas se encontram na página seguinte (10), mas isso não foi indicado ao leitor.
Entretenimento intitulado como “Passatempo”	-	Conteúdo assinado como “Maurício”	Relacione.	Exercício estimula o uso do raciocínio lógico em associação de objetos.
	-		Ajude; Bidu; chegar.	Exercício estimula o uso do raciocínio lógico com foco em direção e clareza de compreensão.
	-		Descubra; quantas; flores; Mônica; apanhou.	Exercício estimula o uso do raciocínio lógico com foco matemático.

Entretenim ento	O artista é você	Desenhos de Maria Eduarda Marques Santos (5 anos), Lívia Dumalak (idade não identificada) e Maria Clara Brito (9 anos).	-	Dos três desenhos, dois contém casa e árvore. Um contém um animal. Todos apresentam sol.
Entretenim ento	Os Birutinhas	Claudinei Muniz, que assina como Claudinei		Claudinei é bauruense e trabalha na área de paginação e diagramação do Jornal da Cidade, assina Os Bituinhas e Superdudu que são publicado no suplemento infantil do jornal.

Edição de 20 de março de 2016				
Gênero	Título e linha fina	Repórter/ autor do texto	Palavras- chave	Observações
Chamada para a reportagem principal	Páscoa na escola - De uns anos para cá, a festa tem sido questionada por alguns pais e alunos: por que tratar uma celebração religiosa em ambiente escolar, já que o Estado brasileiro é oficialmente laico? “Não podemos ignorar os fenômenos culturais de nosso país”, responde Vânia	Conteúdo não assinado	Páscoa; celebração religiosa; laico.	A chamada da reportagem dá a entender que fará uma abordagem diferenciada da data festiva, mostrando estar em sintonia com a discussão que é feita no “mundo do adulto”.

	Barone Monteiro. Páginas 6 e 7			
Agenda	Hoje tem atividade em dose dupla - A peça Caquilhos de Munhausen é uma adaptação livre da fantástica obra de Rudolf Erich Raspe	Conteúdo não assinado	Espectáculo; acrobalance; histórias; conto; Sesc; Cia. Arte Negus.	O espetáculo apresentado é gratuito. Entretanto, não é o fato da atividade não ter um custo para o público que a torna acessível. Muitas vezes, o acesso a informação “de que tal atividade é de graça” é o grande empecilho para que as pessoas realmente participem.
Indicação de leitura	Grunter, a história de um porco insuportável	Conteúdo não assinado	Porco; mau humor; espaço.	Nesta edição, as imagens aparecerem do lado direito da coluna e o texto do lado esquerdo (o contrário da diagramação da edição de 13 de março). Desta vez, o texto apresentou de forma clara com qual tema a obra vai trabalhar e como isso pode ajudar no desenvolvimento da criança. Nesta edição, os temas trabalhados são: o relacionamento da criança com os amigos, o distanciamento de pessoas próximas e a necessidade de se respeitar o que é diferente.
	Bililico		Mão; filho; perdidos; reaparecem.	
	Flicts		Cor feia; procura.	
Matéria	Você sabe o que não pode faltar na sua lancheira? - Ajude seus pais a escolher o que levar de lanche, mas opte por alimentos saudáveis	Conteúdo não assinado	Hábito alimentar; carboidratos; proteínas; vitaminas; sais minerais.	No título, é como se o autor(a) do texto estivesse conversando com a criança (exemplo: “ajude seus pais”). Entretanto, no meio, o autor(a) fala das crianças em terceira pessoa, mostrando afastamento (exemplo: “fornece energia para os pequenos”). Por isso, existe uma confusão em relação a definição de um público leitor. O suplemento fala para a criança ou sobre a criança? O texto apresenta uma fonte adulta.
Listagem	Aniversariantes	Conteúdo	Nome das	-

de nomes de acordo com o dia da semana	da semana	não assinado	crianças	
Propaganda e ficha de inscrição para o Clubinho JC Criança	Empresas conveniadas ao Clubinho JC Criança	Conteúdo não assinado	Sócio; vantagens; empresas conveniadas.	32 empresas aparecem como conveniadas, as mesmas da edição anterior.
Fotos e legendas	Turma do barulho	Conteúdo não assinado	-	A seção apresenta quem é a criança (exemplo: “Este garoto esbanjando fofura é...”; “Essa gatinha cheia de charme é a”; “Olha aí o...”). A linguagem utilizada acaba dando a sensação de distanciamento em relação ao leitor infantil.
Reportagem	Por que comemorar a Páscoa na escola? - Especialistas em educação afirmam que não se pode ignorar fenômenos culturais.	Cynthia Costa (repórter adulta)	Celebração religiosa; ambiente escolar; laico; curiosidade; pluralidade; histórico-cultural.	A reportagem abordou o tema da Páscoa por um viés não muito comum, deixando os ovos de chocolate e o coelho de lado e abordando como tal comemoração religiosa pode ser trabalhada na escola, um espaço plural. Esse direcionamento mostrou-se interessante por fugir dos estereótipos que costumam ser reforçados pela mídia. Entretanto, o conteúdo e a linguagem revelaram-se mais adequadas para o adulto do que para a criança. Três fontes foram utilizadas, todas adultas: Vânia Barone Monteiro (coordenadora escolar); Patrícia Maria Silva Brum Pimenta (diretora pedagógica) e Simone Alcântara (assessora de formação cristã).
Fotos e legendas	Turma do barulho	Conteúdo não assinado	-	A seção contou com seis fotos, cada uma com sua respectiva legenda.
Entretenimento intitulado como “Quadrinh	Turma da Mônica	Assinado como Maurício de Souza Produções -	-	O espaço incluiu 6 tirinhas. Por terem sido impressas em preto e branco e diagramadas simetricamente, gerou-se dúvida se as tirinhas eram

os”		Brasil		continuação ou se cada uma era uma (o que era o caso). As tirinhas apresentaram temas diversos, sendo que suas repetiram a mesma temática: eleições. Apenas uma das tirinhas não utilizou linguagem verbal.
	Dias da semana	Conteúdo não assinado	-	Semana de 20 a 26 de março.
	O que é o que é?	Conteúdo não assinado	-	Foram feitas 15 perguntas com temas diversos. As respostas se encontram na página seguinte (10), mas isso não foi indicado ao leitor.
Entretenimento intitulado como “Passatempo”	-	Conteúdo assinado como “Maurício”	Siga.	Exercício estimula a formação de palavras.
	-		Forme; nome.	Exercício estimula a formação de palavras.
	-		Descubra.	Exercício estimula a compreensão das formas geométricas.
Entretenimento	O artista é você	Desenhos de Gabriel (sobrenome não mencionado) ; Lucas Conceição e dos alunos da professora Cleire.	-	Dos três desenhos, um foi uma compilação (contendo 17) com desenhos sobre o livro “Bom dia todas as cores” de Ruth Rocha. Dessa vez, os créditos não estavam padronizados.
Entretenimento	SuperDudu	Claudinei Muniz, que assina como Claudinei.		SuperDudu é um super herói não muito tradicional, ele ajuda os outros, mas também tem medo e pede por um help quando precisa. O tema dessa tirinha, dividida em 5 quadrinho foi assalto.

Edição de 03 de abril de 2016				
Gênero	Título e linha fina	Repórter/ autor do texto	Palavras- chave	Observações
Chamada para a reportagem principal	Cuide da natureza - Tudo no planeta é interligado. Todos nós dependemos de ambientes naturais saudáveis para sobreviver. Página 6 e 7.	Conteúdo não assinado	Natureza; planeta. sobreviver.	Na capa, a imagem predominou e ocupou a maior parte do espaço. A imagem é uma fotografia ilustrada com uma criança.
Agenda	Hoje tem “O poeta e o camundongo” - Espetáculo mostra o valor de uma amizade verdadeira	Conteúdo não assinado	Espetáculo infantil; festas; confusões; redondilhas menores; poesia.	Seção reservada para uma peça teatral, geralmente do Sesc. O texto faz uma apresentação do espetáculo e depois traz alguns serviços sobre ele. Acompanha foto e legenda.
Indicação de leitura	Pluft, o fantasminha	Conteúdo não assinado	Peça teatral; imaginação ; belas ilustrações.	Texto do lado esquerdo e imagem da obra no lado direito. Desta vez, a seção se ocupou de falar mais sobre os autores, formatos e linguagem dos livros do que sobre a história e o enredo.
	Doze reis e a moça no labirinto do vento		Conto; metafórico.	
	A chave do tamanho		Literatura infantil; paz; boa convivência	
Matéria	Caia na piscina!	Conteúdo	Promover; esporte;	A reportagem apostou em curiosidades e na história da

	- Sexta-feira é Dia de Natação	não assinado	desenvolvi- mento; saúde; sobrevivência;	natação. Não é possível diferenciar o público por meio da linguagem, de forma que ela não se revelou específica para as crianças.
Listagem de nomes de acordo com o dia da semana	Aniversariantes da semana	Conteúdo não assinado	Nome das crianças	-
Propaganda e ficha de inscrição para o Clubinho JC Criança	Empresas conveniadas ao Clubinho JC Criança	Conteúdo não assinado	Sócio; vantagens; empresas conveniadas.	Desta vez, 31 empresas aparecem como conveniadas, uma a menos do que o número observado na edição anterior.
Fotos e legendas	Turma do barulho	Conteúdo não assinado	-	A seção foi composta por quatro fotos e legendas. Usar negrito no nome da criança é um padrão. Entretanto, utilizar o nome completo da criança e a idade são informações que variam de foto para foto.
Reportagem	Trabalhe em prol do planeta Tudo no planeta é interligado. Todos nós dependemos de ambientes naturais e saudáveis para sobreviver	Conteúdo não assinado	Sustentabilidade; natureza; interligado; qualidade de vida; plantar; reciclar.	O (a) autor(a) do texto conversa com o leitor chamando-o de “você”, tal linguagem não especifica perfil do leitor, de forma que não diferencia adulto de criança.
Fotos e legendas	Turma do barulho	Conteúdo não assinado	-	A seção contou com quatro fotos (sendo duas meninas e dois meninos), cada uma com sua respectiva legenda. Nem todas as fotos apresentam boa qualidade (luz, foco etc.).

Entretenimento intitulado como “Quadrinhos”	Turma da Mônica	Assinado como Maurício de Souza Produções - Brasil/2013	-	Seis tirinhas, todas conciliando desenho e texto. Temas diversos, muitas vezes relacionado à um humor proporcionado pelo próprio ambiente das histórias da Turma da Mônica (por exemplo: o Cebolinha chamar a Mônica de dentuça - característica física da personagem - e ela concordar).
	Dias da semana	Conteúdo não assinado	-	Semana de 03 a 09 de abril.
	O que é o que é?	Conteúdo não assinado	-	Foram feitas 14 perguntas com temas diversos. Uma a menos do que nas duas edições analisadas anteriormente. As respostas se encontram na página seguinte (10), mas isso não foi indicado ao leitor.
Entretenimento intitulado como “Passatempo”	-	Conteúdo assinado como “Maurício”	Completar.	Exercício estimula o raciocínio lógico e matemático.
	-		Relacione.	Exercício estimula a relacionar números com imagens.
	-		Ajude; chegar.	Exercício estimula o uso do raciocínio lógico com foco em direção e clareza de compreensão.
Entretenimento	O artista é você	Desenhos de Heitor Bigeli Benevenuto Moralez; Gabrielly; Sofia Aguiar Floriano; Maria Isabelly.	-	A seção contou com quatro desenhos. é interessante que 2 foram feitos em folha com linhas e indicava a série das crianças, mostrando que fazem referência a trabalhos escolares.
Entretenimento	Os Birutas	Claudinei Muniz, que assina como Claudinei.		Os Birutas é quando o Dudu está como cidadão comum e não como o herói SuperDudu. Ainda assim, o personagem busca ajudar as demais pessoas. Dessa

				vez, ele foi ajudar uma garotinha que estava chorando a pegar seu gato que estava em cima da árvore. Entretanto, a menina se confundiu e não era o seu gato e, sim, uma onça, que acabou machucando o Dudu. O quadrinho busca causar humor pelo inusitado.
--	--	--	--	--

Edição de 10 de abril de 2016				
Gênero	Título e linha fina	Repórter/ autor do texto	Palavras-chave	Observações
Chamada para a reportagem principal	Faça teatro - Aulas ajudam a desenvolver a criatividade, expressividade e trabalho em grupo Páginas 7 e 8	-	Teatro.	A capa é predominantemente composta por uma imagem. A ilustração não contém pessoas, apenas um cenário (de teatro). É interessante notar que o título de capa não é o mesmo da reportagem no miolo.
Agenda	Hoje tem “Era Uma Era” - Personagens que contam a história do Grande Reino Ainda sem Nome surgem de uma caixa abandonada	Conteúdo não assinado	Caixa abandonada; rei; incêndio; tecnologia; memória.	O release conta o enredo da história e depois apresenta informações sobre quando e onde a peça vai acontecer (serviços). Dessa vez contou com duas imagens e duas legendas.
Indicação de leitura	Fora da gaiola	Conteúdo não assinado	Poemas; rimas; memorização; animais; fauna; brasileira.	Nesta seção, são apresentados livros brasileiros e estrangeiros. A primeira descrição fala sobre o gênero narrativo, as outras duas abordam o enredo da história. O livro <i>Grunter: a história de um porco insuportável</i> já havia sido indicado na edição de 20 de março.
	Grunter: a história de um porco insuportável		Porco; mau humor; espaço.	

	Onde está a mamãe?		Vínculos afetivos; relações familiares.	
Matéria	Dia do Hino Nacional - Música foi criada em 1822, por Francisco Manuel da Silva (1795-1865), recebendo inicialmente o nome de “Marcha Triunfa”	Conteúdo não assinado	Criação; Hino Nacional; governo; independência; manifestação.	O espaço parece destinado à pautas que tratam sobre dias específicos, como alternativa para o esgotamento de assuntos. Além do texto, o conteúdo continha uma foto da bandeira brasileira e a letra do Hino Nacional. Entretanto, a linguagem utilizada não é própria do público infantil.
Listagem de nomes de acordo com o dia da semana	Aniversariantes da semana	Conteúdo não assinado	Nome das crianças	-
Propaganda e ficha de inscrição para o Clubinho JC Criança	Empresas conveniadas ao Clubinho JC Criança	Conteúdo não assinado	Sócio; vantagens; empresas conveniadas.	31 empresas aparecem como conveniadas. O conteúdo parece copiado e colado das demais edições, porque até mesmo os erros de diagramação são os mesmos.
Fotos e legendas	Turma do barulho	Conteúdo não assinado	-	A seção contou com 3 fotos e 3 legendas. Dessa vez, todas as crianças foram identificadas por nome completo e idade. A página é colorida.
Reportagem	Teatro: um aliado da infância - Aulas de teatro podem ajudar a desenvolver criatividade, expressividade, trabalho em grupo e uma fase crucial: a infância	Conteúdo não assinado	Expressividade; timidez; postura; benefícios; formação cultural; cidadão; percepção de mundo; aceitação.	O texto conta com uma especialista no assunto abordado, a professora de teatro e atriz Mariana Camargo (uma fonte adulta). As três imagens utilizadas não são de autoria do jornal e, por isso, contém o crédito da empresa quem fotografou. As páginas são coloridas, mas a diagramação não é atraente.
Fotos e legendas	Turma do barulho	Conteúdo não assinado	-	A seção contou com cinco fotos e três legendas. É comum a

				legenda estar mandando “beijo sabor” alguma coisa (chocolate, morango, pudim, bolo de baunilha). Entretanto, em alguns casos, o texto gera confusão de se quem manda beijo é a criança, os parentes da criança ou o jornalzinho.
Entretenimento intitulado como “Quadrinhos”	Turma da Mônica	Assinado como Maurício de Souza Produções - Brasil/2013	-	A seção contou com seis tirinhas diferentes, diagramadas em duas colunas. Após o leitor entender que se tratam de quadrinhos separados, ele pode escolher se lê primeiro por linha ou por coluna. Dessa vez, mais tirinhas apresentaram um conteúdo não verbal, apenas imagético.
	Dias da semana	Conteúdo não assinado	-	Semana de 10 a 16 de abril.
	O que é o que é?	Conteúdo não assinado	-	Foram feitas 15 perguntas com temas diversos. As respostas se encontram na página seguinte (10), mas isso não foi indicado ao leitor.
Entretenimento intitulado como “Passatempo”	-	Conteúdo assinado como “Maurício”	Siga.	Mesmas três atividades da edição de 20 de março.
	-		Forme; nome.	
	-		Descubra.	
Entretenimento	O artista é você	Desenhos de Renato Reis de Mello; Nicolas Passeto Gianini; Thagner e Lucas; Vitória Amaro.	-	Alguns dos desenhos enviados são atividades feitas em sala de aula, tanto por alunos de escolas públicas quanto particulares. Super-heróis e dengue foram os temas dos desenhos dessa vez.
Entretenimento	Os Birutinhas	Claudinei Muniz, que assina como Claudinei		Os Birutinhas são os personagens de Os Birutas crianças. O tema desse quadrinho foi sobre aposta.

Edição de 17 de abril de 2016				
Gênero	Título e linha fina	Repórter/ autor do texto	Palavras-chave	Observações
Chamada para a reportagem principal	Cuidado com a mochila! - Ela tem jeito certo de ser carregada, peso máximo e seu conteúdo deve mudar conforme a aula do dia. Páginas 6 e 7	-	Mochila; conteúdo; peso.	Colorida, a capa valoriza a imagem, desta vez, composta apenas por objetos. O tema abordado remete ao dia a dia da criança, o que pode ser desenvolvido pelo viés dos pequenos ou dos adultos.
Agenda	Domingo tem muita diversão durante espetáculo infantil	Conteúdo não assinado	The Ratos; famosos; Páscoa; Cia. Variante.	Desta vez, o conteúdo não apresentou o elemento gráfico linha-fina. Além de falar sobre a peça e trazer os serviços, a peça falou também sobre a companhia que apresenta o espetáculo. Houve uma mudança na organização do conteúdo, com isso a foto com a legenda foi diagramada logo abaixo do título.
Indicação de leitura	Quem manda aqui? Um livro de política para crianças	Conteúdo não assinado	Organização política; controle; poder; tomar decisões.	O tema dos livros desta edição foram sobre política e direitos humanos.
	Ensinando política a crianças e adultos		Eleições; democracia; congresso; CPI.	
	Malala, a menina que queria ir para a escola		Malala Yousafzai; educação feminina.	
Matéria	Amanhã é Dia Nacional do Livro Infantil - Daya é homenagem a Monteiro Lobato,	Conteúdo não assinado.	Monteiro Lobato; obras; cultura nacional; literatura paradidática.	O primeiro parágrafo do texto é repetição da linha fina.

	escritor que, como poucos, dedicou-se à literatura indantil			
Listagem de nomes de acordo com o dia da semana	Aniversariantes da semana	Conteúdo não assinado	Nome das crianças	-
Propaganda e ficha de inscrição para o Clubinho JC Criança	Empresas conveniadas ao Clubinho JC Criança	Conteúdo não assinado	Sócio; vantagens; empresas conveniadas.	30 empresas aparecem como conveniadas, duas a menos do que no primeiro suplemento analisado (13/03)..
Fotos e legendas	Turma do barulho	Conteúdo não assinado	-	Seção apresentou quatro fotos coloridas com legenda.
Reportagem	Cuidado com a mochila escolar - Ea tem jeito certo de ser carregada, peso máximo e seu conteúdo deve mudar conforme a aula do dia	Conteúdo não assinado.	Escola; mochilas; fase de crescimento; carregar.	Desta vez, a chamada de capa é a mesma da reportagem no miolo. As fontes utilizadas, por serem especialistas, são todos adultos: André Pedrinelli, ortopedista; Marta Campos, coordenadora escolar; Cláudio Santili; professor universitário.
Fotos e legendas	Turma do barulho	Conteúdo não assinado	-	Quatro fotos individuais de crianças e uma de alunos de uma escola estadual em reunião para escolha do grêmio estudantil.
Entretenimento intitulado como "Quadrinhos"	Turma da Mônica	Assinado como Maurício de Souza Produções - Brasil/2013	-	Seção com seis tirinhas sobre temas diversos.
	Dias da semana	Conteúdo não assinado	-	Semana de 17 a 23 de abril.
	O que é o que é?	Conteúdo não assinado	-	Foram feitas 15 perguntas com temas diversos. As respostas se encontram na

				página seguinte (10), mas isso não foi indicado ao leitor.
Entretenimento intitulado como “Passatempo”	-	Conteúdo assinado como “Maurício”	Qual; país; cidade; Santos Dumont; voou; 14-Bis.	Exercício sobre conhecimentos gerais.
	-		Qual; bomba; abastecer; automóvel.	Exercício que estimula o foco e o raciocínio lógico.
	-		Qual; peça; encaixa.	Exercício estimula compreensão espacial e de formas geográficas.
Entretenimento	O artista é você	Desenhos de Thiago Flausino, Samuel, Júlio César Prudêncio; Emanuel Almir; Quêzia Miranda Pereira.	-	Dos cinco desenhos, dois foram sobre dengue e três sobre o desperdício de água. Os desenhos de água foi uma atividade realizada em sala. A interação com a escola revela que os suplementos infantis são utilizados no ambiente escolar.
Entretenimento	Os Birutinhas	Claudinei Muniz, que assina como Claudinei	Duendes; fantasmas; cético.	Vocabulário rebuscado e enredo que exige avançada compreensão de mundo, não sendo muito adequada para crianças (apesar dos personagens serem, supostamente, crianças também

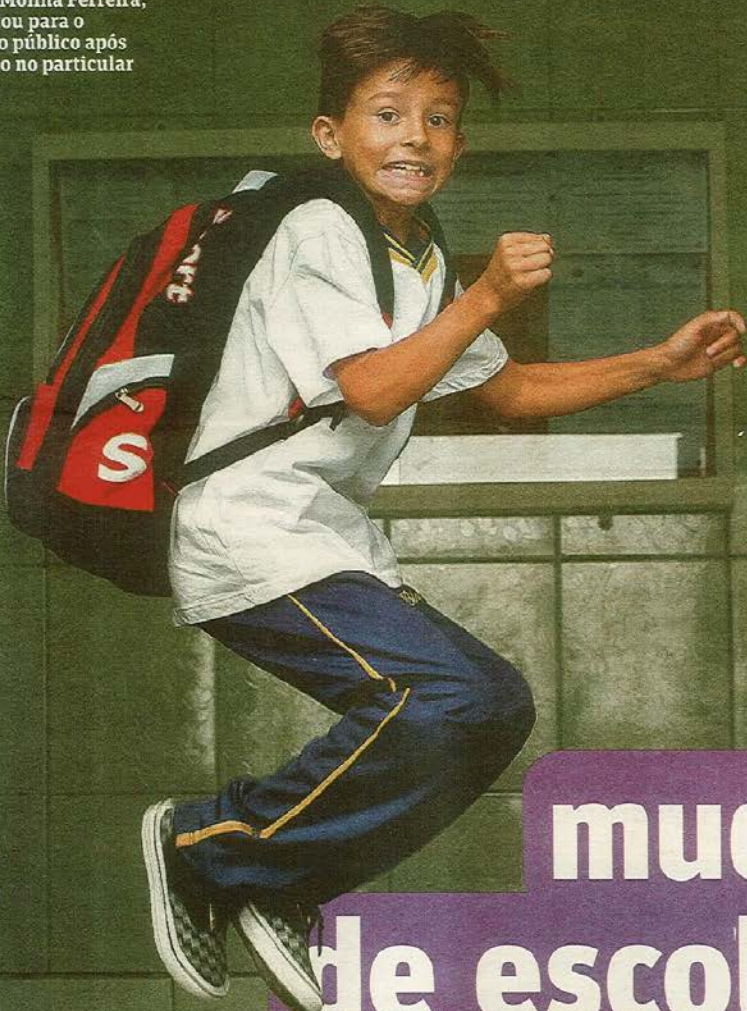
ANEXOS

Anexo A – Capa de 12 de março da *Folhinha*

★ FOLHA DE S. PAULO
★ SÁBADO, 12 DE MARÇO DE 2016
★

folhinha

Lucas Molina Ferreira, 9, voltou para o colégio público após um ano no particular



**mudei
de escola,
e agora?**

Crise econômica faz crescer número de crianças que trocam de colégio

Marcus Leon/Folhapress

MATEUS LUIZ DE SOUZA
DE SÃO PAULO

João Roig, 11, precisou mudar de colégio neste ano, para um com mensalidade mais barata.

“Minha mãe falou que a situação econômica apertou. Fiquei sabendo que muitos alunos da minha sala também saíram”, conta o garoto, que participou da escolha do novo colégio, olhando os sites das escolas e visitando os lugares.

Já Lucas Ferreira, 9, saiu, no ano passado, do colégio público onde estudava para um particular. Neste ano, no entanto, seus pais o chamaram para conversar. O motivo? “Eles medisseram que não ia dar para pagar mais um ano de mensalidade, porque estava muito caro”.

Essa é uma realidade enfrentada por muitas famílias. Segundo a Federação Nacional das Escolas Particulares, o número de matrículas em escolas privadas caiu 12% neste ano, principalmente por causa da crise econômica.

Só que mudar de colégio não é fácil. A psicóloga Roseli Caldas aconselha pais e filhos a conversarem sobre a situação e incentiva a criança a participar da escolha da nova escola, como fez a família de João.

“Não é para deixar o filho ter a palavra final, mas tentar diminuir a insegurança dele”, afirma (veja, na pág. 3, dicas de como se adaptar à nova escola).

Anexo B – Capa de 19 de março da *Folhinha*

Com bilhões de acessos em vídeos na internet, Galinha Pintadinha gera 'filhotes'

BRUNO MOLINERO
DE SÃO PAULO

A barata diz que tem, o pintinho cisca o chão, a Mariana conta até três. Mas quem rouba a cena é a galinha. Pintadinha, no caso.

A penosa é sucesso no YouTube com vídeos que tocam canções tradicionais, como "Pintinho Amarelinho", e alcançam quase 3 bilhões de visualizações.

Quando algo faz sucesso,

quase sempre gera descendentes. E, da Galinha, vieram "pintinhos": outros canais que, inspirados nela, estão loucos para bicar um pedaço dos ovos de ouro.

A maior parte segue a mesma fórmula, com vídeos de desenho animado, músicas repetitivas, tudo publicado na internet.

"Nenhuma criança vê o mesmo personagem 24 horas. Tem espaço para a Ga-

linha e também para os outros", diz Luana Mucci, uma das criadoras do canal Turminha da Natureza (leia mais na pág. 3).

Além da parte on-line, esses canais seguem a mesma tendência da ave mãe de criar brinquedos, peças e tudo o mais que puder existir para crianças pequenas.

Segundo pesquisa da faculdade ESPM, de 2015, é na faixa etária que vai até qua-

tro anos que a Galinha é rai-nha, sendo o canal mais relevante. E é aí que seus "filhotes" também atacam.

"A Galinha é a porta de entrada dos nativos digitais", ou seja, de quem já nasceu com acesso à internet, diz Luciana Corrêa, coordenadora do laboratório que fez o estudo.

Mas, como acontece com todo bom filho, nem tudo é repetição. "A Galinha abriu

esse mercado, mas só toca cantigas tradicionais. A criança quer algo mais moderno", diz João Souza, do Mundo Bitá, canal que compõe canções próprias.

"A concorrência é boa. A criança pode gostar de vários personagens ao mesmo tempo", apazigua Miguel Moreira, gerente da empresa que cuida da Galinha Pintadinha. Afinal, uma mãe nunca fala mal dos filhotes.

Anexo C – Capa de 02 de abril da *Folhinha*

★ FOLHA DE S. PAULO
★ SÁBADO, 2 DE ABRIL DE 2016
★

folhinha

Da esq. para a dir., Roberta, 9, Mateus, 10, e Nina, 8, que participaram do teste

MATEUS LUIZ DE SOUZA
DE SÃO PAULO

“Eu jurava que o caqui era tomate. Os dois são muito parecidos”, diz Vitor Salomão, 10.

A *Folha* visitou duas escolas em São Paulo e pediu para crianças tentarem identificar diferentes frutas, verduras e legumes. E elas não foram mal —dos 22 vegetais, acertaram 17.

O caqui e o tomate são realmente parecidos: ambos são redondos, vermelhos e têm folhinhas na parte de cima. Mas têm muitas diferenças. O caqui é mais doce, enquanto o tomate vai muito bem em saladas.

No Brasil, 35% das crianças de 5 a 9 anos estão acima do peso, segundo o IBGE. Isso se deve, em parte, a terem pouco contato com alimentos saudáveis, vindos do campo, que trazem uma série de benefícios ao corpo (leia na pág. 3).

Durante o teste, Laís Machado, 8, dizia com confiança ser uma especialista no assunto. E, de fato, corrigia quando algum colega se enganava. “É claro que esse não é mandioca. Mandioca é aquela.”

No final, no entanto, ela também confundiu quiabo com coentro. “Falhou, né? Era para a gente ter acertado mais”, lamenta.

“Eu nunca tinha ouvido falar de coentro”, diz Vitor, sobre o ingrediente, muito usado como tempero. “Quem sabe cozinhar conhece mais. Eu não sei”, explicou o garoto.

Você sabe diferenciar alface de couve? Crianças fazem o teste

Anexo D – Capa de 09 de abril da *Folhinha*

CÁSSIO STARLING CARLOS
CRÍTICO DA FOLHA

Imagine um bebê sozinho na selva. Depois, que ele cresce numa família de lobos, aprende a sobreviver ao lado de uma pantera negra e de um urso e ainda precisa enfrentar um tigre feroz, que é o dono do pedaço e não quer nenhum filhote de homem por perto. Assim é a história de Mo-

gli, conhecido como o Menino Lobo, cujas aventuras foram criadas pelo escritor Rudyard Kipling (1865-1936) no século 19 (leia mais na pág. 3).

Essa história já apareceu em diversos desenhos e também foi interpretada por gente de carne e osso. Na próxima quinta-feira (14), ela retorna ao cinema em uma produção da Dis-

ney que mistura atores e muitos efeitos desenvolvidos por computador.

A tecnologia torna mais fácil mostrar Neel Sethi, ator de 12 anos que interpreta Mogli, em cima da pancha de um urso, enroscado em uma cobra gigante ou enfrentando um tigre cheio de dentes e garras.

No entanto, "Mogli - O Menino Lobo" não é des-

ses filmes com efeitos que fazem a gente nem prestar atenção na história. As aventuras são uma mistura de ação e aprendizado.

O menino descobre os riscos da selva e também aprende a amar e a respeitar a natureza e os bichos.

A palavra "lei" aparece muitas vezes no livro e no novo filme. Sem ela não é possível viver em comuni-

dade, seja com homens, seja com os animais.

O garoto cresce na selva, mas não se torna bárbaro, pois compreende que a lei é que faz todos serem iguais. "Mogli - O Menino Lobo" é cheio de ação, de sustos, fazendo a gente torcer pelo herói e ainda dar risadas. É o que muitos filmes querem, mas poucos conseguem.

Anexo E – Capa de 16 de abril da *Folhinha*

★
★
★

FOLHA DE S. PAULO
SÁBADO, 16 DE ABRIL DE 2016

folhinha

UM JORNAL A SERVIÇO DA CRIANÇA

Marcus Leoni/Folhapress

ROSELY SAYÃO
TODOS OS DIAS, TENTE
TER ALGO MARCANTE
PARA GUARDAR NA
LEMBRANÇA Pág. 2



fim da picada

Crianças tomam vacina e aprendem a evitar a gripe H1N1, que está deixando muita gente doente

Ana Júlia, 4, espera para se vacinar em São Paulo

CAROL OLIVEIRA
DE SÃO PAULO

Na última semana, Pedro Henrique de Jesus, 10, foi se vacinar contra gripe H1N1 em um laboratório particular de São Paulo. "Nossa, demorei bastante tempo na fila", conta.

Você já deve ter ouvido

falar nesse tipo de gripe, que é conhecida popularmente como gripe suína. Ela vem causando preocupação em muita gente. Até o último dia 2 de abril, 102 pessoas morreram no Brasil devido à doença, segundo o Ministério da Saúde.

"Quando assisto ao jor-

nal, vejo muita gente ficando doente. Fiquei preocupada", diz Marcela Cordeiro, 10. Isso fez com que a procura pela vacina aumentasse e gerasse as filas vistas por Henrique.

Letícia Toledo, 12, conta que na escola todos passaram a tomar medidas de

precaução. "Os professores mandam a gente sempre lavar as mãos", diz.

Isso porque a doença é transmitida por contato do vírus com os olhos, o nariz e a boca (saiba mais sobre a gripe e como se prevenir a ela na pág. 3). "Se eu vejo alguém espirrando sem

tampar a boca, dou uma bronca", diz José dos Santos, 10, que teve um tio diagnosticado com H1N1.

Para Ana Rayssa Gregório Lopes, 10, todos devem se prevenir. "Se você não se cuidar, vai infectar pessoas que não têm nada a ver com isso", diz.

Anexo F – Capa de 13 de março do JC Criança



Anexo G – Capa de 20 de março do JC Criança

Suplemento semanal

 **Jornal da Cidade**

Bauru, domingo, 20 de março de 2016

Ano 23 - Edição 1.167



Páscoa na escola

De uns anos para cá, a festa tem sido questionada por alguns pais e alunos: por que tratar uma celebração religiosa em ambiente escolar, já que o Estado brasileiro é oficialmente laico? “Não podemos ignorar os fenômenos culturais de nosso país”, responde Vânia Barone Monteiro.

Páginas 6 e 7



Anexo H – Capa de 10 de abril do JC Criança



Anexo I – Capa de 10 de abril do JC Criança



Anexo J – Capa de 17 de abril do JC Criança

